

Diário de Lisboa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFOS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL.: DIBOA — TELEX 1363REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

AO DIRIGIR UMA ORQUESTRA NÃO SOU MULHER — SOU MAESTRO

Está entre nós, para reger a Orquestra Sinfónica da E. N., a jovem e já famosa maestrina Sylvia Carduff, com quem um redactor do «Diário de Lisboa» conversou. Dessa conversa damos nota na nossa página central.



SENTIDO HUMANISTA DA EDUCAÇÃO

pelo prof. Vitorino Magalhães Godinho

É o homem, por excelência, educador e educável: quer isto dizer que não lhe basta para a vida o equipamento inato de condutas e tem de aprender a inventar percentagem esmagadora do seu comportamento. Entre os restantes animais o cabedal de reacções originariamente automáticas também é completado, em crescendo à medida que se sobe na escala zoológica, pelas reacções de aprendizagem e de inteligência, mas o primeiro basta em larguíssima medida. E ao invés do que acontece com os outros animais, na espécie humana o indivíduo leva longos anos até estar apto a viver pelos seus recursos próprios. Maturação lenta, por conseguinte, que o coloca na dependência do adulto até atingir por seu turno

(Continua na 10.ª página)

O Governo não pode deixar de ser fiel aos ideais corporativos

— afirmou o prof. Marcello Caetano
aos presidentes das Corporações

O prof. dr. Marcello Caetano recebeu, esta tarde, no seu gabinete de trabalho em S. Bento, os presi-

dentas das nove Corporações existentes.

Os visitantes chegaram ao Palácio de S. Bento pouco antes das 15 e 15, acompanhados do titular da pasta das Corporações, sr. prof. dr. Gonçalves de Proença, e foram recebidos pelo sr. dr. Paiva Brândão, que os acompanhou ao gabinete do Chefe do Governo.

Ao apresentar os presidentes das Corporações ao sr. Presidente do Conselho, o sr. prof. dr. Gonçalves de Proença começou por agradecer a honra concedida a toda a organização corporativa nacional e, através dela, a toda a população activa

(Continua na 11.ª página)



O ministro de Estado, eng.º Vaz Pinto, visitou esta manhã o Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, onde trabalhou com o director-geral e directores de serviços, apreciando problemas respeitantes à execução do Plano de Fomento. Na foto, obtida durante a reunião, figura ao centro aquele membro do Governo. (Ler notícia na 11.ª página)



Prof. MILLER GUERRA

CONFIRMA-SE A ESCOLHA DO PROFESSOR MILLER GUERRA PARA BASTONÁRIO DA ORDEM DOS MÉDICOS

Ler notícia na página central

Wilson e Smith conferenciaram a sós durante uma hora

GIBRALTAR, 10 — (R.) —
O primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, avistou-se hoje com Ian Smith num navio de guerra ancorado no porto de Gibraltar, para nova tentativa de solução da crise entre a Rodésia e a Grã-Bretanha que se arrasta há três anos.

A sessão começou às 8 e 30 (T. M. G.) a bordo do navio «Fearless» da Marinha britânica e tomaram parte delegações de ambos os países.

Ontem, Smith disse que as conversações seriam provavelmente a última possibilidade que a Inglaterra e a Rodésia tinham para resolver a questão da independência.

Os dois estadistas estiveram sós durante uma hora e em seguida chamaram os respectivos ajudantes. A sessão durou mais 70 minutos.

Círculos informados afirmam, porém, que estas discussões dizem respeito, principalmente, a questões de processo para a sessão de negociações propriamente dita que começará hoje à noite.

Ian Smith estava acompanhado do ministro da Justiça, Desmond Lardner Burken, o ministro dos Assuntos Exteriores, Jack Howman e outros funcionários.

A mesa da conferência a bordo do «Fearless», o primeiro-ministro britânico tinha a seu lado o secretário da comunidade, George Thomson, e o procurador-geral de Justiça «sir» Elwyn Jones.

Smith disse ontem à noite quando chegou que embora esperasse «que tudo correria pelo melhor» seria pura especulação falar naquele momento no êxito das conversações.

Wilson tinha dito antes numa conferência de imprensa que se houvesse acordo em dois princípios básicos, o regresso à constitucionalidade na Rodésia não tinha necessidade de ser tão difícil. Esses princípios, disse, eram a exigência britânica de um progresso sem impedimento para um Governo de maioria

africana na Rodésia e as garantias contra legislação retrospectiva em que os direitos dos não-brancos pudessem ser prejudicados.

DESEJO DE CHEGAR A ACORDO

GIBRALTAR, 10 — (F. P.) —
Nestas conversações — as primeiras que se realizam desde o seu en-

contro a bordo do cruzador «Tiger», ao largo de Gibraltar, há 22 meses — os dois primeiros-ministros procuram ver «se é possível chegar a uma solução mutuamente aceite do problema rodésiano». Esta frase do comunicado de Downing Street que anunciou o encontro, circunscreve o problema. Não se duvida de que a Rodésia, que regista algumas dificuldades apesar do malogro das sanções económicas, desejaria tanto como a Grã-Bretanha chegar a um acordo.

Todavia nem Wilson nem Smith estão seguros de que os respectivos pontos de vista — aparentemente radicalmente opostos — podem ser conciliados numa fórmula de compromisso. Esta situação levou ontem os dois estadistas a não se mostrarem optimistas. Wilson reafirmou os seus princípios, designadamente o respeito pelos «seis princípios», os quais prevêem, em substância, o acesso da maioria africana ao poder político na Rodésia.

NA 6.ª PÁGINA

ESPINHO

A SOCIEDADE
DE TURISMO
CANDIDATA-SE
NOVAMENTE
À CONCESSÃO
DA ZONA DE JOGO

HOJE — 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

De ontem para hoje

PORTUGAL-BRASIL

O chanceler do Brasil, Magalhães Pinto, regressou ontem ao seu país. Deslocara-se a Lisboa para visitar o Presidente Salazar, em coma, e aproveitou para ter outros contactos com diversas autoridades. Disse no aeroporto, o chanceler Magalhães Pinto, antes de embarcar: «Parto levando a certeza de que continuamos a manter com Portugal e com o seu novo Governo as mesmas relações que sempre mantivemos no passado, quando à frente dele estava o Presidente Salazar». E continuou: «Ontem, nos vários contactos que tive, de modo especial com o Presidente do Conselho Prof. Marcello Caetano, e hoje com o almirante Américo Thomaz, Presidente da República, pude reafirmar que o Brasil continua amigo de Portugal, que o Brasil deseja incrementar cada vez mais as suas relações com Portugal, tanto no aspecto económico como no cultural, para alicerçarmos os passos concretos dessa tradicional amizade que sustentamos há muito tempo. Os nossos laços são especiais e fraternais; queremos que eles, e continuem a ser e sabemos que esse é o desejo do povo português e do seu Governo. Por isso, nesta hora em que deixo de novo este País, onde vim numa missão de homenagem ao Presidente Salazar e para conhecer o novo Presidente do Conselho, entrego por intermédio do meu colega e amigo Franco Nogueira a mais calorosa saudação ao povo de Portugal e ao seu Governo a certeza da solidariedade do Brasil.»

NA AVENIDA DA INDIA

Um táxi seguia pela Avenida da Índia. Era conduzido pelo sr. Manuel Ferreira Cordeiro de 58 anos, e foi esbarrar nas traseiras de um autocarro guiado pelo sr. Joaquim Jordão Ribeiro. Foi perto da Feira das Indústrias e feridos ficaram o motorista do táxi e o passageiro do mesmo, sr. Luís Gonçalves, de 61 anos.

A BOMBA DE FOGUETE

Regressavam da festa de Nossa Senhora das Areias, em S. Jacinto, perto de Aveiro, os meninos Armando Santos e José Augusto Gonçalves Pereira, ambos de 13 anos. Encontraram uma bomba de foguete e atiraram-lhe fogo. Explodiu e ambos eles ficaram bem feridos nas mãos. Seguiram ambos para o Hospital da Misericórdia de Aveiro.

A FURGONETA PELA RIBANCEIRA

Na estrada de Zebal, na serra da Cabreira, perto de Vieira do Minho, seguia uma furgoneta conduzida pelo sr. Manuel Maria Gonçalves Pereira, de 29 anos, do lugar de Corba, Montalegre. Em dada altura o veículo despistou-se e foi cair da altura de 50 metros. Ficou destruído. Morreu o condutor e muito gravemente ferido ficou Albino Gonçalves de Carvalho, de 16 anos, que seguia na furgoneta.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu em audiência os srs. eng. Vaz Pinto, ministro de Estado; general Andrade e Silva, director da Academia Militar; eng. Jorge Jardim; dr. Jorge de Melo; dr. Correia de Barros; D. José Seisal; e Luís C. Lupi.

AFOGADO NO TEJO

Mário Octávio Constantino, de 13 anos, morador em Alverca, foi passear para a beira do Tejo. Almoçou e pouco depois foi para o rio. Submergiu-se logo e lá ficou nas águas do Tejo o pobre rapaz, vítima da sua imprudência.

CONTRAFACÇÃO LITERÁRIA NO TRIBUNAL DA BOA HORA

O caso do livro «Luanda» foi ontem mais uma vez adiado no 3.º Juízo Correccional da Boa Hora, sob a presidência do juiz dr. Augusto Pais de Almeida.

O queixoso é o escritor Luandino Vieira, pseudónimo de José Vieira Mateus da Graça, autor daquele volume que foi apreendido em determinada altura, e que foi premiado na Sociedade Portuguesa de Escritores. Da apreensão do livro, da prisão do autor e do prémio se aproveitaram alguns comerciantes, segundo a pronuncia, para fazerem edição clandestina de 4000 exemplares que venderam depois, nas li-

vrarias, em particular, como se ela tivesse sido feita no Brasil.

Os réus são os srs. Inocêncio de Almeida Araújo, de 37 anos, Oscar Pereira Rodrigues, de 41, José António Neves Santos, de 34, e Paulo Tiago Monteiro Dias de Castro, de 41.

Da contrafacção se queixa Luandino Vieira, pelo seu advogado dr. J. Pires de Lima. Há um pedido de indemnização civil de 191 300 escudos. No pleito intervêm também, patrocinando os réus, os srs. Luís Pedreira, Francisco Salgado Zenha, Moreira da Costa, Sebastião Ribeiro e António Maria Monteiro Junior.

COZINHA VELHA

QUELUZ—TELEFONE 95 02 32

Informamos os nossos Ex.ªs Clientes que, depois de amanhã, sábado, dia 12, a nossa Sala «COZINHA VELHA» e o «TERRAÇO», se encontram reservados para um LANCHE DE CASAMENTO, servindo-se no entanto na «SALA DE BANQUETES» os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares.

A DIRECÇÃO

Agradecemos que as mesas para os Jantares sejam reservadas até às 19 horas.

MAGNÍFICOS ANDARES

AS PORTAS DE LISBOA — ALGÉS

Situação excepcional, junto à Praça de Touros de Algés, 4 e 5 amplas assoalhadas, cozinha, casas de banho, despensa, etc. Bem servidas de transportes. Temos uma solução para cada cliente.

LOTES 90, 130 e 131

AVENIDA PRINCIPAL DE MIRAFLORES

S. P. O. C.—Soc. Portuguesa de Obras e Construções, Lda.

Telef. 21 22 88 - 21 31 02

A REVISÃO DO ACORDO COLECTIVO DE TRABALHO DO PESSOAL DA C. P.

Do Secretariado Nacional da Informação recebemos a seguinte nota:

«1—Publicaram, há dias, os órgãos da Informação, a notícia de que fora enviada, em 30 de Setembro último, à Presidência do Conselho, uma exposição subscrita pelo pessoal dos escritórios da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (C. P.) em que se pedia a revisão das condições de prestação de serviço e a substituição «muito urgente» do vigente acordo colectivo de trabalho.

2—Porém, a revisão das condições de trabalho de todo o pessoal da C. P., além da concessão de outras regalias, fora já, anteriormente, encarada pelo Governo, tendo naturalmente em conta a situação financeira da empresa e o custo dos transportes em caminho-de-ferro para os respectivos utentes.

3—Tanto assim que, como aliás o divulgou oportunamente a Imprensa (25 e 26-9-68), o ministro das Corporações e Previdência Social, com a concordância do seu colega das

Comunicações, determinou, por portaria de 23 de Setembro do corrente ano, a constituição de uma comissão, de que fazem parte os representantes legítimos dos trabalhadores, cuja tarefa será rever, em vários aspectos, as disposições do acordo colectivo de trabalho actualmente em vigor para o pessoal daquela companhia.

4—A referida comissão foi assim constituída:

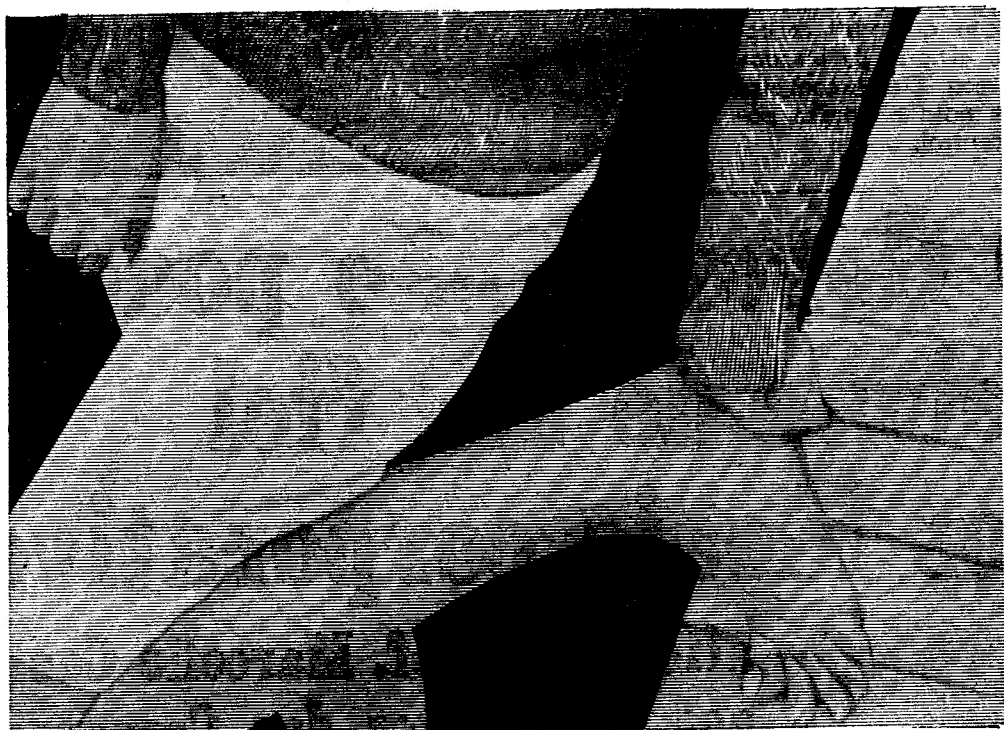
Presidente, director-geral do Trabalho, dr. José Carlos Ferreira. Vogais, dr. Diamantino dos Santos Marques, do Ministério das Comunicações; dr. Mário Ferraz de Oliveira, do Ministério das Corporações e Previdência Social; dr. Mário Malheiro Reimão e eng.ª António Costa Macedo e Roberto Espregueira Mendes, da C. P.; Olímpio da Conceição Pereira, presidente do Sindicato dos Ferroviários do Sul de Portugal; João Moita Dinis, presidente do Sindicato dos Ferroviários do Centro de Portugal; Luís Ramos Dias, presidente do Sindicato dos

Ferroviários dos Serviços Centrais; Mário Gonçalves, presidente do Sindicato dos Electricistas do Distrito de Lisboa; e Pulquerio Martins de Almeida, presidente do Sindicato dos Profissionais de Enfermagem.»

Problemas de trânsito em Almada

O «Diário do Governo» publica hoje várias alterações à postura de trânsito em vigor na vila de Almada, pelas quais fica proibido o estacionamento de veículos e animais, na R. Francisco Andrade (entre a R. Bernardo Francisco da Costa e o n.º 15 daquela artéria) e são estabelecidos parques de estacionamento na mesma Rua Francisco de Andrade e na Praça Prof. Cavaleiro de Ferreira, a assinalar devidamente por placa.

CANAL 1



NÃO SOFRA UM MINUTO MAIS
dos
SEUS PÉS

É um facto...

Ainda há quem diga "tenho horror aos sapatos novos" Agora que tudo mudou com o lançamento do calçado PODOLIZADO até custa a crer em tanto conforto, mantendo a elegância, sem custar mais.

Este tipo de calçado foi de tal

forma concebido que evita as deformações e atrofiamentos dos pés, dado que possui um alojamento adequado, além de manter a forma permanente.

Diga NÃO ao seu calçado habitual e verá como temos razão. PODOLIZADO para homem, senhora e criança.

PODOLIZADO • sapato novo...conforto de velho

Exija o selo de garantia



Gabinete Português de Podolização

Ora diga-nos...

— Irá este ano a algum concerto?

Estamos a entrar na temporada de concertos. O leitor já sabe que, até Março, pelo menos, vai ter à sua disposição trinta dessas manifestações musicais, que vão desde os concertos coral-sinfónicos até aos simplesmente sinfónicos, passando pela música de câmara.



resisto a Beethoven.
— Vamos ver!!

● Ouvimos depois o sr. Henrique Caetano Simões:

— Fui durante algum tempo empregado no cinema Tivoli. Por isso às vezes ouvia concertos. Sem querer, claro, porque não é coisa que aprecie.



funcionária pública, que nos declarou:

— Garanto-lhe que, se arranjar umas borlas, não perco um dos concertos da E. N. E. há todas as possibilidades de o conseguir. Gosto muito de ir a concertos e mesmo em casa, às vezes, ouço música sinfónica. Dependendo do meu estado de espírito. Se estou então aborrecida não falho!!!



● Foi finalmente a sr.ª D. Lídia Luz,

— Há poucos dias que cheguei de férias — disse-nos a jovem Júlia Maria Jales, aluna dum curso de secretariado de direcção. Por isso não tive ainda tempo de fazer quaisquer planos. Quanto a concertos posso dizer-lhe que todos os anos assisto a alguns. Desta vez ainda não sei se terei tempo e... dinheiro. Dificilmente

«PARODIANTES»: Nova orientação do programa PBX e resposta a Fialho e Carlos Cruz

Os «Parodiantes de Lisboa» deram ontem a conhecer, durante uma reunião de imprensa realizada na sua actual sede, um décimo terceiro andar na Avenida dos Estados Unidos da América, as perspectivas da nova orientação do PBX. O programa tem sido falado ultimamente em virtude do conflito gerado entre os realizadores, Fialho Gouveia e Carlos Cruz, e os produtores, os «Parodiantes de Lisboa», conflito que terminou com a saída dos dois primeiros da equipa responsável.

O programa — dizem os Parodiantes — terá «um modo de apresentação baseado em comunicabilidade mais simples e solta, embora com economia de palavras». Tentará uma «transmissão mais frequente de estudos sonoros e ensaios radiofónicos e fará experiências para uma Rádio-arte-nova». Entretanto, dirá «não ao sensacionalismo e não aos círculos fechados, aos clãs de ouvintes».

No que respeita à selecção musical, problema que esteve na origem do diferendo entre realizadores e produtores, os Parodiantes anunciam que se fará uma tentativa para contentar um público de gostos diferentes, doseando o tipo de música escolhida. Outras características do programa manter-se-ão, como as reportagens de rua, os inque-

ritos, a divulgação cultural, noticiário, as notícias relativas às actividades estudantis. Diariamente será apresentada uma rubrica de bom humor pela equipa dos Parodiantes, como é natural. Por outro lado, o programa promoverá o aumento das suas redes de correspondentes-reporteres, apresentando desde já diariamente um apontamento do Porto e todas as semanas apontamentos das suas extensões de Coimbra, Lourenço Marques, Luanda e Londres.

As razões invocadas contra Fialho Gouveia e Carlos Cruz

Como classificam os Parodiantes o PBX e a actividade dos seus realizadores ao longo da existência do programa? Nos comunicados distribuídos à imprensa diz-se: «Nos primeiros treze meses o PBX foi um excelente programa de rádio, apoiado no prestígio e na capacidade do Rádio Clube Português, no indelével prestígio dos «Parodiantes de Lisboa», nos meios financeiros postos à disposição dos realizadores, que atingiram cifras absolutamente invulgaras no nosso meio; e no indiscutível talento dos ex-realizadores».

Sobre as razões da saída de Carlos Cruz e Fialho Gouveia do PBX, os irmãos Rui Andrade e José Andrade dizem também de sua justiça. Os realizadores são acusados de abusos de autoridade, como muitas decisões tomadas sem prévia consulta dos produtores, envolvendo embora despesas sérias, a leitura a destempe e indisciplinada da publicidade, a concessão de férias, sem conhecimento dos produtores, a elementar da equipa do PBX e o envio de gravações com apontamentos dos programas de PBX para programas alheios à organização, sem a respectiva autorização dos produtores. O problema mais grave foi o da selecção musical, que os Parodiantes afirmam não ter agradado à maioria do público. Os Parodiantes declararam também que a especulação criada à volta de uma possível cedência do título a favor dos locutores Fialho Gouveia e Carlos

Cruz não tem fundamento, pois não se justificaria abandonarem esse título quando já investiram no programa algumas centenas de contos. Os ex-realizadores são ainda acusados de darem, por motivos da sua vida profissional, pouca assistência ao programa, o que obrigava ao aumento das despesas.

Os «Parodiantes» escrevem uma revista para o Monumental

— Somos uma equipa que trabalha há 22 anos na Rádio comercial — disse Rui Andrade. — É evidente que as nossas realizações têm de ser comerciais.

— Houve pressão dos anunciantes em relação ao caso PBX?

— Pressão não houve, mas alguns anunciantes manifestaram o seu descontentamento pela forma como as coisas se estavam a passar.

Além do caso PBX (ao que parece um problema de oposição de interesses produção-realização, ou seja, entre objectivos comerciais e objectivos de qualidade e estilo) a reunião teve outros fins: dar a conhecer a data da inauguração da nova sede dos Parodiantes, na Av. dos Estados Unidos, lote 945, 1.º andar: 21 de Março de 1969, dia em que os «Parodiantes» completam 22 anos de vida. Uma grande festa no Castelo de S. Jorge, a «ocupar» com autorização do Presidente do Município, comemorará o acontecimento. Outras notícias: confirma-se que os «Parodiantes» estão a escrever uma revista para o Monumental, que inaugurará a nova época. Na revista, escrita por José Andrade, Rui Andrade e Manuel Puga e conduzida musicalmente pelo maestro José Mesquita, participa o actual elenco daquele teatro e outras atracções nacionais e estrangeiras; ainda este ano os «Parodiantes» apresentarão um novo programa matinal, com a duração de uma hora; ainda este ano o PBX será transmitido diariamente por uma emissora de Luanda. Finalmente, foi aumentado para uma hora o programa «Graça com todos», transmitido por Rádio Eclésia.

CLAUDIA CARDINALE LANÇADA NO TURBILHÃO DE UMA VIDA INCERTA E DIFÍCIL DESPERTA A PRIMEIRA AVENTURA SENTIMENTAL NUM JOVEM DE DEZASSEIS ANOS JACQUES FERRIN



UM FILME PREMIADO NO FESTIVAL DE CANNES

4.^a SEMANA DE ENCHENTES

A RAPARIGA DA MALA

estudio 444

Exclusivo DOPERFILME — As 15.30, 18.30 e 21.45 — ADULTOS

PROBLEMAS DE QUELUZ AGUARDAM RESOLUÇÃO COM MUITA URGÊNCIA

QUELUZ, 10. — Tendo comemorado recentemente o 7.º aniversário da sua elevação a vila, Queluz, com os seus 45 mil habitantes, é hoje a povoação mais populosa do concelho de Sintra e a que maiores proventos oferece ao respectivo município.

Apesar disso e mau grado o seu

constante crescimento demográfico, Queluz não tem recebido das entidades oficiais as atenções que merece.

Já por diversas vezes assinalámos algumas das mais prementes necessidades desta vila. O mesmo tem acontecido em algumas reuniões camarárias, mas, até agora, pouco ou nada tem sido feito.

Há, na verdade, muito que rever. Alguns exemplos: o sistema de iluminação pública, muito deficiente; o estado do pavimento de algumas artérias; o problema da passagem de nível e das passagens improvisadas na linha férrea; o estacionamento de veículos; o Liceu Nacional; o problema da recolha do lixo; etc., etc.

Muitos mais exemplos poderiam ser apontados, mas estes bastam. Queluz bem merece mais atenção. E se outros motivos não houvesse, invocariamos a sua qualidade de centro turístico que, de Janeiro a Setembro, recebeu 130 mil visitantes.

MILITARES FALECIDOS NO ULTRAMAR

LUANDA, 10. — (L.) — Por desastre, faleceram, nesta província, os soldados 027913/67, António da Costa e Silva, natural de Lisboa, filho de Vitor Tavares da Silva e Maria da Costa e Silva, casado com Deolinda Teixeira da Silva; e 007569/66, Jorge Manuel Barroca Jacinto, natural de Coruche, filho de Manuel Jacinto Junior e de Maria Natércia Barroca.

LOURENÇO MARQUES, 10. — (L.) — Faleceu nesta província, vítima de desastre o soldado 0452146/67, Manuel Anjos Pinto Granado, natural da Metrópole.

OS TRINTA ANOS DE UM CURSO JURÍDICO

Nos dias 25 e 26, o Curso Jurídico de Lisboa de 1933/38 vai celebrar os seus 30 anos de formatura que inclui, no primeiro dia, às 11 e 30, uma visita à nova Faculdade de Direito na cidade universitária, falando em nome do curso, o sr. dr. Afonso Costa Valdez dos Santos; às 13, missa na igreja dos Mártires (ao Chiado); e às 20 e 30, jantar na Casa do Leão, no Castelo de São Jorge.

No dia 26, às 20 e 30, haverá um jantar dos elementos do curso com as respectivas esposas, no Casino Estoril. O secretário da comissão é o sr. dr. António Duarte Silva, Rua Andrade Corvo, 14 (telefone 14250), com quem os interessados devem contactar.

QUER APRENDER A LÍNGUA RUSSA?

No Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina estão abertas, como nos anos anteriores, as inscrições para a frequência dos cursos livres de Russo e de Cultura e Civilização Eslavas, (ambos para os 1.º e 2.º anos). As aulas começarão no dia 31 e funcionarão depois das 18 horas.

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

DIAS 11, 12 E 13 ÀS 18,30 HORAS COM 50 % DE DESCONTO PARA ESTUDANTES BILHETES À VENDA • ADULTOS

FESTIVAL RICARDO BANDEIRA

O HISTRIONICO ARTISTA BRASILEIRO EM PORTUGAL COM O PATROCÍNIO DA EMBAIXADA BRASILEIRA APOIS LONGA «TOURNEE» PELA EUROPA

1.º ESPECTÁCULO

«BRASIL EM RITMO DE ALEGRIA»

PRÓXIMAMENTE

«AUTOBIOGRAFIA PRECOCE» de EYTUCHENCO e «HAMLET» de SHAKESPEARE



DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

MARIA VITÓRIA

«Grande Poeta é o Zé!...»

Lisboa inteira está passando pela Maria Vitória, que todas as noites esgota as duas sessões, às 20 e 45 e às 23 ho-

ras, com a engraçadíssima revista «Grande Poeta é o Zé!...».

Giuseppe Bastos e Vasco Morgado são os produtores deste sensacional espetáculo, que tem uma excepcional montagem, dirigida por Hernani e Rui Martins e um lindo guarda-roupa, confeccionado nos Ateliers Paiva, sob a direcção

de Josefina Soares, segundo figurinos de Mário Alberto.

A revista foi escrita por Aníbal Nazaré, Eugénio Salvador e José Viana (Prémios de Imprensa — 1967) e tem linda música de João Nobre e Carlos Dias.

A frente da grande companhia da Maria Vitória, estão os queridos artistas Salvador, José Viana, Mariema, Max, Anita Guerreiro, Dora Leal, e Vítor Mendes, com a colaboração de Mariano Franco, Rosemary, Nina Flores, Sara Rafael e Tânia Mota e de um notável grupo de bailarinas, bailarinos e «girls».

Todas as noites, nas duas sessões, a Maria Vitória deita por fora, com a sensacional e engraçadíssima revista «Grande Poeta é o Zé!...».



HIPPIES

FAÇA-SE MEMBRO DA HIPPIES E OBTENHA O SEU CARTÃO.
PEÇA CONSELHOS DA NOVA MAQUILAGE DE INVERNO

Rua Rodrigo da Fonseca, 82-A — Telefone 45891

ALMOCE E JANTE

NO

CIRCUITO

AV. CASAL RIBEIRO, 17 - A

**PODEROSOS NA FORÇA!
INCRÍVEIS NA AUDÁCIA!
PRODIGIOSOS NA AGILIDADE!**

NADA OS DETÉM NAS SUAS
ESPECTACULARES AVENTURAS

com

**TONY KENDALL
BRAD HARRIS
NICK JORDAN**

EASTMANCOLOR

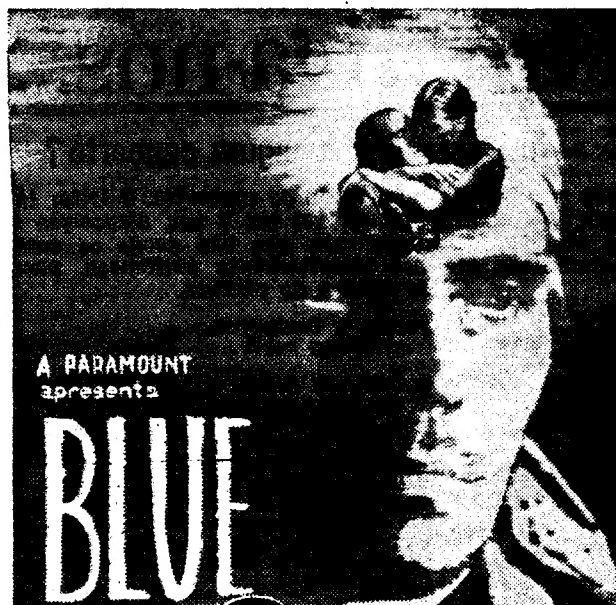


**OS 3
SUPER-HOMENS**

E AS MAIS PERTURBANTES BELDADES!

ESTREIA AVIS

AMANHÃ — ADULTOS



A PARAMOUNT
apresenta

BLUE

**BLUE
DOIS HOMENS
NUM SÓ...
HERÓI! RENEGADO!
ASSASSINO!
APAIXONADO!**

UMA PRODUÇÃO
NETLEDGUM
COR.

TERENCE STAMP · JOANNA PETTET · KARL MALDEN

RICARDO MONTALBÁN ASS. DE MEADE ROBERTS · RONALD M. COHEN

PROD. DE RONALD M. COHEN · JUDY BERNARD and IRWIN WINKLER · PATRICIA CASEY · SILVIO MARIZZANO

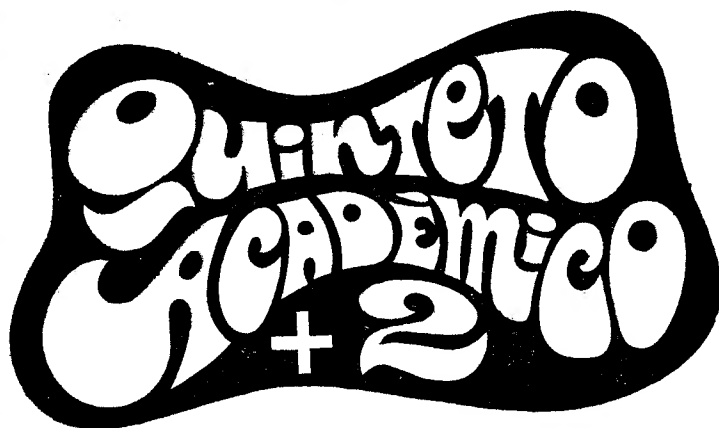
MUSIC BY MANOS HADJIPIAKIS · PANAVISION · TECHNICOLOR

ADULTOS É UM FILME PARAMOUNT

AMANHÃ

ÀS 21.45 EMOCIONANTE ESTREIA NO **EDEN**

**são sete
são famosos
são diferentes
e são**



que cria e interpreta

LOVE LOVE LOVERMAN
LET ME HEAR IT FROM YOU
THE INCREDIBLE MISS BROWN
I'LL NEVER BE THE SAME AGAIN



DISCO 7101 00 0000 71EM 3215

A venda nos revendedores habituais e em

VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S.A. R.L.



ORQUESTRA DE CÂMARA GULBENKIAN

TEMPORADA DE 1968/69 • LISBOA • TIVOLI, às 18.30 h.

* 1.ª SÉRIE DE CONCERTOS — 23 de OUTUBRO • 13, 20 e 27 de NOVEMBRO
4, 11 e 18 de DEZEMBRO

* 2.ª SÉRIE DE CONCERTOS — 21, 22 e 29 de JANEIRO • 5, 12 e 26 de FEVEREIRO
5, 12, 19 e 26 de MARÇO

MAESTROS

Gianfranco Rivoli, Helmut Müller-Brühl, Carlo Zecchi, Manuel Ivo Cruz, Ernesto Garcia Asensio, Pierre Salzmann, David Zinman, Maurice Suzan, Mario Benzeckry

SOLISTAS

Piano: Nikita Magaloff, Fou Ts'ong, Fernando Lares, Marisa Borini, Kjell Baekelund, Olga Prats

Violino: Leonor Prado, Jean-René Cravoin, Ana Lysy

Violoncelo: Aurora Natola, Elias Arizcuren

Flauta: Jean-Pierre Rampal • **Clarinete:** Hans Rudolf Stalder

Cravo: Maria Malafaia, Cremilde Fernandes • **Harpa:** Clotilde Rosa

Vibrafone: Júlio Campos

Cantores: Helena Cláudio, Alvaro Malta, Elsa Saque, Fernando Serafim, James Bowman, April Cantelo, Raimund Herinx, John Mitchinson, Norma Procter

PROGRAMAS EM DISTRIBUIÇÃO NA BILHETEIRA A PARTIR DE HOJE

CALENDÁRIO DA BILHETEIRA: Hoje e amanhã — Venda de assinaturas a antigos assinantes; dias 12, 13 e 14: venda de assinaturas a novos assinantes; dia 16 — início da venda de bilhetes avulso para todo o público.

50% de desconto a estudantes • Concerto de 21/Janeiro (excepcionalmente, às 21.30 h.): maiores de 12 anos

• Restantes concertos: maiores de 6 anos.

O «Diário de Lisboa» vende-se em Sobral de Monte Agraço no restaurante «Toca do Coelho» do sr. Joaquim Francisco Eleutério.

TV

DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

QUARTO DOS BRINQUEDOS E OUTRAS NINHARIAS

— Bem. Pelo menos no «Quarto de Brinquedos» desta vez não se cantou. Foi lucro. Sensaborona, sem encanto, sem poesia, sem nenhuma espécie de alma a lição de engenharia de pontes. Aquela complicação das pontes levadas!... E o jogo dos baldinhos, o jogo do macaco, enfim. Continua a voz desagradável, a falta de naturalidade, a incapacidade de Maria Isabel para aproveitar as virtualidades criadoras dos meninos. Ontem, o que aconteceu de vivo partiu deles. Mas não esteve lá ninguém que soubesse aprender a lição das crianças, despertadas apesar de todos os espantilhos.

Eliminem aquele tormento final do espelho. Já viram o que é aquilo, aquela voz cruelmente inexpressiva, aquele desfiar de nomes terminados pelo SI, que nem gramatical é, já repararam o que é aquilo 150 vezes por ano, pelo menos? Vá, poupem-me, ké pra ver se duro mais um bocadinho com o juízo todo, ao tempo a que cheguei já a nada mais aspiro.

Deixem ver se me recordo o que veio a seguir. Ah, já sei. Foi o Programa Feminino, com a locução de Maria Leonor (pois claro, faltava-se de trabalhar!). O programa, como oportunamente se declarou, veio a ter «acentuado cunho de elegância». Eram casacos e chapéus. Cabedal do Alasca, cintos de pele de lontra, chapéus de raposa e assim por diante. O tal «cunho». E os desgraçados dos bichos é que pagam o patau. Haverá na natureza forças erosivas mais poderosas do que a «mulher elegante»?

A «mulher elegante é aquela mulher que...» Agora sabia-me bem uma imitaçãozinha de Padre António Vieira. Porém não tenho tempo, indispensável, como ainda me é, referir-me a «Vida Sã em Corpo Sã».

Final, enganei-me. A lição sobre a arte de respirar foi, na realidade muito útil, mas só ouvi-la. Explícita não tem jeito. Recordo aquela expressão da cabeça levantada: há que respirar bem, de cabeça levantada.

Ramiro da Fonseca e eu de perfeito acordo: respirar, sim, mas de cabeça erguida. Claro que esta posição exige por vezes sacrifícios. Ora respondam lá: para viver de cabeça baixa vale a pena respirar?

TV MUNDO, COM NANCY SINATRA

— Toda a rubrica foi preenchida pela actuação da filha do pai a quem se meteu na cabeça que cantava um mighalinho.

E canta. Não tenhamos também esta mania que o paizinho é que faz tudo. O paizinho pode muito, isso pode. Dinheiro, influências, jornais, emissores de televisão e rádio, estúdios de cinema, casinos, «boîtes» (vocês sabem, Las Vegas...) e assim por diante. De maneira que. Logo ao princípio do TV Mundo quando a Nancy sobe no balão, a gente percebe logo que quem assopra o balão e o faz subir, subir, subir, é o pai. O pai Sinatra. «Daddy», como se lhe chama no genérico.

Aliás, em toda a rubrica esteve presente, como acentuou Pedro Moutinho, «a ternura do pai pela filha e a devoção da filha pelo pai». Dá vontade de dizer como Augusto Gil: «Santo amor de família...»

Fora piadas: na publicidade de Nancy, através desta rubrica, investiram-se nomes, qualidades técnicas e dinheiro em quantidades verdadeiramente excepcionais. Seria impossível não resultar. Resultou, claro, em especial como espectáculo, como demonstração da linguagem televisiva que os americanos dominam tão completamente. Tudo se conjugou para servir Nan-

HOJE PODE VER...

• Às 21 e 55: Noite de cinema

Na sua rubrica «Noite de cinema», a R. T. P. apresenta esta noite, o filme de grande metragem intitulado «O último hurrah», que foi realizado por John Ford e interpretado pelos artistas Spencer Tracy, Jeffrey Hunter, Dianne Foster, Pat O'Brien e Basil Rathbone.

pertencer ao clã Sinatra, deixa. Até dá para ter casa com piscina, barcos, aviões particulares, o caneco. Enfim, dá para tudo, menos para ter o prazer de dizer: «o rei vai nu». Ou seja para dizer: Nancy não tem mesmo gracinha nenhuma. E não tem. O resto é Sinatra...

MISSÃO IMPOSSÍVEL

Esta rubrica inaugurou ontem outro estilo. O outro estava, como costumava dizer Maria Leonor, muito visto. Já não houve aquela fantasia do sr. Phelps a ir buscar as ordens aos locais mais disparatados. E também já não utilizaram as fantasias electrónicas. E não fizeram furos na parede. Resumindo: vestiram o fato clássico das séries de propaganda ideológica americana. Um especialista em ov de missões refugiou-se na América «porque estava descontente com o seu governo e queria ajudar o povo ameri-

(Continua na 1.ª página)

RICARDO BANDEIRA: UM «HOMEM-ESPECTÁCULO» COM IEVTUCHENKO E SHAKESPEARE NA BAGAGEM

É um verdadeiro homem de sete ofícios o actor Ricardo Bandeira, que ontem foi apresentado a um publico restrito de actores, jornalistas e personalidades ligadas ao teatro, no decorrer de um «cocktail» realizado no teatro Villaret, com o patrocínio da Embaixada do Brasil.

Apenas com trinta anos de idade, Bandeira é actor, autor, bailarino, músico, encenador, escritor, músico, o «one-man» da sua criação «One-man-show», poeta e prepara-se para ser também realizador de cinema...

Depois de ter estudado violino, teatro, literatura, «ballet» e cenografia, escreve as suas primeiras peças para o teatro declamado. Interpretou de Offenbach, em S. Paulo, aluno de Jean Louis Barrault e de Marcel Maucrau, em Paris, amigo de Ievtuchenko e de outros intelectuais da moda, na União Soviética, primeiro prémio do Festival de Teatro de Helsinquia em 1962, cria no Brasil vários espectáculos para actor só, mais frequentes na América do Sul que na Europa. Entretanto, prepara, para quando voltar

ao Brasil, a montagem de «História da Incivilização» e um filme em que pretende «prossegui», mas em termos brasileiros, no caminho que Charles Chaplin interrompeu em «Luzes da Cidade».

— Venho a Portugal a convite de Vasco Morgado e Raul Solnado para dar quatro espectáculos — declarou. — Sou um actor com um estilo próprio, que deve muito à mímica. Conto estar um mês em Portugal.

Ricardo Bandeira dará três espectáculos no Villaret, a partir de amanhã, e até ao dia 13, no horário das 18 e 30: «Brasil em ritmo de alegria», «Autobiografia Prematuro», de Ievtuchenko, com poemas de Małakowsky, e «Hamlet», de Shakespeare, em mimodrama e para um unico actor.

Durante o «cocktail», Ricardo Bandeira, que apesar de perfeito nunca se separa de uma elegante bengalhinha, respondeu a várias perguntas:

— Porque usa essa bengala?
— É a minha gravata de mão...
— Quer dizer que a gravata...
— É a bengala de pescoço.

SÃO JORGE

APRESENTA EM

2ª SEMANA

DE LOTAÇÕES ESGOTADAS

NO CALOR DA NOITE

IN THE HEAT OF THE NIGHT

MELHOR ACTOR
ROD STEIGERMELHOR ARGUMENTO
MELHOR SOM
MELHOR MONTAGEM

MELHOR FILME DO ANO VENCEDOR DE 5 OSCARS



United Artists COM SIDNEY POITIER • ROD STEIGER

ADULTOS
COLOR DeLuxe

COLISEU

HOJE, às 21 e 30
(Maiores de 12 anos)GRANDE COMPANHIA
INTERNACIONAL
DE CIRCOATRAÇÕES DE CATEGORIA
PALHAÇOS

No CADAVAL o «DIÁRIO DE LISBOA» é distribuído pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SILVA ROSA.

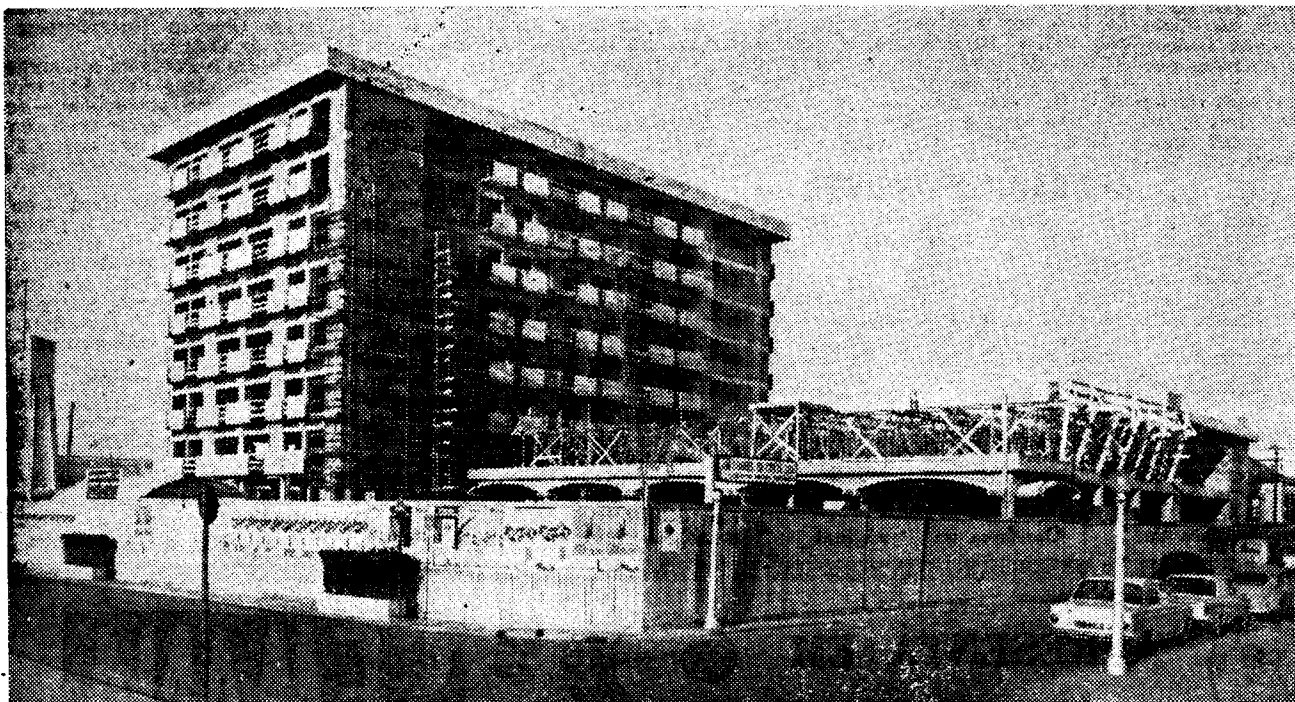
«Escalando» o País: Casos do Norte

ESPINHO

A SOCIEDADE DE TURISMO CANDIDATA-SE NOVAMENTE

À CONCESSÃO DA ZONA DE JOGO

De um nosso enviado especial



Custará mais de 40 mil contos o Hotel de Turismo de Espinho

APESAR dos dividendos mínimos que repartiu pelos accionistas nos últimos dez anos (387 contos de um lucro líquido de 6840), a Sociedade de Turismo de Espinho vai candidatar-se novamente à concessão da zona de jogo temporário. O seu argumento de maior peso é um hotel de 120 quartos, cuja construção pode considerar-se em fase muito adiantada e representa, já hoje, um empate superior a 40 mil contos.

— Mais que o jogo — disse-nos um membro do corpo de gerentes da S. T. E. — queremos a promoção da vila. Veja-se a remuneração dos administradores, que é puramente simbólica: ganhamos metade do ordenado de alguns funcionários da empresa.

Espinho — mais de 10 mil habitantes fixos, o triplo ou o quádruplo na época de Verão, não contando milhares de pessoas que aqui se deslocam durante umas horas, sem necessidade (ou sem possibilidade) de sublocar uma residência de férias.

Espinho — ritmo acelerado da construção civil, aumento constante da rede de energia eléctrica. Problemas vários. Posição algo secundária (apesar de tudo) do capítulo «fomento turístico», por falta de verbas condizentes com a situação excepcional da vila-praia. Ligações ferro-

sulas, três muito significativas:

— contribuir com 30 por cento dos lucros líquidos para as antarquias locais de assistência, cultura e desporto;

— entregar a oito instituições locais, para serem integradas no respectivo património, 300 acções da

Misericórdia, Centro de Assistência Social, Patronato da Divina Providência, Bombeiros Voluntários de Espinho, Bombeiros Voluntários Espinhenses, Sporting Clube de Espinho, Associação Académica de Espinho e Orfeão de Espinho) repartiu a S. T. E., no último decénio mais de 2300

to do festival, registámos o seguinte:

— É um investimento grande, e estamos interessados em dar-lhe projecção autêntica. Até agora, porém, falhou num ponto: o nível modesto dos compositores a concurso.

Em dez anos foram gastos oito mil contos na beneficiação do Casino (cinco mil por mera iniciativa da S. T. E.) Está uma casa bonita, com um ambiente que vai do familiar ao cosmopolita. Mesa excelente no restaurante, boas atracções nos sucessivos «shows» cinema com muita frequência — e um pequeno bar onde se toma a «bica» ao preço normal.

No período agudo das obras houve que remover terra com cestos, lembram, dissimulando mal uma a

em dez anos de 3600 contos. Vai custar mais de 40 mil, segundo a traça sucessivamente actualizada pelo arquitecto Jerónimo Reis.

Obtido um financiamento de 13 mil contos do Fundo de Turismo, e considerado já os escassos lucros pró-hotel, a Sociedade de Turismo de Espinho lançou mão de vultosos empréstimos particulares.

— Só o juro destes capitais — sublinhou um administrador — representa um pesado encargo para a exploração futura do hotel. Exploração que se sabe de antemão deficitária, com o hotel ocupado durante dois meses no ano, ou pouco mais. Mas Espinho tem de sair da relativa mediania, tem de dar um salto.

São sete pisos à beira-mar, 120 quartos com casa de banho anexa (incluindo 12 suites, duas por andar habitado), sala de jantar, restaurante, bares, salas de convívio, sala de conferências, garagem privativa. O Hotel de Turismo disporá também, de mini-golf e campo de badminton sobre a laje do tecto da garagem. Na face voltada à praia está prevista a implantação de cinco estabelecimentos comerciais.

Inédito, (em Espinho): uma *boite* aberta durante todo o ano, o que poderá constituir a desejada atracção extrabalnear para a gente nova. Faz parte do projecto do hotel.

Na vila-praia, onde o tema é comentado a todos os níveis, não deixa de referir-se que a S. T. E. actuou sempre com exemplar desprendimento dos lucros. O dirigente de uma colectividade regulamentar beneficiada vai mais longe e acrescenta:

— Devemos ao «Casino» estes dez anos de vida. Sem ele já não existiríamos.

Os dividendos são mínimos, mas a empresa vai inaugurar um grande hotel

viárias excelentes (linha do Norte, linha do Vale do Vouga), mas algumas estradas péssimas, em especial os acessos norte e sul.

OS LUCROS DO JOGO

Termina no último dia deste ano «o exclusivo da exploração dos jogos de fortuna ou azar nas zonas de jogo temporário de Espinho» concedido à S. T. E. em reunião do Conselho de ministros e dado a conhecer através do *Diário do Governo* (III série, de 23 de Julho de 1958).

Ai se vê que a sociedade espinhense foi obrigada a cumprir, entre outras cláusulas,

empresa, no valor de 300 000\$00;

— e aplicar o remanescente dos lucros em propaganda da zona e na realização de obras de fomento de utilidade local, designadamente a construção de um hotel.

Parece um articulado severo. Mas foi a própria S. T. E. a incluí-lo na sua proposta de candidatura.

— Tudo isso — ouvimos — tinha sido encarado pela administração da sociedade. Não é de mais dizer que fomos pioneiros no assunto. O jogo deve aproveitar, principalmente, aos verdadeiros necessitados.

Pelos oito beneficiários accionistas (Santa Casa da

contos. Entretanto, houve sete instituições não accionistas a beneficiar duma verba conjunta de quase 240 contos: Academia de Musica de Espinho, Banda de Musica de Espinho, Aero-Clube da Costa Verde, Grupo Columbófilo de Espinho, Oporto Golf Club, Grupo de Bem Fazer e a própria Federação Portuguesa de Xadrez.

Verbas extra vieram a ser atribuídas à promoção da festa de touros (uma tourada com deficit superior a 300 contos), da Exposição Canina Nacional (em anos alternados com Miramon) e das três edições do Festival da Canção da Costa Verde. A propósi-

ponta de orgulho, os administradores mais antigos.

— Somos precursores de uma coisa honrada — acrescentam. — Chegámos a ter um ano de pouquíssimo lucro. As colectividades batiam à porta, queriam saber como era... De-mo-lo todo, até ao ultimo tostão.

SETE PISOS A BEIRA-MAR

A grande unidade hoteleira em construção chamar-se-á Hotel de Turismo de Espinho. Decorre de uma obrigação contratual, mas a parte dos lucros que lhe destinam não passou,

— TV DIA A DIA —

(Continuação da 5.ª página)

cano» ou vice-versa, isso é que já não me recordo muito bem. O despois, há um grupo que pretende matá-lo e a sério, a sério, não faz nada para isso, pelo contrário, faz os jeitinhos todos ao Jim; ao Rolim, á malta da «Missão Impossível», o que não deixa de ser estranho, dada a pericia criminosa do grupo. Imaginem o seu requinte: vai ao ponto de tencionar partir o dedo miudinho do Phelps só para fazer crer que ele morreu ao cair na banheira. Não se percebe bem a relação entre as duas coisas. Não percebemos nós, mas percebem os americanos, ora essa. A estatística lanque determinou que, em tantos

por cento, nos acidentes de banheiras, parte-se o dedo miudinho. Lá é tudo assim: á base de estatística. Logo, dedo miudinho prá frente!

Enfim, eu gostei muito foi daquele morse do olho. Jim pede socorro através do S. O. S. das pestanas. Formidável. Mas não há dúvida: a pestanejar é que a gente se entende. — M. C.

AO TÁXI

Pede-se entrega urgente três sacos esquecidos percurso R. Carmo, Cinema Avis, dia 7, 19 horas. Gratifica-se. Tel. 43482.

CONCERTOS PELA ORQUESTRA DE CÂMARA GULBENKIAN

É já no próximo dia 23 que se inaugura a nova temporada de concertos da Orquestra de Câmara Gulbenkian, no Tivoli. Esta temporada compreende um total de dezasseis concertos, que se realizarão ás quartas-feiras, pelas 18 e 30, até ao final de Março do próximo ano.

A orquestra será dirigida pelo maestro titular Gianfranco Rivoli e pelos maestros convidados Carlo Zecchi, David Zinman, Ernesto García Assensio, Helmut Müller-Brühl, Pierre Salzman, Manuel Ivo Cruz, Maurice Suzan e Mario Benzeckry.

O elenco de solistas inclui, entre outros, os nomes prestigiosos dos pianistas Nikita Magaloff, Fou Ts'ong e Fernando Laires, flautista Jean-Pierre Rampal, violinista

Leonor de Sousa Prado, cravista Maria Malafaja, violoncelista Aurora Natola, cantores April Cantelo, Raimund Hericx, James Bowman, Elsa Saque, Helena Cláudio, Fernando Serafim e Alvaro Malta.

O Coro Gulbenkian dará também a sua colaboração, para efeito da interpretação da oratória «O Messias» de Haendel, do «Requiem» de Campra (1660-1744), do «Magnificat» de J. S. Bach e dos «Cantos da Prisão» de Dallapiccola.

Além desta última, o reportório da temporada inclui diversas obras contemporâneas particularmente significativas, tais como a «Musica para cordas percussão e celesta» e o «Divertimento para cordas» de Bela Bartok, o bailado «Apollon Musagète» de Stravinsky e a «Sin-

fonieta concertante para cravo, harpa, piano e orquestra» de Frank Martin. A musica portuguesa está representada por peças de Lopes Graça, Armando José Fernandes, Joly Braga Santos, Alvaro Cassuto e Sousa Carvalho.

A venda de assinaturas para estes concertos inicia-se hoje para antigos assinantes, e no sábado para novos assinantes.

«Diário de Lisboa»

Da direcção dos Inválidos do Comércio recebemos uma carta em que se agradecem as referências feitas á instituição e ao seu grande dinamizador Alexandre Ferreira, em recente «Nota do Dia» publicada pelo «Diário de Lisboa».

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Mal por Mal, Antes com Elas» («The Odd Couple»).

REALIZADOR — Gene Saks — 1967.

INTERPRETES — Jack Lemmon, Walter Matthau, John Fielder, Herbert Edelman, etc.

«Mal por Mal Antes com Elas» («The Odd Couple») parte de uma comédia teatral de Neil Simon que Lisboa viu no teatro Villaret, com encenação de Artur Ramos e interpretação de Raul Solnado e Armando Cortez (respectivamente nos papéis de Félix e Oscar, agora vividos no cinema por Jack Lemmon e Walter Matthau). Em Lisboa, porém, a peça teve como título «A Guerra do Espanador» e, curiosamente, ainda estamos ligados ao espectáculo dirigido por Artur Ramos, de quem fomos, na altura, assistente. Este facto permite-nos falar, com um certo conhecimento de causa, do interesse e das limitações da obra teatral, bem assim como da sua adaptação cinematográfica, agora empreendida por Gene Saks (que já havia adaptado outra comédia de Neil Simon: «Descaços no Parque»).

«The Odd Couple» fala-nos de dois americanos divorciados que vivem durante algum tempo na mesma casa, formando um estranho e inconfundível casal: Oscar, comentador desportivo, e Félix, redactor de noticiário de TV. Enquanto o primeiro se caracteriza pelo seu espírito desarrumado e desregrado, boémio e noctívago, o segundo concilia virtudes que vão do gosto pelos cozinheiros, pela arrumação das salas, pela limpeza e desinfecção de toda a casa até à mais obstinada timidez. Da conjugação de duas personalidades tão dispares poder-se-ia esperar o melhor, a felicidade, a compreensão... ou o pior. Mas, a verdade é que nada nasce senão o desassossego, a irritação, a histeria. Um tal argumento pouco interessante oferece, excepto numas quantas anotações da vida americana. Essa é, aliás, a grande pecha das obras de Neil Simon. O seu teatro caracteriza-se essencialmente pela fluidez de um diálogo bem trabalhado, por um jogo de situações que referenciam indelutavelmente o *boulevard*, mas a parte mais interessante (e importante, na medida do possível) é indubitavelmente o seu tom americano, que é adquirido não só no desenho das figuras, como ainda (e sobretudo) no delineamento dos ambientes. Essa será a curiosidade maior de «Mal por Mal Antes com Elas», enquanto argumento. Curiosidade bastante limitada, mas mesmo assim apreciável.

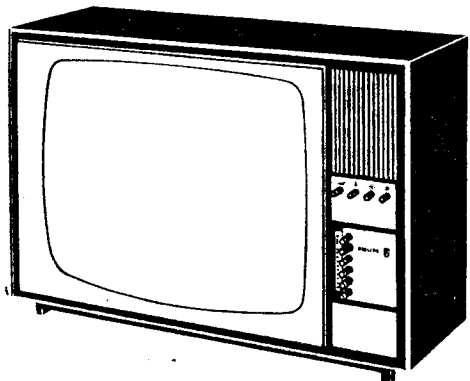
Passando do teatro para o cinema, «The Odd Couple» só muito dificilmente poderia deixar de ser o que é na realidade: uma peça de teatro razoavelmente transposta para a película, sem inovações de maior. Outra coisa não seria de esperar, pois a peça de Neil Simon não abandona nunca o cenário único (a sala de estar da casa de Oscar) e vive fundamentalmente de um diálogo vivo e cortante que Gene Saks não soube enriquecer (mas também não empobreceu).

Lembramo-nos, agora, de uma outra peça («Doze Homens em Fúria»), de Reginald Rose, que Sidney Lumet adaptou ao cinema, e que vivia exclusivamente, de uma sala de tribunal, onde se reuniam doze indivíduos que compunham um júri e tinham de deliberar sobre a inocência, ou culpabilidade, de um réu. Ali, porém, Lumet assumiu a situação por inteiro, nunca abandonando o cenário único e procurando trabalhar cinematograficamente esse espaço humano. O mesmo não aconteceu com Gene Saks, que se limitou, muitas das vezes, a planos de conjunto, que transpõem para o *écran* o espaço teatral de um palco.

Onde, contudo, «Mal por Mal Antes com Elas» merece referências especiais é precisamente na interpretação, onde se defrontam dois dos mais notáveis actores da comédia americana. Jack Lemmon e Walter Matthau (que havíamos já visto juntos recentemente no admirável «Como Ganhar um Milhão», de Billy Wilder) justificam todo o entusiasmo possível, desdobrando-se em interpretações à altura do seu talento. Para além deles, citam-se, ainda, Herbert Edelman, David Sheiner, Larry Haines e Monica Evans, em pequenos apontamentos.

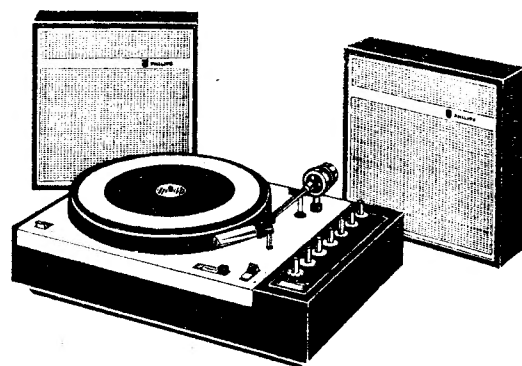
LAURO ANTÓNIO

PHILIPS avançou de tal forma no domínio da electrónica que hoje já lhe pode apresentar a técnica de amanhã!



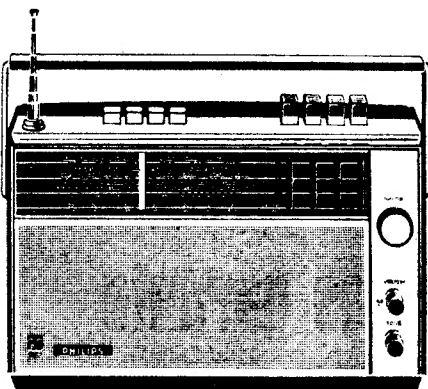
23 T 640

TODOS OS NOVOS MODELOS DA VASTA GAMA DE TELE-RECEPTORES DA SÉRIE TRIUNFO DA TÉCNICA PARA 1969 ESTÃO EQUIPADOS COM V.H.F. E U.H.F. PERMITINDO A CAPTAÇÃO DO 2.º CANAL.



RL 583

ESTE É O PRIMEIRO PORTÁTIL COM "MEMÓRIA", TANTO PARA F. M. COMO PARA AS OUTRAS TRÊS ONDAS: 4 TECLAS PERMITEM A SELECÇÃO IMEDIATA DE 4 ESTAÇÕES DA SUA PREFERÊNCIA.



GF 417

ELECTROFONE DE QUALIDADE INSUPERÁVEL, COM GIRA-DISCOS DE HI-FI. DUAS SURPREENDENTES CAIXAS ACÚSTICAS, DE PEQUENAS DIMENSÕES, DÃO NOVA VIDA AOS SEUS DISCOS.

veja as NOVIDADES da série TRIUNFO DA TÉCNICA

NOS AGENTES PHILIPS DE TODO O PAÍS

PHILIPS-TRIUNFO DA TÉCNICA EM TODA A LINHA



Aprenda línguas em laboratório experimental: a inscrição é gratuita

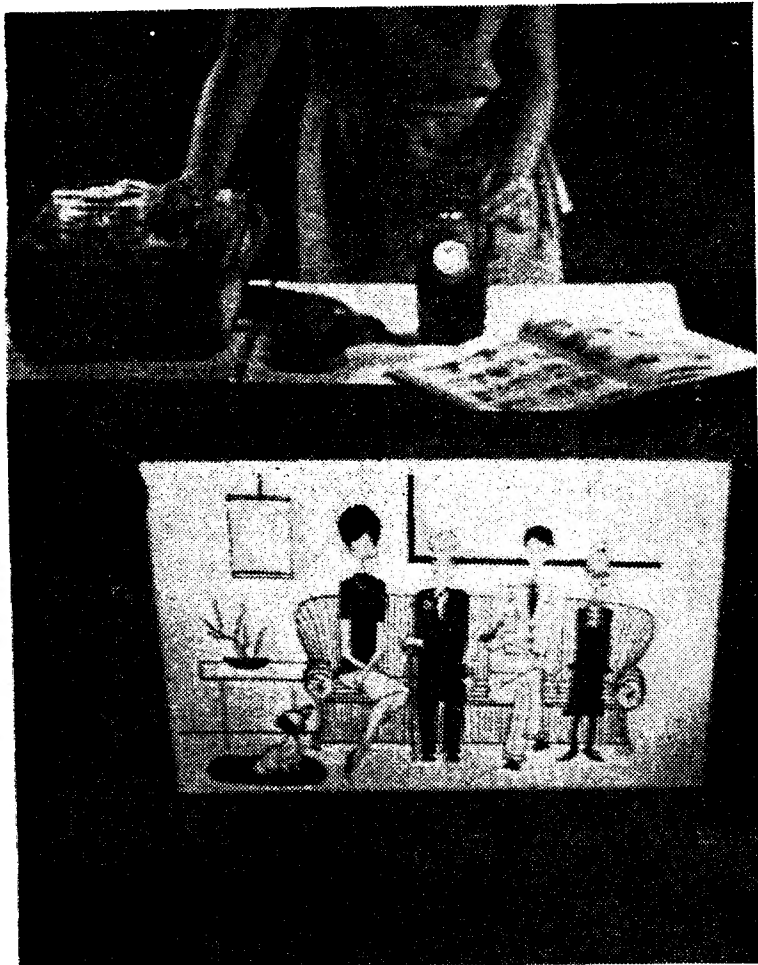
No Centro Paroquial da igreja de S. João de Deus, á Praça de Londres, vai funcionar a quarta secção dos Laboratórios Experimentais de Línguas do I. M. A. V. E. A inscrição é gratuita e encerra-se na próxima terça-feira.

Estas secções de línguas destinam-se, através de processos actualizados, a promover uma aprendizagem ou recuperação progressiva, rápida e eficiente, que assentará no uso de imagens e gravações feitas por nativos da língua a aprender. Proporciona-se, assim, o contacto com várias vozes — todas elas do-

cumentos orais autênticos —, o que conduz ao treino intensivo das capacidades auditivas e articulatórias dos alunos. As três secções anteriormente criadas funcionam na Faculdade de Letras de Coimbra, Liceu Normal Pedro Nunes e Escola Comercial Ferreira Borges.

A secção do Centro Paroquial de S. João de Deus é dedicada, mais do que as outras, a um trabalho experimental. No presente ano lectivo vai ali ser tentada uma experiência que abarcará não só os cursos intensivos de recuperação de alunos com especial dificuldade na aprendizagem das línguas, como, também, cursos de iniciação para crianças, adolescentes e adultos.

Entre as vantagens da aprendizagem em laboratório avultam as seguintes: todos os alunos falam em tom normal de voz, sem que se incomodem uns aos outros, pois fazem-no em cabinas individuais e usando auscultadores, o que motiva uma sensação de recolhimento e facilita a concentração e o contacto mais íntimo com a língua; porque os alunos são em pequeno número, o professor pode prestar-lhes uma atenção mais cuidada e obter informações mais fiéis sobre as suas capacidades e os seus progressos; os modelos sobre os quais o aluno trabalha são autênticos, coerentes e infatigáveis; a aprendizagem é enriquecida por se associar a vozes diferentes, mas obedecendo todas ás mesmas normas de pronuncia.



Nos Laboratórios Experimentais de Línguas os estudantes são colocados perante situações reais da vida quotidiana, por meio de gravações e projecções, sobre as quais se faz a sua aprendizagem

O 28.º aniversário do curso de milicianos de Infantaria 8

Os antigos cadetes do C. O. M. de Infantaria do R. I. 8 vão reunir-se mais uma vez em dois jantares de confraternização, assinalando agora o 28.º aniversário da sua frequência. Os repastos serão no próximo dia 26. Até uma semana antes (19) recebem-se inscrições nas seguintes moradas: Rua Padre Sena Freitas, 20, 2.º, Esq., em Lisboa, e Rua Fernandes Tomás 790, Porto.



A experiência destas firmas garante as vantagens dos encerados TREVIRA®

Albano & Miguel
Alvaro Figueiredo & C.ª
Camionagem Rosa d'Ouro, Lda.
Fábricas Triunfo, S. A. R. L.
Freitas & Araújo, Lda.
Oliveiras-Transportes e Turismo, S. A. R. L.
Sogrape
Transportes Jaime Dias

TREVIRA® garante que:

- São praticamente incombustíveis
- Resistem aos maiores esforços
- São impermeáveis e mantêm-se leves

Confecção e Distribuição
FÁBRICA DE ENCERADOS DA RESTAURAÇÃO, LDA.
Rua da Restauração, 132 — PORTO



EM TRÊS LINHAS

Um decreto do ministério das Finanças abriu créditos no valor de mais de 255 mil contos para reforçar verbas insuficientemente dotadas no orçamento do ministério das Comunicações.

///

O ministério da Marinha criou, por portaria, a secção n.º 2 de mergulhadores-sapadores.

///

Foram providos nos campos de agentes de 2.ª classe da P. I. D. E., e colocados em Angola, os srs. Jorge Alexandre da Cruz e Alcídio Pedrosa Ferreira Angélico.

///

Foram nomeados directores de ciclo do Colégio Militar os licenciados Joaquim Rodrigues Lufinha (1.º), Cristóvão de Sousa Lima (2.º) e João de Jesus Martins (3.º).

///

O licenciado Carlos Alberto de Faria, até aqui secretário do ministro das Corporações, foi nomeado presidente da Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais da Indústria Hoteleira.

///

Foi contratada para o lugar de segundo-assistente de Filologia Românica da Faculdade de Letras da Coimbra a licenciada Alda Fernandes Dias.

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara, 19, 2.º, Esq.
Telef. 32 06 60

Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª — 15.30 h.
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e 5.ª — 15 h.
Dr. A. Pita Negrão — Clin. cirur. — Operações — 3.ª, 5.ª e sáb. — 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar., e Ouv. — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorroidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.
Dr. Foutoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.
Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h.
Dr. Jorge Falcão — Pele e Sifilis — 15.30 h.
Dr. Luis Abecasis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª, 5.ª e sábados — 14 h.
Dr. Luis Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Profi. Mental — 3.ª e 5.ª — 18.30 h.
Dr. Marques da Gama — Clin. Médica — 3.ª, 18.30 h., Sáb., 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

FERIADO DE NOVEMBRO (DIAS 1-2-3)

SEVILHA

Incluindo transporte, alojamento no Hotel em quartos c/ casa de banho privativa e todas as refeições
ESCUDOS 740\$00

PRAIA DA QUARTEIRA

(ALGARVE)

Incluindo transporte, alojamento em quartos c/ casa de banho privativa e todas as refeições.

C/ estadia em Pensão 560\$00
C/ estadia em Hotel 660\$00

Em automóvel s/ condutor

C/ direito a 750 Km e incluindo alojamento em quartos c/ casa de banho privativa e todas as refeições.

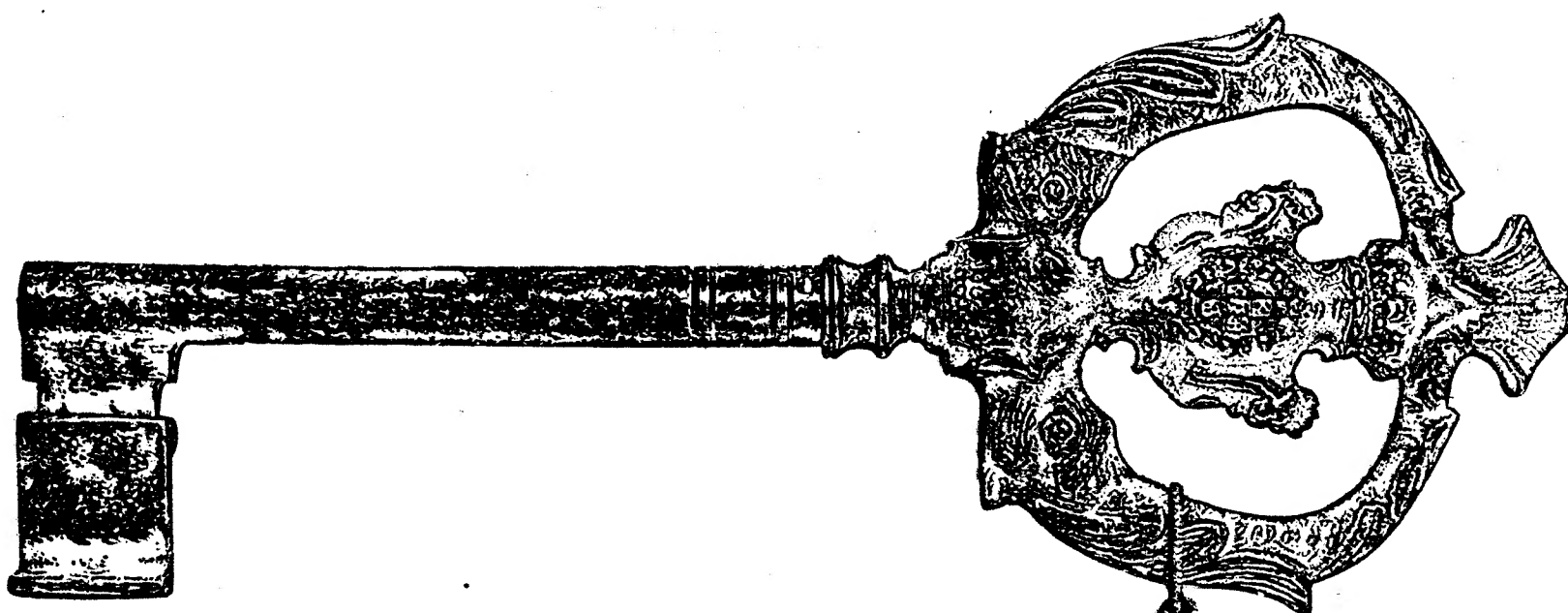
2 casais ou 4 pessoas, preço por pessoa
C/ estadia em Pensão 600\$00
C/ estadia em Hotel 760\$00
Casal ou 2 pessoas, preço por pessoa
C/ estadia em Pensão 900\$00
C/ estadia em Hotel 1060\$00

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

AGENCIA GLOBO DE VIAGENS

Rua S. Julião, 5, 1.º — LISBOA — Telefones 869593 - 870788

ABRINDO CAMINHOS DE PROGRESSO



O
**BANCO PINTO
& SOTTO MAYOR**

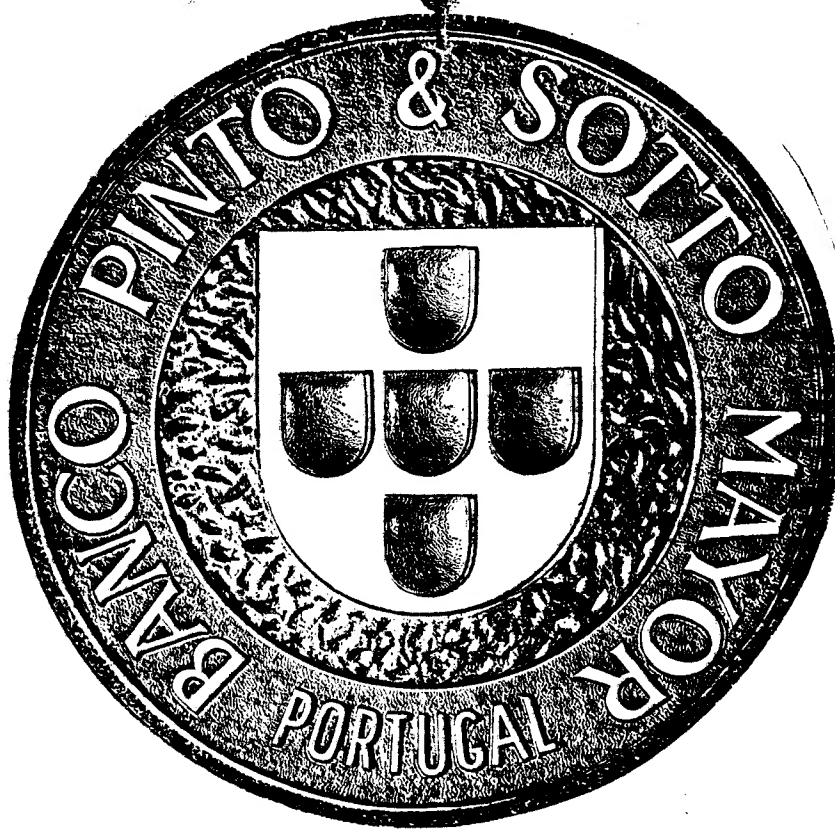
anuncia que
em 10 de Outubro
inaugura as instalações
da sua agência de:

SANGALHOS

Rua do Comércio

Telef. 74381

(instalações provisórias)



BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Trabalhamos mais para servir melhor.

SENTIDO HUMANISTA DA EDUCAÇÃO

(Continuação da 1.ª página)

esta fase da sua existência, sem dúvida. Mas este imperativo biológico conjuga-se com a extrema complexidade da sociedade em que vai integrar-se e com a profusa riqueza da cultura de que vai ter de servir-se; ora tal património cultural equivale, no fundo, ao acervo de comportamentos para que não dispõe de apetrechamento inato e cujos modelos e configurações recebe a pouco e pouco dos mais idosos.

Neste condicionalismo inescapável entronca o papel principal, absolutamente decisivo, que na existência humana reveste tal transmissão, pelas gerações que precedem às gerações que lhes sucedem, de todo um legado de objectos culturais, gestos, maneiras de agir, símbolos, carris de conduta com os nossos semelhantes, ideias e valores. Essa transmissão é que constitui a educação. Não podemos afinal conhecer e compreender uma sociedade, uma civilização, se não atendermos a como educa os seus membros, se fizermos a sua história tão sómente com os seus adultos nas respectivas relações recíprocas sem entrarmos em linha de conta com as crianças e os jovens.

A BASE TRADICIONAL DO PROCESSO EDUCATIVO

Esse era o fundamento da educação tradicionalmente aceite como tal: passagem aos mais novos do cabedal de conhecimentos de toda a ordem de que virão a necessitar quando adultos (instrução) e sua conformação aos valores e padrões da sociedade a que pertencem (educação, em sentido mais restrito). Em todas as sociedades e em todas as épocas a instrução e a educação procedem segundo esquemas socialmente aprovados e dão lugar a cerimónias (ritos de iniciação ou de passagem, por exemplo), conquanto de diversos significados. Todavia nem em todas o processo educativo se institucionalizou em instituição especializada em tal função — a escola —, se bem que fosse comum a existência de um educador revestido especialmente dessa missão. Uma grande parte da instrução e da educação efectuava-se diffusamente, ao sabor das circunstâncias da vida.

Foi verdadeiramente o século XIX, com a revolução industrial e o acesso das massas à vida pública e cívica, que tornou a escola um dos pilares da economia, da organização social e da cultura. A escola, até então extremamente restrita, visava mais a cultivar o espírito (no sentido de mobilizar a mente dos pertencentes às minorias privilegiadas com um recheio tradicional de fraca aplicabilidade prática) do que a servir o mundo do trabalho e a contribuir para que o homem se elevasse a como que dono e senhor da natureza. A génese da burguesia é que levava a criar, no outono medieval, as escolas de comércio, germe de uma demorada transformação. Será preciso esperar pelo libera-

lismo e pelo industrialismo para que se difunda a concepção da escola como preparação de massas para a vida, ao serviço, portanto, dos que terão de trabalhar para a ganhar — e ao serviço da prodigiosa aventura que transforma o meio natural em meio técnico, isto é, construído fabricado pelos homens. A uma geografia que em boa parte condiciona os grupos humanos sucede uma geografia humana, quer dizer, em que a paisagem é predominantemente afeioada pelo trabalho dos homens.

O NOSSO SÉCULO PERANTE O IDEAL DO SÉCULO XX

Desde a revolução industrial que o ritmo da história se acelerou sensacionalmente, e foi numa civilização em mudança que o nosso século se instalou. Daí que, alteradas em forte percentagem as exigências postas à escola, se alterasse a própria concepção do acto educativo que o século XIX enraizara, nos seus fins e nos seus meios. Desde o período de entre as duas guerras mundiais prestou-se mais atenção à criança e aos jovens, concluindo-se que não basta, nem talvez convenha fazê-lo frequentar uma escola que não passe de mera preparação para a vida de adulto: o educando tem de viver a sua vida própria, com as características da fase em que se encontra, e não apenas de estar a preparar-se para o futuro, sob pena de o ensino se reduzir a uma imposição externa mal assimilada e não frutificar, gerando adaptações e insucessos.

Em segundo lugar, a sociedade e a cultura complicaram-se a ponto tal, e a especialização em constante progresso tornou-se de tal modo exigente, coactiva, que a escola, estendida embora como englobando a universidade, já não basta tanta vez para ministrar a preparação profissional. O ensino classificado de superior tem de restringir as suas ambições e assentar as bases gerais (que devem porém ser bem sólidas e amplas) sobre as quais os estágios, internatos, cursos de terceiro ciclo ou de graduação, cursos acelerados de altos estudos ou formação especializada vêm enxertar o apetrechamento indispensável à entrada no exercício da profissão. E o profissional não pode nunca adormecer sobre a preparação feita, nunca deve considerar-se definitivamente preparado: tem de estar sempre a actualizar os seus conhecimentos, as suas técnicas, quando não a refundir por inteiro os esquemas do seu trabalho; daí os cursos de aperfeiçoamento e de actualização, que tendem a tornar-se periódicos — e indispensáveis até o indivíduo passar à reforma. E a promoção na carreira, a melhoria de condições do desempenho do cargo, exigem igualmente a frequência de novos cursos pós-técnicos ou pós-universitários, a diversos níveis.

Em terceiro lugar, a cultura passou (ou deve vir a passar) a fazer parte integrante da existência quotidiana do maior número, deixou de ser deleite de uns tantos: frequência da ópera, do bailado e dos concertos sinfónicos, visitas a museus e a catedrais, palácios e outros monumentos, audição de conferências e participação em colóquios, utili-

zação da rádio e da televisão, leitura do «livro de bolso», excursões de fim-de-semana, viagens de férias, colecção de reproduções de obras de arte, assistência a espectáculos teatrais e de cinema. Outrora, viajar, reservado a alguns, era considerado um dos mais poderosos meios de enriquecer o espírito e de lhe rasgar amplas aberturas; pois hoje, com o turismo popularizado, eis que a elevado número é dado esse ensejo. Se antes havia que dividir a sociedade em classes ociosas e classes trabalhadoras, cabendo àquelas, graças precisamente ao ócio e à posse dos recursos, o acesso à cultura, em nossos dias a possibilidade do ócio alargou-se notavelmente (e convém que a todos abranja), a cultura ligou-se ao trabalho, e por isso o tempo livre tem de ser preenchido culturalmente — por algo que é afinal trabalho também, conquanto não remunerado e mais variado; algo que implica, pelo menos, esforço. Tendemos para a civilização do ócio e do consumo — dos bens acessíveis a todos e produzidos segundo as necessidades profundas de todos, dos lazeres em que se trabalha para deleite e se vive a cultura na sua plenitude.

REPENSAR A EDUCAÇÃO

A educação tende, pois, a identificar-se com a própria vida, em todas as suas fases, em todos os seus momentos e aspectos: é um perpétuo fazer, a recusa do já feito como algo mais do que simples trampolim para novas faixas criadoras. Por todas essas razões, repensar não apenas o ensino e a escola, mas sobretudo toda a educação, o acto educativo, as noções mesmas de educador e educando, eis uma das tarefas urgentes, inadiáveis, que maior esforço requerem, da nossa presença no nosso tempo — e não em tempos revolutos. Não pode ser essa, e avaliamos-lhe já a gravidade para os destinos colectivos, se não obra comum de todos os participantes no processo educacional — professores, pais e alunos, mas também, adivinhamo-lo sem dificuldade depois do que dissemos, o conjunto dos cidadãos conscientes, cada qual com a contribuição da sua experiência, do ponto de vista que é o seu, dos seus resultados, ou pelo menos tentativas de reflexão própria, das apreciações de valores entre os quais decidir e dos juízos sobre a adequação dos meios aos fins.

Para essa colectiva meditação e confronto, entusiástico mas crítico e aberto a todos os ângulos, incumbe aos que têm a pedagogia como ofício, todavia, esclarecer os outros, facultar-lhes os indispensáveis elementos para julgar. A tal incumbência, não fica aqui deslocado registar, não se furtou o melhor especialista que actualmente temos em Portugal destas questões, Rui Grácio, apoiado nas tentativas experimentais de sua iniciativa, quer de prolongamento da escola em convívio não direccional de mestre e educandos, quer de formação permanente dos próprios mestres. Continuador de um Sérgio (que se impõe ler) nas opções fundamentais e na inspiração profunda — um racionalismo aberto, uma confiança nos homens que leva a entregar-lhes o seu próprio destino em vez de lho ditar do exterior, Grácio, como aquele pensador ensaísta, revela no volume de ensaios agora saído dos prelos o rigor de raciocínio, o esmero em se documentar, a clareza de entender e de expor, um estilo fluente e diáfano, castigado e vivo. Ensaios — mas não está o ensaio na essência mes-

ma da modernidade, consoante mostrou Silvio de Lima? Com esta obra, bem como com a anterior, excelente, de Rogério Fernandes, e outras, ficamos apetrechados para nos orientarmos nesta problemática em que se jogam os rumos da nação, de igual modo que lá fora se jogam os de outras nações. É pela educação que o homem se faz a si próprio — e que a civilização do porvir nascerá nas entranhas do presente.

ANTES DE MAIS: SABER ESCOLHER

É dos valores entre os quais se escolhe, das normas que são aceites ou rejeitadas que a educação depende sempre em primeiro lugar. Essas opções são, evidentemente, condicionadas social e culturalmente, em dada época e ambiente, mas por isso mesmo é que convém torná-las conscientes, iluminá-las com todos os projectores. Ora, Sérgio já o viu perfeitamente: a escolha fundamental é, hoje pelo menos, entre heteronomia e autonomia.

No primeiro termo da alternativa, a lei vem de fora, é imposta ao indivíduo, que não correu para a sua elaboração e não dispõe de meios para levar à sua revogação ou sequer modificação. Por isso o acto educativo é hierárquico, como a estrutura social-estadual em que se insere, manifesta a autoridade de quem profere e o acatamento daqueles a que se profere. Trata-se de conformar os indivíduos aos padrões social e juridicamente aprovados, de o moldar de maneira tal que se integre sem desajustamentos sem inconformismos. Neste contexto, o professor sabe o que ensina (programas rígidos), sabe como ensinar (a didáctica reduz-se a um conjunto de receitas infalíveis para ministrar os conhecimentos), não lhe cabe escolher os meios de ensino, e este culmina necessariamente no exame, verificação de que foi assimilado o que havia que assimilar. Na escola há a aula, em que se aprende, e o fora-da-aula («o pátio») em que se convive — e há o fora-da-escola, em que se vive. A educação heteronómica é a de todas as sociedades desiguais, em que as oportunidades são radicalmente diferentes consoante o nascimento e outras circunstâncias extrínsecas ao valor individual, em que a cidadania é restrita a alguns grupos ou meramente tolerada, em que as escolas são diferentes de harmonia com as posses, que determinam as carreiras.

Na educação pela autonomia e para a autonomia, a lei vem de dentro, é elaborada (directa ou indirectamente) pelos que têm de a cumprir, pois todos concorrem para a soberania; destina-se a norma a fazer de cada qual precisamente um cidadão em toda a plenitude, capaz de julgar-se a si próprio, abstenendo-se de impor seja o que for seja a quem for, porque pedindo o curso de todos em igualdade. Sem dúvida ainda em tal contexto há padrões sociais que entram na estruturação da personalidade de cada qual — de todas as pesquisas de psicologia social sabemos que a sociedade é a matriz do eu dos indivíduos; não implica tal constatação científica, porém, a posição valorativa heteronómica: para esta o modelo é alguma coisa de fixo e intangível, ao passo que na concepção autonomista o modelo não é sagrado, varia, apresenta-se com a flexibilidade que permite a cada um contribuir com o melhor de si mesmo para se forjar incessantemente a si próprio. Assim a educação

e, na síntese lapidar de Rui Grácio, uma oficina de humanidade. Não se trata, aqui, de transmitir algo de dado de uma vez para sempre; o acto educativo é, diz tão pertinentemente o mesmo autor, na sua raiz, provocatório, promotor, emancipador. Provocatório, porque vai ao mais recôndito do indivíduo chamar, para que se manifestem, as suas virtualidades, transformando-as em actos, em realizações que vêm do íntimo em lugar de serem comandadas de fora; promotor, porque, acicitando cada qual a agir pelas suas impulsões internas tornadas conscientes, lhe rasga insuspeitadas possibilidades de se afirmar entre os demais; emancipador, porque, forjando assim cada indivíduo a sua personalidade por iniciativa própria e transformado pela sua acção em cidadão consciente, se emancipa de toda e qualquer tutela, de toda e qualquer coacção normativa externa, porquanto ele é que se tornou fonte da norma e da responsabilidade — o acto educativo é, no fim de contas, aquele que acaba por negar-se a si próprio, por se tornar inútil, e na sua inutilidade encontrar a sua plena razão de ser.

CONFIANÇA NOS HOMENS

Peça fundamental, e alavanca, de uma sociedade de iguais oportunidades e de iguais responsabilidades, cuja ética evita a sanção e não assenta na ideia de obrigatoriedade porque o dever e o timbrar em cumpri-lo é algo que a própria personalidade assume, peça fundamental, e alavanca, de uma organização social-estadual consoante a plenitude da cidadania, a educação autonomista é a que se afirma como *processus* permanente ao longo de toda a vida, e como a própria vida, não como preparação para ela; é (disse-o Sérgio magistralmente) a que forma o cidadão no trabalhador. A sua escola, única para todos (quer dizer que oferecendo iguais ensinamentos a todos), mas diversificada de modo a trabalhar-se a medida de cada educando (Claparede). Isto é, aos seus interesses, às suas aptidões, à sua vocação, alicerça-se na acção do próprio educando, na sua iniciativa e na sua escolha de meios e fins (escola activa), organiza-se em comunidade para cuja gestão todos concorrem tanto quanto possível em pé de igualdade, sem imposições hierárquicas extemporâneas mas em firmíssima autodisciplina. Não reduz, é evidente, o professor à passividade, mas desampara-o de receitas fáceis e cómodas, obriga-o a uma constante invenção de maneira a fazer partir o máximo dos próprios educandos, perante os quais assume, tanto quanto possível, atitude não directiva. A escola é, em tal opção, um núcleo de cooperação democrática. Temos, portanto, de nos instalar no desconfortável, de resistir às seducções dos caminhos trilhados, dos formulários em que se encontra solução para tudo, das atitudes estereotipadas. Pois não é o novo humanismo a constante invenção e fabrico do homem por si mesmo, na interacção de todos os homens? Deixou a concepção humanista de ser a adopção de um sistema de valores e normas e de um modelo dados de uma vez para sempre — deixou de ser algo de feito e congelado, para ser um perpétuo fazer-se. Não escondamos que este devir contém surdas ameaças; mas só ele pode, como queria Jean Perrin, encaminhar-nos rumo a um futuro possivelmente igual ao mais ambicioso dos nossos sonhos.

V. M. G.

DINHEIRO
S/ AUTOMÓVEIS

Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas. Sigilo absoluto.

SONIPAL

 R. CONDE REDONDO, 14-20
TELEFNS. 52248-556580

LUSTRES

 de sonho para a sua casa. Fábrica
Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq.
— Tel. 77 16 39, (Ao Campo Pequeno)

Os presidentes das Corporações recebidos pelo Chefe do Governo

(Continuação da 1.ª página)

portuguesa, com a audiência do Chefe do Governo, a primeira concedida a organismos representativos das actividades nacionais, o que só por si se reveste do maior significado.

Seguidamente, o ministro afirmou que as Corporações se encontravam presentes para saudar e prestar a sua homenagem não apenas ao Chefe do Governo, como o mais alto responsável pela Administração, mas também ao mestre insigne e doutorador, que, com os seus ensinamentos e acção política, tanto contribuiu para a institucionalização e aperfeiçoamento do sistema corporativo constituindo garantia segura da sua continuidade constitucional e, sem dúvida a melhor homenagem ao seu fundador.

Fala o presidente da Corporação da Indústria

Pelos presidentes das Corporações usou da palavra o presidente da Corporação da Indústria, dr. Augusto de Sá Viana Rebello, que depois de prestar homenagem ao Presidente Salazar e de aludir com respeitosa deferência ao Chefe do Estado e à sua importante decisão de escolher o novo Presidente do Conselho, exprimiu a satisfação de todas as Corporações por verem assumir essa posição o prof. dr. Marcello Caetano, de quem fez o elogio.

Seguidamente e fazendo menção mais expressa ao discurso de 27 de Setembro de investidura do Presidente do Conselho, conferiu especial relevo às declarações respeitantes à continuidade da linha de pensamento e acção dentro das estruturas constitucionais, ao desejo manifestado pelo Governo de se apoiar no País para a sua acção governativa e à esperança de unidade de todos os portugueses.

O presidente da Corporação da Indústria sublinhou com expressiva firmeza o desejo de colaboração da população activa do País e a disposição de «abrir um incondicional crédito» a favor da acção do Governo, tal como fora pedido.

Seguidamente associou-se à esperança manifestada pelo Presidente do Conselho de que, em momento de tanta responsabilidade histórica para a Nação, todos os portugueses conscientes e responsáveis se unam para fazer frente às fmeas tarefas que se põem ao País para prosseguir o seu desenvolvimento.

No final das suas considerações o dr. Sá Viana Rebello cumprimentou o novo Presidente do Conselho assegurando-lhe em nome de todos os presidentes do desejo de um trabalho profícuo, em conjunto.

Declarações do prof. dr. Marcello Caetano

Por ultimo, usou da palavra o sr. Presidente do Conselho, que afirmou:

«E, com sincera alegria que recebo os presidentes das Corporações. Alegria bem compreensível quando se pense que a minha vida publica está intimamente ligada ao Corpo-

rativismo. E alegria justificada por ver completa a arquitectura do Estado concedido pela Constituição de 1933.

Se a organização das actividades morais e culturais partiu de elementos espontaneamente surgidos e de há muito criados, a das actividades económicas representa um longo, árduo e paciente esforço. A partir praticamente do zero e acompanhando a industrialização do País foram surgindo os Grêmios e os Sindicatos Nacionais. A medida que ia progredindo o desenvolvimento económico, o Estado, em íntima ligação com os organismos corporativos, promoveu o desenvolvimento do direito do Trabalho e da Previdência. Sem lutas, sem prejuízos, sem ruínas, os trabalhadores portugueses foram obtendo todos os justos benefícios que noutros países e noutras épocas custaram à classe operária e à economia nacional sacrificios sem conta. Hoje a Organização Corporativa constitui uma rede extensa e complexa que funciona como aparelho vital da Nação.

São as Corporações instrumentos de conciliação das tensões formadas dentro das grandes actividades nacionais. Servem para transmitir ao Estado as necessidades e aspirações dos interesses que representam. Mas, tendo já de considerar esses interesses à luz do interesse geral, devem também ser colaboradores dos órgãos do Estado na realização dos princípios superiores que impõem a subordinação das conveniências particulares aos imperativos do bem comum.

O Estado Corporativo, que a nossa Constituição consagra, é, necessariamente, um Estado social, isto é, um poder político que insere nos seus fins essenciais o progresso moral, cultural e material da colectividade, numa ascensão equilibrada e harmoniosa que, pela valorização dos indivíduos e pela repartição justa das riquezas, encurte distâncias e dignifique o trabalho. Tarefa bem árdua como todas as que assentam na formação, no esforço, na contribuição das pessoas, nela têm largo e importante papel as associações de base e, em especial, as associações profissionais ou de empresas. O Governo por si só não pode tudo. Só o esforço conjugado dos governantes e dos interessados pode conduzir com mais rapidez aos fins almejados.

As pessoas de V. Ex.ª, srs. presidentes das Corporações, constituem garantia suficiente de que nelas se vive o espírito corporativo e, mais do que isso, que nelas se praticará esse espírito. Ao agradecer a vossa presença e as vossas palavras quero sublinhar que o Governo, fiel à Constituição Política, não pode deixar de ser fiel aos ideais corporativos: e sabe que para os levar a cabo pode contar com as Corporações.»

O presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, recebeu ontem à tarde em audiência de trabalho o ministro do Exército, brigadeiro Bettencourt Rodrigues, o embaixador de Espanha, prof. Ibanéz Martín, o governador-geral de Angola, ten.-cor. Rebocho Vaz e o ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha. Esta tarde o Chefe do Governo trabalhou com os titulares das pas-

tas das Finanças, Interior e Negócios Estrangeiros.

Ministério do Interior

O ministro do Interior, dr. Gonçalves Rapazote, recebeu em audiência esta manhã, as seguintes individualidades: governadores civis de Coimbra e Évora, presidente da Junta-Geral do Funchal e dr. Mário Arez, administrador da Sa-cor.

Ministério das Obras Públicas

O titular da pasta das Obras Públicas, eng.º Rui Sanches, recebeu esta manhã, em audiências separadas de trabalho, as individualidades seguintes: dr. Armando Rocha, director-geral dos Desportos, acompanhado do director do Conselho Nacional do Fundo de Fomento Desportivo; presidente da Junta-Geral do Funchal, cor. Homem da Costa; presidentes das Câmaras Municipais de Cascais e do Cartaxo; governador civil de Coimbra e presidente da Câmara Municipal da mesma cidade; governador civil de Viseu com os presidentes das Câmaras Municipais de Arouca e de Mangualde; presidente da Câmara Municipal de Torres Vedras; e o ministro-conselheiro da embaixada de Espanha, D. José Carlos Gonzalez-Campo.

Miniaturismo pictural exposto em Sintra

No Palácio Valenças, em Sintra, foi inaugurada, esta tarde, a já por nós mencionada curiosa e interessante exposição (única no mundo) de miniaturismo pictural em cabeças de alfinetes.

O acto inaugural contou com a presença dos srs. tenente-coronel Joaquim Pedro e Pereira Forjaz, respectivamente presidente e vice-presidente da Câmara Municipal; Eduardo Cardoso, presidente da Comissão de Turismo, etc.

O certame estará patente ao público durante um mês.

Estão abertas a partir de amanhã (e até 21 do corrente) as inscrições para os que já são alunos das Faculdades de Letras

A partir de amanhã, e até ao dia 21 do corrente, estão, finalmente, abertas as inscrições para os alunos das Faculdades de Letras de Lisboa, Porto (agora também com o curso de Filologia Românica) e Coimbra, que já as tenham frequentado, com aproveitamento em algumas cadeiras, nos anos anteriores. Entretanto, continuam abertas, até à próxima segunda-feira, as inscrições para os alunos que vão frequentar pela primeira vez a Faculdade, ou, de qualquer forma, se desejem inscrever sem mais na nova reforma.

Não se sabe ainda, por outro lado, em que condições ficarão esses alunos que já frequentam, em qualquer dos seus anos, a Faculdade. Quer dizer: não há normas fixas estabelecidas, e de aplicação geral, a regular a sua integração na nova reforma. Assim, todos os problemas individuais serão resolvidos casuisticamente atendendo às particularidades de cada um — o que implicará, certamente, um grande, e não sabemos se longo, esforço. Com efeito, ainda se ignora quando os alunos da velha reforma terão conhecimento da sua situação escolar dentro da nova.

Entretanto, mantêm-se as inscrições Cursos de Ciências Pedagógicas e de Preparação de Professores Adjuntos do 8.º e 11.º Grupos do Ensino Técnico Profissional que não sofreram alteração.

Uma nota a pôr em destaque: a reforma de 1968 não «boiou», ao con-

O TEMPO QUE FAZ

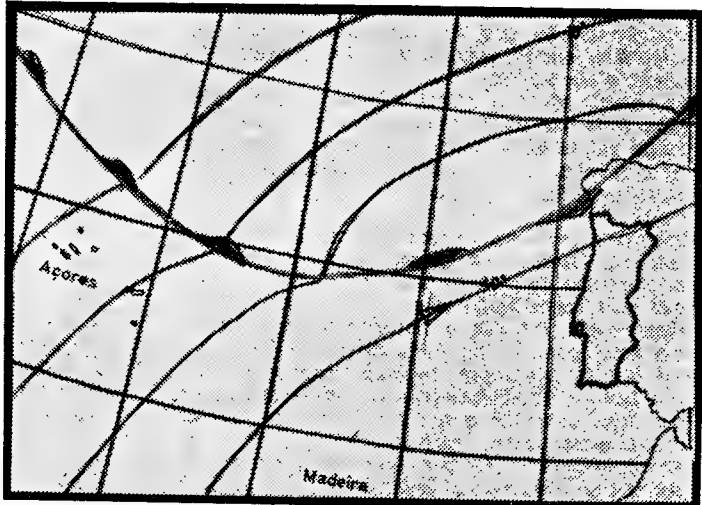
Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava geralmente pouco nublado, o vento era fraco e havia neblina no litoral Oeste a norte do Tejo.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Braga 28.8; mínima: Viseu, 5.º.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 15.º; Faro, 21.º; Lisboa, 19.º; Penhas Douradas, 15.º; Portalegre, 9.º; Porto, 3.º; Funchal, 2.º.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 18.4; na água do mar: 6.º.



Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 11 — Deverá manter-se a influência do anticiclone centrado sobre a Península Ibérica.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

CÉU GERALMENTE POUCO NUBLADO. VENTO FRACO A BONANÇOZO, PRE-DOMINANTE DE SUDOESTE.

SOL Amanhã: Nascer às 7 e 42 Ocaso às 19 e 5

PREIA-MAR: Dia 10 — 6 e 12 (3,9 m); 18 e 22 (3,7 m). Dia 11 — 6 e 40 (3,7 m); 19 e 23 (3,5 m). Dia 12 — 7 e 16 (3,5 m); 19 e 42 (3,3 m). BAIXA-MAR: Dia 10 — 11 e 51 (1,2 m). Dia 11 — 0 e 7 (1,3 m); 12 e 27 (1,4 m). Dia 12 — 0 e 40 (1,5 m); 13 e 10 (1,6 m).

☾ Dia 14 ☽ Dia 21 ☽ Dia 28 ☽ Dia 5

DIÁRIO DO PORTO

UMA ESCOLA DE ENFERMAGEM JUNTO DO HOSPITAL DE S. JOÃO

Ficou adiada para 8 de Novembro próximo o concurso público marcado para hoje, às 15.30, na sede da Comissão Administrativa das Novas Instalações Universitárias, em Lisboa, para adjudicar a empreitada de construção da escola de enfermagem junto do Hospital de S. João, no Porto, incluindo todos os trabalhos de construção civil e instalações especiais. A base de licitação é de 19.932 contos.

FALECIMENTO

Eng. António Manuel de Almeida

Confortado com os sacramentos da Igreja, faleceu, ontem, na sua casa, à Rua Tenente Valadim, 231, nesta cidade, o sr. eng.º António Manuel de Almeida, vice-presidente do conselho de administração do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e da Companhia de Seguros «Tranquilidade». Era viúvo da sr.ª D. Olga Andersen de Almeida, irmão do sr. Carlos Octávio de Almeida e tio da sr.ª D. Maria de Jesus de Almeida Noronha e Pizarro e da menina Ana Isabel de Magalhães Ribeiro.

O funeral, a cargo da Casa Alberto Pereira, realiza-se amanhã, às 11 horas, com missa de corpo presente na igreja do SS. Sacramento, findo o qual será trasladado para o cemitério de Agramonte, onde fica inumado em jazigo de família.

O ministro de Estado visitou esta manhã o Secretariado Técnico da Presidência do Conselho

O ministro de Estado, sr. eng. Vaz Pinto, visitou esta manhã o Secretariado Técnico da Presidência do Conselho onde trabalhou com o director-geral e directores de serviços apreciando problemas respeitantes à execução do Plano de Fomento.

A visita vem na continuação das que ultimamente aquele membro do Governo tem feito a alguns serviços dependentes da Presidência do Conselho, com o objectivo de assegurar um conhecimento cada vez mais perfeito da respectiva organica.

O sr. eng. Vaz Pinto chegou cer-

ca das 9 e 30, tendo visitado primeiro as instalações do Secretariado. Seguiu-se uma reunião de trabalho em que colaboraram os srs. dr. Nuno Alves Morgado, director-geral do Secretariado; dr. João Salgueiro, director do Planeamento; dr. Miguel Caetano, chefe de divisão do Planeamento Regional; dr. Caldeira Guimarães, chefe de divisão do Planeamento Global; eng. Correia Gago, chefe de divisão do Planeamento Sectorial; dr. Octávio Cruz, director dos Serviços de Integração Económica; e dr. Carmelo Rosa, chefe dos Serviços de Administração.

Jantar de homenagem a José Nuncio

Hoje, no restaurante «Muchachos», é oferecido ao cavaleiro José Nuncio, que vai prestar serviço militar em África, um jantar de despedida e homenagem às suas grandes qualidades de toureiro equestre.

o de reporter serviço

Joaquim Benite



ESPADINHA, ATÉ À MORTE

Num repente, enquanto via passar Espadinha numa das suas voltas ao quarteirão do Monumental, uma luz minúscula acendeu-se-me no cérebro. A luzinha foi aumentando de intensidade e posso, já agora, declarar que se tornou num verdadeiro clarão que de hoje para o futuro iluminará a minha vida. E também a vossa. se assim o desejarem.

Tudo parecia difícil e, afinal, não há nada tão simples. Pois não estão a ver? Daqui para o futuro, basta dar umas voltinhas para se resolver todos os problemas. Não é admirável? Não é esta, verdadeiramente, a grande descoberta deste século?

Imaginem que uma pessoa, de modestos recursos mas teimosa, se lembra de obter um lugar no conselho de administração da C. P.? Já viram que não custa nada? Basta umas voltinhas no Rossio: «Ou me dão o emprego ou morro mesmo aqui, pertinho da porta árabe da estação!» Outro que deseje lugar de administrador de um dos bancos da «baixa», não tem nada que errar: dá umas voltinhas a um pombalino quarteirão. Quem quiser entrar para a equipa do Benfica, dá voltinhas ao Estádio da Luz. Os que desejam um fato e não têm dinheiro para o pagar podem

— como isto é fácil — dar voltas à altaíatária. Os sem-profissão podem dar voltas ao Fundo de Fomento da Mão-de-Obra. Os automobilistas que tiverem pressa podem dar voltas ao sinalero. Os empregados bancários podem dar voltas ao Sindicato. Os políticos de todo o Mundo podem passar a dispensar o Parlamento e o jogo eleitoral: dão voltas aos palácios governamentais. E, finalmente, para não vos aborrecer com exemplos, os que desejam a glória podem dar voltas ao Globo.

Eis como, de repente, se pode fazer uma grande descoberta. De hoje para o futuro, não há dúvida, a frase «vai dar uma voltinha ao quarteirão» deixou de ter sentido pejorativo. Muito pelo contrário, será um conselho a dar aos homens persistentes, aos que desejam, de facto e com firmeza, vencer na vida. E tudo isto, graças a um único homem: Vitor Espadinha. O seu exemplo al está: dar voltinhas; dar voltinhas até à obtenção do que se deseja ou, na pior das hipóteses, até à morte! Rogo a todos que não deixem de o seguir.

E agora adeus: vou dar umas voltinhas ao chefe da Redacção, porque já agora sempre gostava de ver a crónica publicada!

NOVA DEPENDÊNCIA DO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO FOI ESTA MANHÃ INAUGURADA NO TERREIRO DO TRIGO

No Terreiro do Trigo foi esta manhã inaugurada nova sucursal do Banco Português do Atlântico.

A cerimónia inaugural constituiu acontecimento de relevo naquela importante zona comercial e industrial da cidade, tendo estado presentes o presidente do conselho de Administração daquele estabelecimento de crédito, sr. Arthur Cupertino de Miranda, o administrador-delegado sr. Braz Cabrita de Almeida Conde, os administradores eng.º Saraiva e Sousa e João Anjos Rocha, bem como o director-geral, dr. Vasco Vieira de Almeida, e os directores drs. Francisco Veiros, Gomes Mota, eng.º Vaz Antunes. Pela Misericórdia de Lisboa esteve o dr. Mário Gouveia. Presentes também muitos representantes das actividades daquela zona.

Usando da palavra o sr. Arthur Cupertino de Miranda salientou o

esforço que o banco vem fazendo para dotar o País de uma eficiente cobertura bancária.

Evocou a história do bairro e alguns dos seus grandes edifícios do passado, mas «a marcha do tempo se não obscurece o esplendor do passado, vai-o alterando e colorindo à luz de novos e mais complexos condicionamentos». Focou depois especialmente a constante e crescente actividade do Porto de Lisboa e da Alfândega. Disse:

«As receitas da Alfândega de Lisboa que eram em 1960 de 2226 milhões de contos, passaram em 1967 a 3477 milhões de contos, o que traduz uma taxa de crescimento médio anual de 6,6%. Tais números, pelo seu significado, dispensam só por si qualquer comentário.»

A acrescentou depois o sr. Cupertino de Miranda: «O III Plano de

Fomento, no tocante ao porto de Lisboa, prevê, para o período de 1968 a 1973, o investimento de 800 000 contos, repartidos em estudo e planeamento do porto, conclusão de obras em curso, melhoramentos diversos nas infra-estruturas e superestruturas, aquisição de equipamento portuário. Assim se espera intensificar o movimento de mercadorias e de passageiros, isto é, alcançar o objectivo do Plano neste ponto específico, que é o de «concretizar um conjunto de medidas que se impõem com premência na programação de complexos portuários eficientes» e «polarizar maiores tráfegos no porto de Lisboa, tornando-o concorrencial.»

Foi depois servido um beberete a todos os presentes, tendo-se trocado impressões na mais agradável das convivências.

«Quando dirijo não sou uma mulher sou um maestro» — diz-nos Sylvia Caduff

O Tivoli vai ser pequeno, no sábado, ao fim da tarde, para conter a multidão que todos os anos ali acorre para assistir ao primeiro espectáculo da habitual série de concertos apresentados pela E. N. com a sua Orquestra Sinfónica.

É uma tradição já velha, todos os Outonos renovada, agora com uma ampliação, constituindo a série de câmara, que sucederá à sinfónica, a estender assim a temporada ao longo de seis meses.

Como o leitor já teve oportunidade de verificar, vêm a Lisboa alguns grandes artistas, destacando-se, do naipe dos regentes, três maestros portugueses e dois estrangeiros. Frederico de Freitas regerá dois concertos, Silva Pereira um e António de Almeida outro. Quatro concertos serão dirigidos por Piero Bellugi sendo o outro, da série de nove, confiado a Sylvia Caduff.

Foi justamente com a jovem maestra que conversámos, tentando saber se se sente bem com a profissão que escolheu e como encara o facto de lhe caber inaugurar, no próximo sábado, a série de concertos deste ano, no Tivoli.

Sylvia Caduff é uma simpática senhora de carácter aparentemente nada voluntarioso. Fala com suavidade e, para não negar a sua condição de suíça, começou por nos falar do tempo. Não era protocolo, era uma espécie de deslumbramento que se desprendia dos seus olhos, ao apontar o arvoredo banhado de sol.

— Não tarda que venha a neve no meu país. Faz frio e vento e aqui parece estarmos no Verão. É lindo! É pena que a minha estadia de oito dias em Lisboa não me deixe tempo para passear. Cheguei no domingo e partirei na segunda-feira.

Já ensaiei duas vezes com a vossa Orquestra Sinfónica Nacional, no Teatro de S. Carlos. Tenho-me dado bem, sendo esta a primeira vez que aqui venho reger. Estou contente por me terem dado oportunidade de escolher, entre várias peças propostas, Beethoven e Dvorak. São obras que conheço bem e já tenho regido várias vezes, mormente a «4.ª Sinfonia». O trabalho com a orquestra está assim facilitado, além da própria capacidade



«Na estante de regência não sou uma mulher, sou antes do nosso repórter fotográfico ter captado esta imagem»

de adaptação, técnica e maleabilidade deste vosso agrupamento sinfónico.

— Não tem tido problemas? Não lhe parece difícil a profissão que escolheu? — perguntámos.

— Na verdade — esclarece-nos a maestra — a minha tarefa é um pouco dura, tantas vezes porque os homens não gostam de ser dirigidos por mulheres. Mas nunca tive problemas. Aliás, quando ocupo o estrado da regência, esqueço-me de que sou uma mulher. Sou um músico trabalhando entre músicos e isso facilitará enormemente as nossas tarefas.

Uma carreira alemã ganha em Nova York

— Há cinco anos que me tornei maestra — continuava a nossa interlocutora pausadamente e sorrindo sempre. — O meu primeiro curso, no Conservatório de Lucerna, foi de pianista. Mas quando ainda era estudante dirigia já duas orquestras de câmara. Era a minha vocação.

Mas tudo foi muito duro para mim até 1966.

Foi há dois anos, na verdade, que comecei verdadeiramente a minha carreira, ao ganhar o 1.º prémio do Concurso Internacional Dimitri Mitropoulos, em Nova York. Tive por acaso a oportunidade de reencontrar neste ano o vosso maestro Alvaro Cassuto, também concorrente, como eu. Já nos conhecíamos, aliás, pois Cassuto foi

meu colega de direcção de assistência quando ensinava. E agora deve justificar a preferência que repertório sempre escolheu, verdade, contudo sempre pe-

Agora, por vezes que me dá pouco é a ideia que irei em breve lá. Quando a Zurique, antes dos fazer com a Orquestra de Zagreb e o

O prof.

será o no

da Ordem

Como ontem marcada para pelas 21 horas organismo, a tonário da Orquestra da Ordem, legados dos Co Lisboa, Porto bem marcada a eleição da Geral.

Entretanto, apresentação do os delegados recebeu já

Para o alto da Ordem foi sr. prof. Miller confirmar a pelo nosso jor rávamos essa a mais provav

Também par biela geral f uma lista, na nário, o prof. de Coimbra, cargo de presidente está in Tavares, do P rios os srs. dr ta e Lino da boia,

A EXPANSÃO DA PROVIMI PORTUGUESA

GERARD VISSER VISITA PORTUGAL

Com o fim de observar o modo como está a desenvolver-se o programa de expansão da Provimi Portuguesa, chegou ontem a Lisboa o sr. Gerard Visser, brilhante homem da grande indústria e destacado dirigente da Organização Internacional Provimi.

Gerard Visser, a quem a Organização Provimi deve algumas das suas mais arrojadas iniciativas e os maiores triunfos, e que nutre a maior simpatia pelo nosso País, visitará departamentos e unidades

industriais da Provimi Portuguesa, nomeadamente a grande fábrica em construção em Alverca.

Na agenda de trabalhos do sr. Gerard Visser contam-se, além de actos de natureza social, várias sessões de trabalho com o Director da Provimi Portuguesa, sr. Van Den Heuvel, com o fim de estudar a programação e aceleração do novo plano de expansão da Provimi Portuguesa, iniciado neste ano em que esta prestigiosa organização comemora o seu X aniversário.



CHAVE D'OURO O MELHOR CAFÉ...

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU. UMA JOIA É SEMPRE UM VALOR. GRANDE OURIVESARIA DA MODA RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TACIDES BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

NÃO DEIXE FUGIR A SORTE!

Ela espera-o aos BALCÕES da

CASA DA SORTE

LOTARIA DE OUTUBRO-6.000 CONTOS

apenas por 240\$00

JOALHARIA MERGULHÃO

Fornecedora do Corpo Diplomático — Fundada em 1895 ARTÍSTICAS

162, Rua de S. Paulo, 162-B Telefone 30013 — LISBOA

7.º ANDAR

AO RESTELO, 4 ASSOALHADAS, 2 CASAS DE BANHO, AQUECIMENTO, PRÉDIO DE LUXO POR ESTREAR, VISTA DESLUMBRANTE. ALUGA-SE ESC. 2500\$00 — TELEF. 633723

Ourivesaria da GUIA

UM NOME NA OURIVESARIA POR



RUA D. D (Edifício da

CARROS USADOS

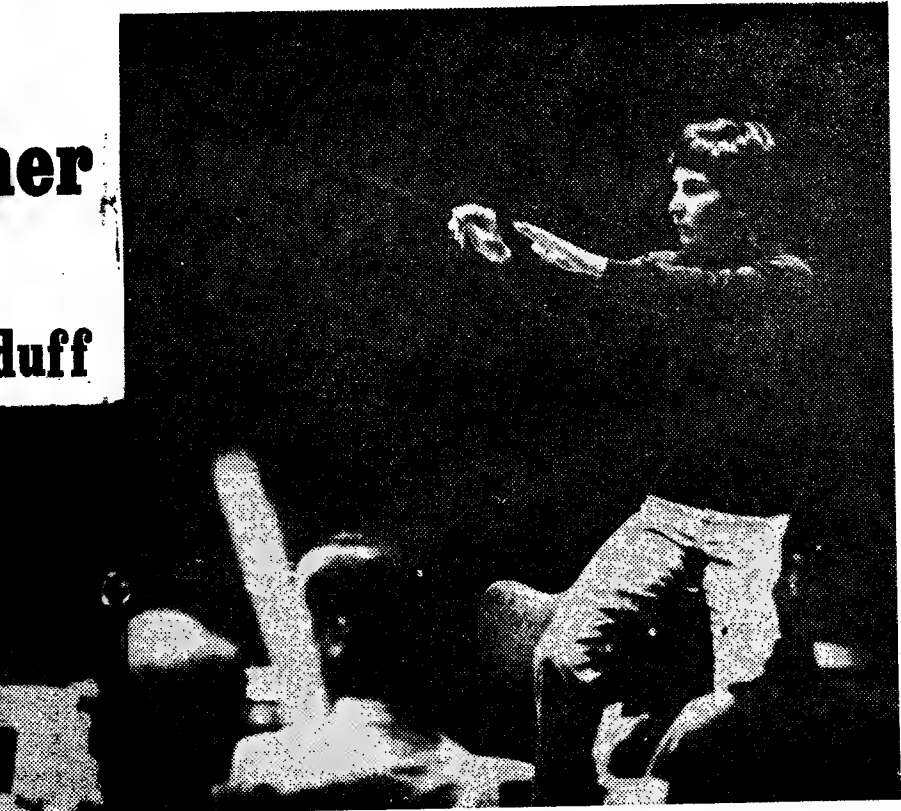
VARIAS MARCAS E MODELOS PROVENIENTES DE TROCAS

Fac. troca e pagamento

Stand Moderno

Rua João Saraiva, n.º 15 (Alvalade)

CONCESSIONARIO



...a não sou uma mulher, sou um músico entre músicos — dizia-nos Sylvia Caduff pouco antes de fotografar esta imagem, em S. Carlos, quando a maestrina ensaiava Beethoven e Dvorak com a Orquestra Sinfónica Nacional

meu colega em Berlim, nas aulas de direcção de Karajan, ou do seu assistente quando ele não nos podia ensinar. Essa minha aprendizagem deve justificar um pouco, a par do temperamento, a marcada preferência que tenho por todo o repertório romântico alemão. Mas nem sempre podemos, evidentemente, escolher os programas. A verdade, contudo, é que incluo quase sempre peças novas nos meus concertos.

Agora, por exemplo, uma das razões que me impede de passear um pouco é a preparação das obras que irei em breve reger na Jugoslávia. Quando deixar Lisboa volto a Zurique, onde darei três concertos, antes dos outros dois que irei fazer com a Orquestra Filarmónica de Zagreb e a Orquestra Sinfónica de Luisiana. Por isso a estadia de uma semana em Lisboa não é mais do que mais um elo nesta longa correria para o trabalho. Mas eu gosto, porque trabalho naquilo que sempre desejei.

—No sábado vai ter uma tarde apoteótica, estamos certos — assegurou o repórter.

Sylvia Caduff não se desconcertou. — É a vida. Uma mulher como eu, as mulheres que escolhem carreiras como a minha têm de estar preparadas para tudo. O bom, o mau, a rádio, a TV e os homens dos jornais, que de repente nos apanham distraídas, como o senhor fez, para nos porem às vezes questões embaraçosas.

Tinha chegado a vez de ser o repórter a sorrir e... partir!

O prof. Miller Guerra será o novo bastonário da Ordem dos Médicos

Como ontem noticiámos, está marcada para o próximo dia 19, pelas 21 horas, na sede daquele organismo, a eleição do novo bastonário da Ordem dos Médicos. A eleição compete à Assembleia Geral da Ordem, constituída pelos delegados dos Conselhos Regionais de Lisboa, Porto e Coimbra. Está também marcada para a mesma data a eleição da mesa da Assembleia Geral.

Entretanto, terminou o prazo de apresentação de candidaturas, tendo os delegados à Assembleia Geral recebido já as respectivas listas.

Para o alto cargo de bastonário da Ordem foi proposto, apenas, o sr. prof. Miller Guerra, o que vem confirmar a notícia dada ontem pelo nosso jornal, na qual considerávamos essa eventualidade como a mais provável.

Também para a mesa da assembleia geral foi proposta apenas uma lista, na qual o actual bastonário, o prof. Lobato Guimarães, de Coimbra, é indigitado para o cargo de presidente. Para vice-presidente está indicado o sr. dr. Abel Tavares, do Porto, e para secretário os srs. drs. Castel-Branco Monteiro e Lino da Silva, ambos de Lisboa.

AR

ASSO-
AS DE
CIMEN-
LUXO
VISTA
ALU-
\$500 —
23

Guia

NA OURIVESARIA PORTUGUESA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Torre de Babel

João Medina

«PARADISE NOW!»

Se houvesse, algures na terra, em Pequim ou em qualquer outro sítio, um concurso de frases revolucionárias, de estribilhos ditos «subversivos», creio que o primeiro prémio iria para aquele que serve de título a uma peça teatral posta em cena durante o XX.º Festival de Avinhão, cidade papal a viver hoje uma merecida reforma histórica. Chamava-se pois a peça «Paradise now», ou seja, O Paraíso Imediatamente. Sobre o grau de saturação subversiva desta peça di-lo, melhor do que um comentário, o facto de a municipalidade e as autoridades da cidade provencal terem decidido proibir as representações cénicas convidando os anarquistas do «Living Theater» a abandonarem o burgo. Orquestrada por um jornal local que apodava de «freudianos» os actores do «Living Theater», a campanha xenófoba e anti-paradisiaca teve momentos de delírio que não me compete averbar aqui, interessado como estou em sublinhar apenas o conteúdo explosivo do título da peça.

O título de «O Paraíso já» tem qualquer coisa de provocador e devia ingressar desde já no léxico dos grandes slogans que agitam, sapam, minam e corroem as instituições, as muralhas, os conceitos e os hábitos inveterados. Receio mesmo que, à semelhança do caso pitoresco relatado pela Bíblia, o retumbar de mil tubas clamando este «Paradise now!» seria mesmo capaz de comover e abrir brechas nas Jericós da tradição e do privilégio. Mas onde estão os Josués capazes de se apoderarem do estribilho e de o trem soprar com gana e fôlego diante das muralhas do nosso vasto mundo urbano e técnico?

Deixemos todavia a Josué o que é de Josué e tornemos a Avinhão.

Parece-me sumamente inquietante reclamar que o Paraíso (seja ele místico, laico, técnico, social, político, económico, metafísico, lascivo, casto, químico, mental, etc.), em vez de estar no futuro e na utopia (que era, como se sabe, uma ilha situada em lugar nenhum), se faça, apareça e se manifeste JÁ, AQUI, AGORA. Como assim?! — Como assim? O paraíso já, o paraíso aqui, sem esperar, sem requerimentos, sem papel selado, sem delongas, sem pedidos, sem tédios, sem mediações, sem intermediários, sem labirintos...! É lá possível! — assim fala a Sabedoria, assim fala a Paciência, assim fala o chamado Bom-Senso. «Paradise now?» Later, dirão. «Later» ou «never»?

Que fazer dos dogomilos, anabatistas e outros anarquistas desavergonhados que reclamam, com impudor, com frases e gestos libidinosos o direito ao Eden-sem-Espera, ao Paraíso-agora-mesmo, ao Prazer e à Felicidade imediatas? A prisão? O bastão? O duche frio? Uma receita de neurolépticos e de anticolinérgicos? O halopridol? Seja como for, com terapêuticas para as distonias psíquicas e neurovegetativas ou com o chicote, estes carbonários devem ser banidos das nossas cidades, das nossas ruas, de nossa vista. Foi aliás o que lhes fez a sensata municipalidade de Avinhão: pegou naqueles mariolas do «Living Theater» e mandou-os procurarem a Icária ou a Pasárgada dos sonhos deles noutras terras, noutras voluptuosas latitudes.

Strasbourg, Outubro de 68.

Os edifícios escolares e os que lá estudam

Na primeira reunião do Conselho de Ministros da presidência do sr. prof. dr. Marcello Caetano, foi examinada a deficiência dos edifícios onde funcionam algumas escolas superiores da capital e resolvido considerar de primeira prioridade a rápida solução do assunto.

Se aceitarmos que «o investimento de maior rentabilidade é o da educação», a decisão é importante e oportuna. Conhecem-se, efectivamente, as condições mais que precárias e de chocantes deficiências e insuficiências em que funcionam certos estabelecimentos de Ensino Superior. E pode servir como exemplo flagrante (quase inacreditável!), relativamente a Lisboa, a pobre Escola Superior de Belas-Artes, encafuada nas catacumbas do velho edifício da Biblioteca Nacional.

Até quando?

E só de pensar nisto se tem de aplaudir sem reservas a transcendente resolução, muito embora saibamos todos que nem só de bons edifícios vivem as boas escolas. Mas um bom edifício já é um importante passo para que desapareçam os entraves a um adequado apetrechamento e surjam melhores condições de estímulo. Estímulo para que os estudantes se interessem (a sério) pelos cursos que frequentam e pelas matérias que devem dominar, de modo a estarem aptos a desempenhar um papel consciente no futuro; estímulo para que os mestres se interessem (a sério) pela preparação dos seus alunos.

Certo é que, mais importante do que as paredes de um edifício escolar, avulta o «clima», a «atmosfera» científica, pedagógica e humana do estabelecimento que aí funciona. E para que tal «atmosfera» exista é tão importante um director à altura das suas responsabilidades como um corpo docente competente e colaborante com a população escolar. E isto tão importante como a colaboração voluntária de uma interessada massa escolar com um compreensivo e consciencioso corpo de professores. Mau seria que, em novos edifícios escolares, se prosseguissem velhos métodos de indesejável e medíocre imposição de comportamento. M. de A.

LIBRAS OURO

Comecem a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR

À VENDA POR 1.000

À ANUNCIADAS

6.º - ESTREITO E DO VALE - PORTO

6.º - 2. GONÇALVES SILVA - LISBOA

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brochura natural dos dentes e limpa a pasta medicinal Couto, dá-lhe a saúde da boca e dos dentes

Depressa, tome Rennie!

O SEU EXTINTOR DE BOLSO

A tensão do dia-a-dia abate-se sobre nós. Atinge-nos por dentro, no estômago, pela indigestão, azia, excesso de ácidos.

Digestif Rennie apaga esse ardor como se fosse um extintor de bolso. Sem água, sem um minuto de espera! Uma Digestif Rennie elimina imediatamente a sensação de ardor. Uma segunda Rennie, dissolvida lentamente na boca, assegura-lhe um alívio mais duradouro.

Rennie
Força digestiva!

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

Começou a segunda audiência do julgamento de Litvinov

MOSCOVO, 10 — (F. P.) — Pouco antes das 10 horas foi aberta a segunda audiência do julgamento de Larissa Daniel, de Pavel Litvinov e dos seus três co-réus, na presença apenas dos parentes mais chegados e das testemunhas.

Como já aconteceu ontem, uma pequena multidão de amigos juntou-se à entrada do tribunal, mas desta vez sob forte aguaceiro. Sobre-se esta manhã que Larissa Daniel recusou o auxílio de um advogado, encarregando-se ela própria da sua defesa.

Pavel Litvinov será defendido pelo dr. Kaminskaya, Vadim Delone pelo dr. Kalitratova, Vladimir Dremiuga pelo dr. Monakhov e Constantino Rabitski pelo dr. Diz-deev.

Conhecem-se, entretanto alguns pormenores da audiência de ontem por intermédio de pessoas a que a ela assistiram. Assim, os réus começaram por solicitar o adiamento do julgamento no sentido de se efectuarem investigações complementares quanto aos jovens que agrediram alguns deles na al-

tura da manifestação na Praça Vermelha. Afirmaram igualmente que o tribunal não tinha o direito de discutir o caso de Victor Feinberg, o qual foi libertado e colocado num instituto psiquiátrico. Todavia estes requerimentos foram indeferidos pelo tribunal depois de a audiência ter sido interrompida por 90 minutos.

Além de calúnia e de perturbação da ordem pública, os réus foram acusados de estarem a preparar uma conjura criminosa e de terem «pontos de vista errados quanto ao auxílio fraterno prestado ao povo checoslovaco».

Todos negaram a acusação de conspiração criminosa, reafirmando ao mesmo tempo, segundo as pessoas que assistiram à audiência, que a entrada das tropas do Pacto de Varsóvia na Checoslováquia fora, em sua opinião, um «trágico erro».



Três jovens checoslovacos sentados na escadaria de um museu, na Praça Vencesla, em Praga exibem emblemas com a efígie de Dubcek e com a seguinte inscrição: «Amo a liberdade». Estes emblemas estão à venda na capital da Checoslováquia.

O preço do petróleo da Argélia

Acabado de solucionar o caso do «Boeing» israelita, a Argélia faz uma nova demonstração de força num campo — o principal campo — em que a sua posição é vantajosa: o do petróleo. O embargo às exportações de petróleo realizadas a preços que considera insuficientes é uma medida unilateral que ninguém parecia esperar em Paris. Ficará estabelecido, com efeito, nas últimas conversações entre o Governo francês e o argelino, que para melhorar o clima de cooperação entre os dois países cada parte evitaria colocar o seu parceiro perante um facto consumado.

A decisão de Argel faz, para já, correr o risco de perturbar correntes de abastecimento cujo principal destinatário é, de longe, a França. Mas, para além das suas consequências imediatas, esta decisão é séria, na medida em que parece voltar a pôr em causa um princípio formulado em Evian e retomado nos acordos de 1965, o da liberdade de dispor da sua produção reconhecida aos titulares de concessões de exploração. Pedindo às companhias que aumentem os preços de contratos tidos por insuficientemente remuneradores, o Governo de Argel parece considerar que aquelas são más comerciantes e conhecem mal o seu mister, desperdiçando um petróleo que acredita ser de qualidade excepcional.

Argel foi talvez levada a semelhante opinião ao observar que os contratos recentemente concluídos pela sua sociedade nacional, a Sonatrach, foram feitos em condições mais vantajosas que outros realizados por companhias estrangeiras anteriormente à Guerra dos Seis Dias, a qual provocou um forte aumento das cotações. Pode então perguntar-se se o conhecimento das condições reais do mercado petrolífero está, realmente, de acordo com o desejo de Argel de aumentar o seu papel neste mercado.

Perante as decisões do Governo do coronel Boumediene, todas as companhias estrangeiras que operam no Sahara entram no mesmo saco, quer sejam públicas ou privadas. Uma e outras, que em troca de rendimentos garantidos à Argélia pensavam dispor livremente da sua produção, serão incitadas, pela última iniciativa de Argel, a forçar ainda mais a política de diversificação das fontes de abastecimento. É este, em particular, o caso do grupo Elf-Erap, para o qual a Argélia continua a ser, de longe, a principal fonte de petróleo, e que se tinha comprometido profundamente na experiência de cooperação inaugurada em 1965.

Na prática, esta cooperação, cujo dispositivo só foi efectivamente posto em acção há pouco mais de dois anos, é das mais laboriosas. «A cooperação forma um todo», segundo a fórmula de Argel, e negócios como os do vinho ou da mão-de-

-obra, a respeito dos quais a França não foi isenta de culpa, ou a nacionalização, por Argel, de inúmeras empresas francesas, não oferecem um clima particularmente propício ao bom desenrolar da cooperação petrolífera propriamente dita. Neste terreno, os argelinos censuram aos franceses simultaneamente dois factos: não fomentarem decididamente a exploração e exploração, a ritmo excessivo, alguns dos jazigos descobertos. No importante sector do gás natural, por outro lado, se foram feitos contratos importantes de exportação com a França, a realização prática da cadeia de evacuação em território argelino, que necessita de pesados investimentos de capital, fica consideravelmente travada. A evolução do mercado internacional do gás, com as descobertas no Mar do Norte e a consequente baixa dos preços que se lhe seguiu, contraria as esperanças postas pela Argélia nesta riqueza, e disso retira este país o sentimento de que existe uma espécie de conspiração capitalista internacional contra si, e que a França seria, até certo ponto, um dos conspiradores.

Pergunta-se se este processo — de que o objectivo dos acordos de 1965 era impedir o desencadeamento — poderá um dia ser travado. A última iniciativa de Argel a este respeito não incita ao optimismo.

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

SAIGÃO DESMENTE A TENTATIVA DE UM GOLPE DE ESTADO

SAIGÃO, 10 — (F. P.) — O gabinete da presidência da República desmentiu hoje as informações e os «rumores» de que teria sido

abortada uma rebelião. Acrescentou: «Há dois dias que correm boatos, lançados pelos comunistas e certo numero de pessoas irresponsáveis. Dizem estes que o Exército teria tomado medidas contra uma rebelião, havendo prisões. O gabinete da presidência tem a honra de anunciar que as medidas militares tomadas, têm carácter normal para a defesa das instalações militares, e que todas as unidades do Exército vietnamiano, conti-

nuam, sem quebra, a lutar contra o inimigo.

«Até à data, nenhum general, nenhum oficial superior, nenhum civil do antigo partido «Cam Lao» foi detido» (o partido «Cam Lao» tinha sido fundado por Ngo Dinh Nhu, irmão do antigo presidente Ngo Dinh Diem).

A declaração do gabinete da presidência da República segue-se ao anúncio do aborto de um golpe de Estado, por uma fonte oficial.

JOHNSON: NINGUÉM

PODE PREVER

O FIM DA GUERRA

WASHINGTON, 10 — (F. P.) — O presidente Johnson declarou ontem que ninguém pode prever quando acabará a guerra do Vietnã. No entanto, sublinhou ser mais claro do que nunca que o inimigo falhara em todas as suas tentativas para impor os seus desígnios políticos por meios militares.

O presidente, que tomara a palavra para desejar as boas vindas a Keit Holyoake, primeiro-ministro da Nova Zelândia, chegou de manhã a Washington para uma visita oficial de três dias, acrescentou estar convencido de que a agressão comunista sofrera uma derrota clara e significativa.

Propostas de reforma agrícola no Mercado Comum

BRUXELAS, 10 — (R.) A comissão executiva do Mercado Comum está a redigir propostas para uma reforma radical da comunidade agrícola, segundo revelaram a noite passada fontes bem informadas.

Disseram que as propostas, que serão apresentadas ainda este ano aos ministros da Agricultura dos seis Estados membros, visam a elevar o nível dos salários dos trabalhadores rurais até ao de outros operários por meio da modernização de métodos agrícolas.

Meios possíveis de conseguir isso: encorajar pequenos agricultores a fundirem as suas propriedades em unidades maiores e impor uma congelação temporária aos preços dos produtos agrícolas.

Esperava-se que uma melhoria na eficiência desse campo conduziria a uma redução dos subsídios à agricultura, que se aguardava totalizem 2500 milhões de dólares em 1960.

É provável que o plano de reforma depare com grande oposição de certos sectores da comunidade agrícola. No princípio deste ano agricultores protestaram energeticamente contra um plano que previa a mudança da produção de lacticínios para a de carne de vaca por causa dos excessos de manteiga da comunidade.

O autor de tal plano e o homem responsável pelas propostas apresentadas agora à comissão é Sicco Mansholt, o holandês vice-presidente da comissão.

Os comissários iniciaram anteontem as suas discussões acerca das ideias de Mansholt durante uma sessão especial e esperava-se que realizassem mais sessões desse género, antes de apresentarem um relatório ao conselho de ministros.

Fontes bem informadas desmentiram notícias de que os comissários tinham já concluído a redacção das suas propostas aos ministros e que os subsídios agrícolas da comunidade poderiam totalizar 4000 milhões de dólares em 1970.

DUBCEK PROPOSTO PARA NOBEL DA PAZ

BRUXELAS, 10 — (F. P.) — O rev. Dominique Pire, Prémio Nobel da Paz em 1958, acaba de apresentar a candidatura de Alexandre Dubcek, secretário do Partido Comunista Checoslovaco, ao Prémio Nobel da Paz do próximo ano.

O padre Pire fez esta sugestão numa carta dirigida ao «Comité» Nobel em Estocolmo.



Quando o chanceler Kiesinger discursava numa reunião eleitoral do Partido Cristão Democrata realizada, recentemente, em Haxia (Alemanha Ocidental), manifestantes presentes na sala levantaram-se e gritaram: «Sieg heil» (Viva a vitória). Kiesinger não interrompeu a sua alocução.

O «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda no SALÃO ROYAL em CASTELO DE VIDE, no próprio dia.

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO

Conversações entre o Governo e os estudantes mexicanos

CIDADE DO MÉXICO, 9 — (A. N. I.) — Decorrem na Cidade do México conversações entre representantes do Governo e dirigentes estudantis, a fim de se pôr termo às manifestações de rua na capital mexicana.

Jorge de La Vega e Andres Caso, os dois representantes do Governo, afirmaram que as conversações, que têm decorrido num restaurante e nas suas residências particulares, se destinam «a estabelecer as bases para a formulação das ques-

ções de interesse geral» entre o Governo e os estudantes.

Entretanto, o movimento estudantil, cujo principal dirigente parece ser agora Marcelino Perello, aluno de Matemáticas, afirma que continuará activo.

No entanto Perello afirmou que os dirigentes de «linha dura», presos durante os tumultos do dia 2, são «traidores da causa estudantil».

Outros dois dirigentes estudantis detidos, Carlos Martín Del Campo Ponce de León e Servando José Davila Jimenez, declararam, em conferência de imprensa, que lhes foram entregues cartuchos de dinamite, que deveriam lançar sobre a Polícia, durante as manifestações.

Jimenez, que tem 21 anos, acrescentou ter participado na sabotagem de um colector, no dia 3, e reconheceu que o movimento estudantil «foi além dos limites legais» e está dominado pela «anarquia e pelo erro».



Estudantes peruanos em luta com a Polícia numa rua da capital. Os manifestantes queriam desfilar através de Lima a fim de protestar contra o golpe de Estado do general Velasco Alvarado

Os homens de negócios apoiam Nixon

WASHINGTON, 10 — (A. N. I.) — Richard Nixon conquistou um apoio importante: o dos homens de negócios, apoio que há seis meses pertencia em grande parte a Hubert Humphrey.

Os membros do Conselho dos Homens de Negócios que responderam ao inquérito da U.P.I., mostraram-se favoráveis ao candidato republicano e só um declarou estar convencido que Humphrey ganhará as eleições no dia 5 de Novembro.

O Conselho é constituído por 120 industriais, banqueiros e dirigentes de companhias e reúne-se duas vezes por ano com individualidades do Governo para discutir questões políticas.

Quando o Conselho se reuniu em Maio passado, antes das convenções dos Partidos Republicano e Democrático, o inquérito então feito revelou que cerca de trinta por cento dos representantes do Conselho esperavam que a campanha eleitoral pusesse frente a frente Nixon e Humphrey e as preferências entre ambos eram equilibradas.

Dos 66 membros do Conselho que responderam ao inquérito da U.P.I., esta semana, sete declararam que preferiam Humphrey, mas 58 manifestaram-se a favor de Nixon, havendo um que declarou estar ainda indeciso.

A sondagem da U.P.I. mostra ainda que os tumultos urbanos foram o elemento essencial para a escolha do candidato presidencial.

Nos assuntos principais da campanha, Nixon é considerado como o candidato que oferece melhores soluções.

A fortuna de Humphrey

NOVA YORK, 10 — (A. N. I.) — A fortuna total de Humphrey eleva-se a 281 423 dólares (cerca de oito mil contos). Esta cifra foi divulgada pelo gabinete do vice-presidente, horas depois de ter sido revelado o montante dos bens de Richard Nixon (meio milhão de dólares). Em relação a diversos senadores, ou do presidente Johnson, sem falar do governador Nelson Rockefeller e da família Kennedy, estes haveres parecem relativamente modestos.



Richard Nixon, candidato republicano à presidência dos E.U.A., obteve um apoio importante: o dos homens de negócios norte-americanos.

As margens entre os candidatos republicano e democrático para a guerra do Vietnam, por exemplo, é de 55 para 8, nos tumultos urbanos de 57 para 6, no crime organizado de 60 para 2, na política internacional de 53 para 9.

Wallace teve dois votos como o candidato com melhor solução para o problema do crime, mas ninguém votou nele para presidente.

NIXON REJEITA UM DEBATE COM WALLACE

CHICAGO (Illinois), 10 — (A. N. I.) — Richard Nixon está disposto a participar num debate com Hubert Humphrey, mas não com George Wallace — afirmou ontem em Chicago o chefe dos serviços eleitorais do candidato republicano, John Mitchell.

«Nixon — acrescentou — acredita na validade do sistema bipartidário e não se quer envolver na confusão que resultaria de um debate a três.»

Suspensa a actividade administrativa na Cidade Universitária

CIDADE DO MÉXICO, 10 — (F. P.) — O conselho universitário — órgão administrativo da Universidade nacional autónoma — decidiu hoje suspender toda a actividade administrativa na cidade universitária de 12 a 27 de Outubro, ou seja enquanto durarem os Jogos Olímpicos. Os funcionários serão considerados em período de férias, mantendo-se nas instalações escolares um pessoal de vigilância reduzido.

Desmentida no Rio de Janeiro qualquer ligação da Polícia com o «Esquadrão da Morte»

RIO DE JANEIRO, 10 — (R.) — O governador e o comandante da Polícia desta cidade-estado de quatro milhões de almas negaram conjuntamente a responsabilidade da Polícia por uma vaga de assassínios misteriosos atribuídos ao «Esquadrão da Morte».

Na semana passada, cerca de 10 cadáveres de criminosos notórios foram encontrados nas bermas das estradas ou em terrenos baldios do Guanabara ou no estado vizinho do Rio de Janeiro.

Os corpos, crivados de balas, trazem habitualmente etiquetas com uma caveira e tábua e as iniciais «E. M.» (Esquadrão da Morte) e, algumas vezes, a alegada razão da execução sumária, como «era um ladrão de automóveis» e «planeavam assaltos a bancos».

O jornal da tarde «Última Hora» afirma que recebe regularmente informações pelo telefone feitas por um homem com voz cava, que se intitulava a si próprio como «Rosa Vermelha» e atribui os assassinatos

a um pelotão de execução da Polícia «em defesa da sociedade».

Contudo o governador do estado de Guanabara, Francisco Negrão de Lima, desmentiu formalmente que a sua Polícia tivesse qualquer participação nesses crimes.

O secretário-geral da segurança do estado, Luís Franco, afirmou que o «Esquadrão da Morte» era um mito e que o seu emblema da caveira e tábua e as temíveis iniciais «E. M.» eram usadas pelos assassinos para cobrir o seu rasto.

FORD

17M

Ele é irresistível!

...É MELHOR!

2 e 4 portas

STAND MODERNO
Rua João Saraiva, 15-Telef. 7110 66/9
Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A-Telef. 4 96 69

EM LISBOA

LINCURI

Av. da República, 32-A-Telef. 77 70 91

**180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125\$00
MENSAIS — JURO DE 8 %**

J. PIMENTA

ANDARES

APARTAMENTOS MOBILADOS

**UMA ORGANIZAÇÃO ANTIGA
E CONCEITUADA MAS MODERNA**

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Um magnifico conjunto situado perto do mercado e estação da Paço d'Arcos, com vista excepcional de mar de todas as janelas, terá acabamentos especiais com materiais de longa duração, inclusive caixilharia em alumínio.

ANDARES DE 3 A 10 DIVISÕES

J. PIMENTA, S. A. R. L. e J. PIMENTA, LDA.

Possuem propriedades para venda desde 120 contos na Reboleira — Amadora, Centro da Amadora frente à estação do C. F., Portas de Benfica, Pa-rede, Alapraia e brevemente em Cascais e Lisboa.

**NÃO CONFUNDA UMA ORGANIZAÇÃO DE BEM SERVIR
COM SIMILARES**

INFORMAÇÕES:
Lisboa — R. Conde Redondo, 53, 4.º, Esq.º — Tel. 47843 e 45843
Queluz — R. D. Maria I, 30 — Telef. 952021 e 952022
Amadora — Reboleira — Tel. 933670

**MORADIA
EM CASCAIS**

**Av. Marechal Carmona,
N.º 30**

Vende-se, com 11 assoalhadas, sendo algumas excepcionalmente grandes, 5 roupeiros, 3 casas de banho, lavabo, 3 halls, grande cozinha, despensa, lavanderia, garagem, enormes varandas, jardim, vistas agradáveis, Área 1050 m2.

TRATA-SE NO LOCAL

**MORADIAS NO ALTO
DE PAÇO D'ARCOS**

**RUA JOSÉ FERRÃO CASTELO
BRANCO**

Compondo-se de r/c, 1.º andar e garagem, 10 casas assoalhadas, cozinha, lavabos, etc.

PREÇO 1.500 CONTOS

Em construção com acabamentos ao gosto dos interessados.

INFORMAÇÕES: No próprio local ou nesta organização.

AZULEJOS

Nacionais e Estrangeiros
DESDE \$60
Distribuidores exclusivos nos distritos de Lisboa e Setúbal dos azulejos Celena

**BANHEIRAS DE FUNDAÇÃO
E CHAPA ESMALTADA**

Grande quantidade de polibainas de ferro fundido

**PREÇOS SEM
CONCORRÊNCIA**

PLASTICO PVC RIGIDO

Distribuidores exclusivos do material plástico PVC rígido, para revestimentos de paredes, tectos, divisórias para escritórios, portas extensíveis e planas e chapas de cobertura da Fábrica de Plásticos Valverde

**A BOA QUALIDADE
A BAIXO PREÇO**

A maior gama de materiais de construção especialmente revestimentos, tintas, drogas, ferragens e ferramentas

J. PIMENTA, LDA.

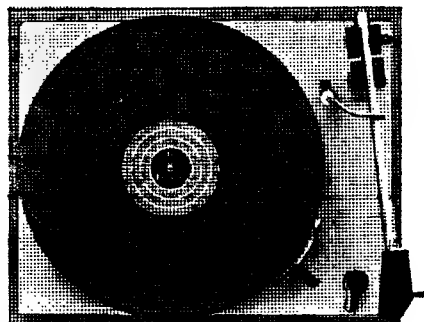
RUA D. MARIA I, 30

QUELUZ

**PRACA PADRE EDUARDO
FERREIRA DO AMARAL, 3-A**

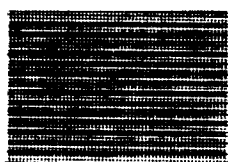
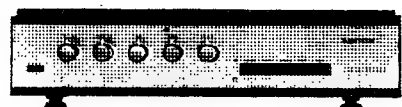
AMADORA

(Junto ao Jardim Parque)



LENCO LAB-52

**SABE QUE
PODE COMPRAR
UMA CADEIA DE
ALTA FIDELIDADE
ESTEREOFONICA
POR UM PREÇO
ACESSÍVEL ?**



PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO AOS

PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.



**QUE SE DEVE EXAMINAR A
PRIMOROSA CONSTRUÇÃO
SUIÇA DA**



(CARRETOS DE 33, 38 E 47 cm.)

**A MÁQUINA QUE ESTÁ
CAUSANDO SENSACÃO
NO MUNDO COMERCIAL!**

DISTRIBUIDORES:

**ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR.
S. A. R. L.**

**68, RUA DA PRATA, TEL. 36 15 45 — LISBOA
208, R. S.º ANTONIO, TEL. 2 55 82 — PORTO
62, R. D. DIOGO SOUSA, TEL. 24979 — BRAGA**

BAQUELITES E EBONITES

EM CHAPAS, TUBOS E VARÕES
CARTÃO HIDRAULICO DESDE 0,10 a 4 m/m
FIOS ESMALTADOS DESDE 0,05 a 2,5 m/m
TUBOS, FITAS E TELAS ENVERNIZADAS

VENDE AOS MELHORES PREÇOS

SOCIEDADE CENTRAL DE VENDAS, LDA.

Rua dos Fanqueiros, 262-3.º — LISBOA — Telef. 36 61 87

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SB

Estabelecimentos

VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L.
95. Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

A TÁCTICA DE LUÍS ABEL: assaltos nocturnos a casas isoladas com os locatários a dormir

Luís Serfim Ribeiro, conhecido por «Luís Abel», de 37 anos de idade, casado, natural do lugar do Pó, Bombarral, e autodenominado negociante (o que não veio a ser provado), lançou o pânico nas populações ordeiras das Caldas da Rainha, Tornada, Vale de Macieira, Alfeizerão, S. Martinho do Porto, Amoreiras de Óbidos, Lourinhã, Bombarral, Cadaval e Torres Vedras com uma série de assaltos a que a Polícia Judiciária pôs agora cobro.

Em informação distribuída aos jornais, esta Polícia explica que Luís Ribeiro «deu sobejas provas de gatuno audacioso e destemido, bem como de inegável pericia na prática dos crimes».

Ele como actuava o audaz, destemido e perito serrano do lugar do Pó: entrando, por escalamiento ou com a utilização complementar de chave falsa, em moradias de bom aspecto, situadas sempre no extremo das povoações escolhidas preferindo as horas nocturnas (entre as 2 e as 3 da manhã) e as casas habitadas, especialmente os quartos dos locatários (com eles deitados); e interessando-se mais que tudo por dinheiro, ouro e relógios, sem esquecer uma revista aos bolsos.

Pormenor fútil

Foi um pormenor aparentemente fútil e insignificante, não revelado pela P. J., que levou à detenção do estremenho. Este anti-

UM MORTO NO CHOQUE DE UM AUTOMÓVEL COM UMA CAMIONETA

LEIRIA, 10 — Na subida de Almoimhos, na estrada da Figueira da Foz, próximo de Leiria, um automóvel conduzido pelo sr. João Rocha Cadete, de 30 anos, emigrante no Canadá, e a residir na sua terra de Seixo (Mira), indo fora da mão, embateu numa camioneta de passageiros da União Automóvel Leiriense Lda., conduzida pelo sr. Joaquim Santos Alfredo, de 59 anos, casado, residente em Porto de Mós. No veículo ligeiro seguiam, além do condutor, sua cunhada, sr.ª D. Dorcelina Domingos Almeida, de 39 anos, casada, os filhos desta, Maria de Almeida Cadete, de 17 anos e Vítor Manuel Almeida Cadete, de 19 anos, todos residentes em Seixo (Mira) e ainda o sr. Fernando Costa Birré, de 40 anos, agente comercial, residente em Porto de Mós. Todos os ocupantes do automóvel, excepto o condutor, ficaram internados no Hospital de Leiria para onde foram transportados, tendo a sr.ª D. Dorcelina Domingos Almeida falecido depois de ter dado entrada naquele estabelecimento hospitalar.

Policlínica do Intendente

TELEFONE 4 55 87

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — LISBOA
Dr. Abel Alves — Ovidos, nariz e garganta; às 14 horas.
Dr. Artur Fernandes — Doença dos olhos (2.ª, 4.ª e 6.ª); às 14 horas; (3.ª e 5.ª); às 17.30 horas.
Dr. Armando Luzes — Rins e vias urinárias; às 17 horas.
Dr. Armando Valle — Análises clínicas, vacinas; às 11 horas.
Dr. Benard Guedes — Raios X; às 16 h.
Dr. E. de Miranda Rodrigues — Doenças nervosas e mentais (2.ª, 4.ª e 6.ª); às 16 horas.
Dr. Fernando de Castro Amaro — Medicina geral (3.ª, 5.ª e sábados); às 14 horas.
Dr. Formiga Luzes — Mecanoterapia, massagem, raios ultra-violetas, ginástica médica, diatermia; às 13 horas.
Dr. J. Junqueira J.ª — Doenças da boca e dentes; às 17 horas.
Dr. Maia Mendonça — Doenças das crianças (2.ª, 4.ª e 6.ª); às 15 h.
Dr. D. Pedro da Cunha — Partos, doenças das senhoras (3.ª, 5.ª e Sábados); às 15 horas.
Dr. Rui Branco — Clínica médica, doenças do coração, electrocardiogramas; às 15 horas.
Dr. Souto Soares — Cirurgia geral, ortopedia, operações; às 14 horas.
Dr. Tito de Noronha — Pele e sífilis (2.ª, 4.ª e 6.ª); às 12 horas.

go emigrante na França e na Holanda, correu meio mundo antes de ser deportado há tempos do Canadá.

Confessou dezassete roubos consumados (no valor de 100 contos) e cinco tentativas frustradas. Em alguns casos chegou a pretender atentar contra o pudor de locatárias das casas.

O volumoso processo, já concluído, vai ser remetido, juntamente com o preso, ao Tribunal de Caldas da Rainha, sendo enviadas as necessárias peças processuais aos de Alcobaça, Lourinhã, Torres Vedras e de Lisboa.

LOBOS AFOGADOS NA CAVA DE VIRIATO

VISEU, 10 — No poço da quinta do sr. Armando Moreira Fragata, chefe da Electrotecnia dos Serviços Municipalizados desta cidade, a qual se situa na parte posterior da Cava de Viriato, foram encontrados dois lobos afogados. Nesta altura do ano, o aparecimento das feras, causou estranheza, assim como a maneira como morreram.

«MARIO & CLAUDIO, LIMITADA»

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 16 do corrente mês, lavrada de fls. 7 v.ª a 9 v.ª do livro de notas para escrituras diversas n.º B-339, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário Lic. Manuel da Silva Jordão Curado, foi constituída uma sociedade comercial por quotas que ficou a reger-se pelo pacto social constante dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «MARIO & CLAUDIO, LIMITADA», fica tendo a sua sede no cunho de Oeiras, e o seu domicílio vai ser na Rua Comendador Alvaro Vilela, número vinte e nove-A, em Terceira — Barcarena, tem por objecto o comércio de café, vinhos, além de qualquer outro ramo de comércio ou indústria que os sócios resolvam explorar e não dependa de autorização especial, e durará por tempo indeterminado desde hoje.

SEGUNDO — O capital social é de cinquenta mil escudos, integralmente realizado em dinheiro, formado por duas quotas iguais de vinte e cinco mil escudos, de que pertence uma a cada um dos sócios José de Jesus Cláudio e Mário José Rodrigues Fernandes.

TERCEIRO — As censões de quotas, no todo ou em parte entre sócios ficam livremente permitidas. A favor de estranhos ficam dependentes do expresso e prévio consentimento de quem mais for sócio.

QUARTO — A gerência da sociedade fica a cargo de ambos os sócios, sem caução e com ou sem remuneração, conforme for convenicionado, sendo necessárias as assinaturas dos dois sócios, em conjunto, para validamente obrigar a sociedade.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Qualquer dos sócios pode delegar os seus poderes, no todo ou em parte, conferindo para o efeito a necessária procuração.

PARÁGRAFO SEGUNDO — A sociedade fica com a faculdade de constituir mandatários, conferindo-lhes nos respectivos mandatos os poderes que entender.

PARÁGRAFO TERCEIRO — Aos gerentes fica expressamente proibido obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e em quaisquer outros actos e contratos de responsabilidade, alheia.

QUINTO — As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, com a antecedência de quinze dias, pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

Na parte omissa desta escritura nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione o que se transcreveu.

Está conforme. Lisboa, vinte e dois de Julho de mil novecentos e sessenta e oito.

O 3.º Ajudante,
José Fernando Pereira Pires

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Duarte de Jesus Rodrigues

Faleceu o sr. comendador Duarte de Jesus Rodrigues, de 70 anos, natural de Lisboa, casado com a sr.ª D. Margarida Tinoco de Sá Furtado da Mendonça Rodrigues, pai do sr. arquitecto José Duarte Tinoco Rodrigues, casado com a sr.ª D. Maria de Luz de Castro Sá da Bandeira, irmão da sr.ª D. Leonor Maria Rodrigues. O extinto, que era condecorado com a comenda de Mérito Industrial e Agrícola, foi procurador da Câmara Corporativa, presidente da Junta Distrital das Casas do Povo de Viana do Castelo e do Grémio da Lavoura e, durante 35 anos, gerente do Banco Nacional Ultramarino em Viana do Castelo. O funeral a cargo da Agência Martins, realiza-se amanhã, pelas 6 horas, da Igreja das Mercês, onde se encontra depositado, seguindo o préstito fúnebre para o cemitério de Fontão, em Ponte de Lima.

FUNERAIS

Actor António Sacramento



António Sacramento

Numerosos artistas, escritores e outros intelectuais e amigos incorporaram-se, hoje, no funeral do actor António Sacramento, que saiu, às 11 horas, da casa mortuária do Sanatório de Santa Ana, na Parede, para o talhão dos artistas teatrais, no cemitério dos Prazeres em Lisboa.

António Sacramento, ontem falecido, com 86 anos, nasceu em Lisboa, em 1 de Abril de 1882. Chegou a cursar Medicina, mas entrou para o teatro por acidente e nunca mais quis conhecer outra profissão. Estreou-se, em Outubro de 1905, no antigo Teatro Ginásio, na peça «O Comissário de Polícia», embora anteriormente já tivesse representado «A Pérola», de Marcelino Mesquita com Adelfina Abranches. Como ensaiador e encenador estreou-se, em 1911, em S. Paulo, com a peça «A Garota», de cujo elenco faziam parte, entre outros artistas, as actrizes Adelfina e Aura Abranches.

Fez 15 digressões artísticas pelo Brasil, nove pelos Açores e Madeira e esteve um ano em Lourenço Marques. Como tradutor adaptou ao português as peças «João III», «Uma Be-

la Aventura», «Acabou-se o Amor», «Ela ou Diabo». Escreveu um acto em verso, «Uma Noite de Natal», e, também, «A Despedida». De colaboração com Bento Mântua publicou «O Cerco de Tânger» e «A Cigana».

Fez parte do elenco de vários filmes nacionais, como «Rosa do Adro», «O Costa do Castelo», «Capas Negras», «Serra Brava», «As Duas Causas» e «A Garça e a Serpente», e, no Brasil, nas películas «A Dama que Ri» e «A Canção do Berço».

Era um profissional que levava longe o seu brío. Em 1934, em Luanda, recebeu a maior ovação da

sua carreira, ao actuar no palco, vindo directamente da cama do hospital daquela cidade onde estava internado.

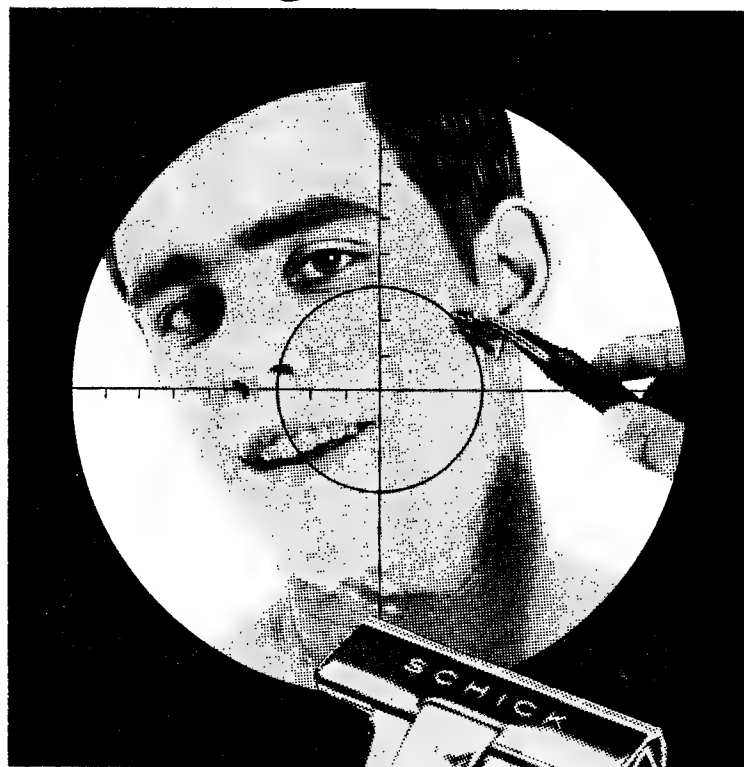
Era pai da sr.ª D. Ana do Sacramento, viúva e avó dos srs. Pedro e Gabriel do Sacramento Velasques.

SUFRÁGIOS

João Graciano de Jesus Gomes de Almendra Coronel de Infantaria

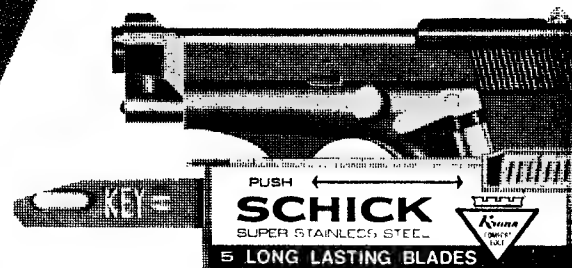
Sua família manda celebrar missa do 7.º dia, pelo seu eterno descanso, no dia 11, às 12 horas, na igreja de São João de Brito (Alvalade).

SCHICK injector



nova arma
para um barbear
de precisão!

SCHICK injector é o mais rápido e moderno processo de barbear e o melhor amigo da sua pele. SCHICK injector destina-se a homens como você. O seu desenho é novo, diferente, dinâmico. Uma lâmina especial de aço inoxidável, longa duração, um só gume, encaixa no lugar próprio e no ângulo exacto para um barbear de precisão — desliza pelo rosto com segurança, suave e silenciosamente. Resultado — um escanhoar perfeito!



SCHICK injector

carrega-se como uma pistola automática.

introdução João Machado da Conceição & C.ª, Lda. - 1968

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis

Telefones 53 41 67 P. P. C. A. (4 linhas) 4 31 89 66 27 72 28 40 22

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS



Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefones: 72 76 54 - 72 49 75

LISBOA

Sociedade «ESTORIL»

VENDA DE BILHETES PARA OS DOMINGOS

Aos sábados na estação do Cal do Sodré das 15 às 22 horas.

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 10 de Outubro de 1938 publicava:

«MOSCOVO, 10 — As aviadoras Paulina Ossigenko, Girska Doupeca e Marina Baskova bateram o «record» do mundo feminino de voo em distancia. Tendo partido de Moscovo num bimotor, aterraram perto da aldeia de Duki, a 170 quilómetros a noroeste de Komsomolsk, no rio Amor. A distancia do voo em linha recta é de 5947 quilómetros».



— Fica na bicha... Tu és apenas o noivo

CURIOSIDADES

● Russo em dez dias

Na Universidade de Erlangen (Alemanha) realizou-se, há pouco com êxito absoluto, o primeiro curso intensivo de russo que durou apenas 10 dias. As bases e os métodos utilizados neste curso foram elaborados na Universidade Técnica de Hanover e fundam-se numa investigação conscienciosa do material vocabular por meio de computadores. Resultado: partindo de conhecimentos nulos sobre a língua russa, 38 estudantes ficaram a traduzir artigos da sua especialidade ou, pelo menos, a compreender perfeitamente o seu conteúdo.

● Telefones para o Peru

Uma empresa espanhola vendeu já, este ano, vinte mil telefones para o Peru. Novo contrato agora assinado obriga aquela companhia espanhola a fabricar mais 14 mil telefones para aquele país sul-americano.

● A sociabilidade dos ratos

Um prisioneiro da Bastilha, o cavaleiro Satude, provou que os ratos são sociáveis. Com muita paciência, conseguiu domesticar alguns a ponto de se deitarem apertados e de irem comer no mesmo prato de Satude. Esta perfeição levou o prisioneiro a desistir: a liberdade de comer no mesmo prato tornava-se-lhe incomodativa.

ANEDOTAS

Entre vizinhas:

— Ainda não fui capaz de distinguir os seus dois filhos gémeos, D. Aurora.

— Pois olhe que é muito simples. Um chama-se Antero e o outro Leonel.

A criada para o patrão, que está à espera do canalizador na cozinha inundada:

— Senhor Saraiva, a vizinha aqui do lado pede o favor de lhe afogar este ratinho.

Na Faculdade de Medicina:

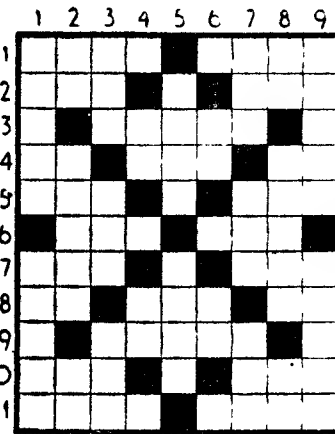
— Que género de erupções considera o senhor mais perigosas pela mortandade que possam causar?

— As do Vesúvio.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 4965



HORIZONTAIS: 1 — Queima Esperteza. 2 — Imão do pai. Artigo definido. Doença. 3 — Nome dum mês. 4 — Nota musical Saudável. 5 — Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Espaço de trinta dias. 6 — Próprio pessoal. Ribeira do distrito de Portalegre. 7 — Sete em romano. Passada. 8 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Ecoa Preposição. 9 — Ilha do Mediterrâneo, entre a Sicília e a África. 10 — Gosta muito de. Bigorna de ourives. 11 — Enxuto. Cabelo.

VERTICAIS: 1 — Rei dos Hunos em 434. Sentinela (pl.). 2 — Traça. Desmonta. Pronome pessoal. 3 — Data natural. Género de Maomé. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes escoceses e irlandeses. 4 — Campeão. Apelido. 5 — Verbal. Trago. 6 — Cobalto (s. q.). Abreviatura de átomo. 7 — Intimo. Reduz a pó. Preposição. 8 — Em o Tenro. O mais. 9 — Içós. Moléstia.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

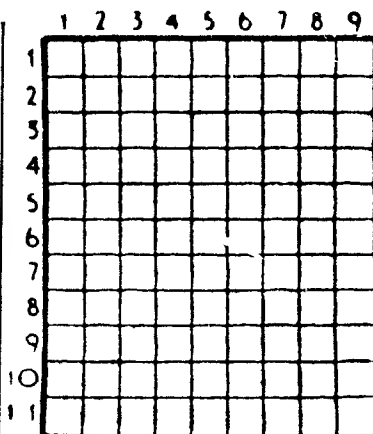
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4964

HORIZONTAIS: 1 — Taça. AMOR. 2 — Ural. Rapaz. 3 — Dra. Asi. 4 — Aer. Tal. 5 — Prevenira. 6 — Te. Ag. 7 — Mad. COM. 8 — Al. Aba. Op. 9 — Moer. Rola. 10 — Om. Ina. Ga. 11 — Raba. Rera.

VERTICAIS: 1 — Tu. Apa. AMOR. 2 — Ander. Mioma. 3 — Carreta. 4 — Ala. Vedaria. 5 — SE. 6 — Ara. Nacarar. 7 — Mastigo. 8 — Opior. Molar. 9 — Rã. Lãs. PAGA. Provérbio: AMOR COM AMOR SE PAGA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8809



HORIZONTAIS: 1 — Moeda Italiana. Em mais alto grau. 2 — Artigo indefinido. Re' da Baviera que atacado de loucura foi encarcerado no Castelo de Fuentebria. 3 — Modelo pelo qual se talha alguma coisa. 4 — Estera. Abreviatura de idem. 5 — Moeda de ouro. Ave pernaíta. 6 — Trame. Içor. 7 — O mesmo que três. Agita. 8 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Capa sem mangas. 9 — Venera. 10 — Soluçara. Amónio (s. q.). 11 — Camareiras. Brome.

VERTICAIS: 1 — Nome dum planeta. Cidade do Estado de S. Paulo. 2 — Prefixo de negação. Corda de esparto. Nota musical. 3 — Caminhai. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. 4 — Acuda. Vazios. 5 — Cinza. Mamífero desdentado espécie de tatu. 6 — Uso geral. Abaixem. 7 — Preposição. Pronome pessoal. 8 — Segua. Magnetiza (um corpo). Prata (s. q.). 9 — Investigara. Goste muito de.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8808

HORIZONTAIS: 1 — Nelas. Tal. 2 — In. Faca. 3 — P.a. Lemas. 4 — Ta. Miras. 5 — Câmaras. 6 — Na. Ni. Ale. 7 — Ofegar. Al. 8 — Içor. Ida. 9 — Anos. Amor. 1 — Dás. Rio. 11 — Ar. Passam.

VERTICAIS: 1 — Neptuno. Ada. 2 — Ia. Afinar. 3 — Lio. Ecos. 4 — An. Mangas. 5 — Limiar. Rã. 6 — Fera. Ais. 7 — Tâmara. Imos. 8 — Acasalado. 9 — Lãs. Selaram.

Baterias

AUTOSIL estabeleceu há 15 anos

o sistema de venda de baterias

valorizando

e recebendo em troca

a bateria inutilizada

para **Preços de Troca**

consulte a TABELA AUTOSIL

Todos os AGENTES AUTOSIL

cumprem rigorosamente

as valorizações estabelecidas

pela fábrica Autosil

para defesa do consumidor

av. 24 de Julho, 26-B
telef. 661583-LISBOA

AUTOSIL

rua D. João II, 613 a 656
telef. 235 00 - PORTO
rua Nuno Velho Pereira
SANTARÉM



FERRAMENTAS ELÉCTRICAS PORTÁTEIS
RUPES (MILAO)
O QUE HÁ DE MELHOR E MAIS ECONÓMICO

Distribuidores:

H. CABRAL & SARZEDAS, L.ª
LISBOA — AV. DO BRASIL, 41-B
PORTO — RUA DA ALEGRIA, 294

REBARBADORAS MONOFÁSICAS E TRIFÁSICAS, BERBEQUINS, RECTIFICADORAS DE FORMICA, LIXADEIRAS, ELECTROSOPRADORAS, ETC., ETC.

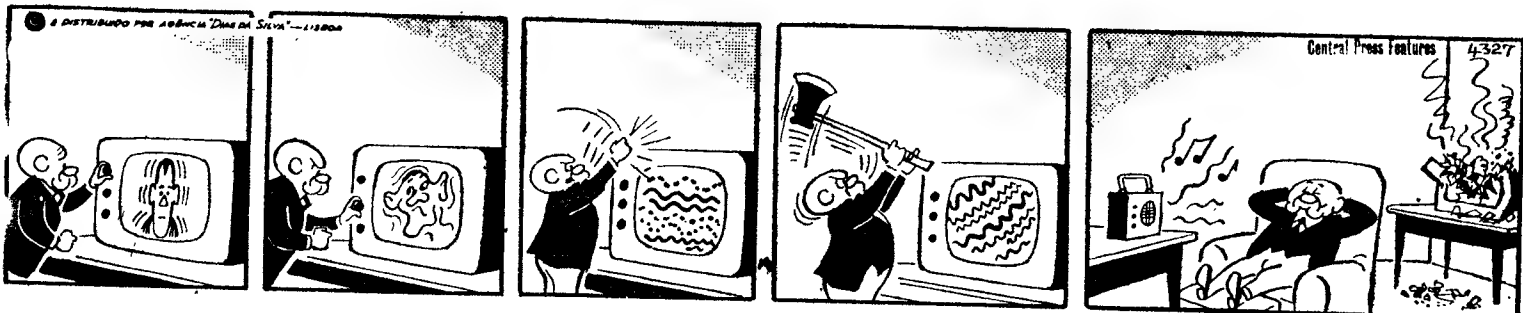


ÁFRICA PORTUGUESA
ESTAMPARIA

Orientador de desenho e estampania, com muito gosto e muita prática, oferece-se. Carta a este jornal ao n.º 410.

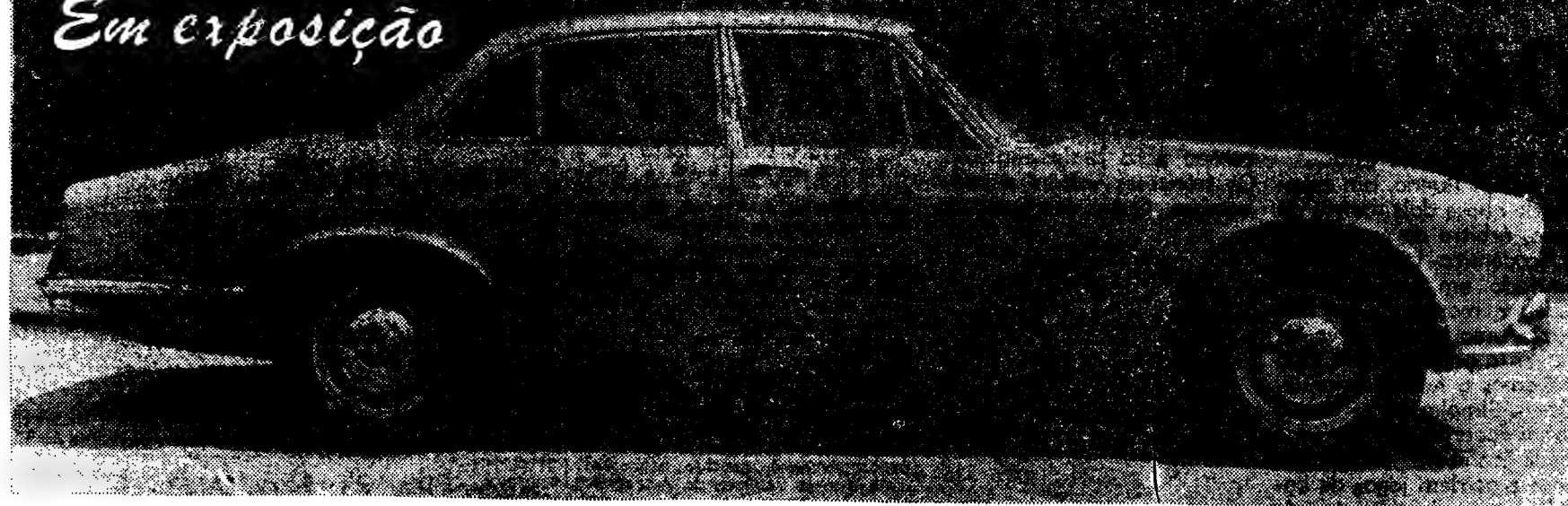
T.V.
SCHAUB LORENZ
RÁDIO

AVENTURAS DO TIO CARLOS



JAGUAR XJ6

uma nova era no automobilismo de luxo

Em exposição

Há quatro anos a Direcção da Jaguar enviou aos engenheiros do seu Departamento de Estudos, a seguinte nota: «Estudar um carro que impusesse novas normas de conforto e de luxo, de condução e de estabilidade, de viragem e de travagem, de rendimento e de segurança — o todo englobado num mesmo carro — para ser vendido dentro dos limites de preços habituais e que não tradição da Jaguar».

A Jaguar anuncia agora a apresentação do novo modelo XJ6, em duas versões: com motor de 2.8 litros e de 4.2 litros.

Convidamos V. Ex.ª a vir verificar pessoalmente que o XJ6 corresponde inteiramente às exigências acima descritas. Observe o seu tejadilho baixo e comprido, a sua carroceria em aço, que foi objecto dum tratamento especial anti-corrosivo, a sua pintura com sete camadas de tinta e seca por três vezes em estufa. Existe uma gama completa de cores à sua escolha.

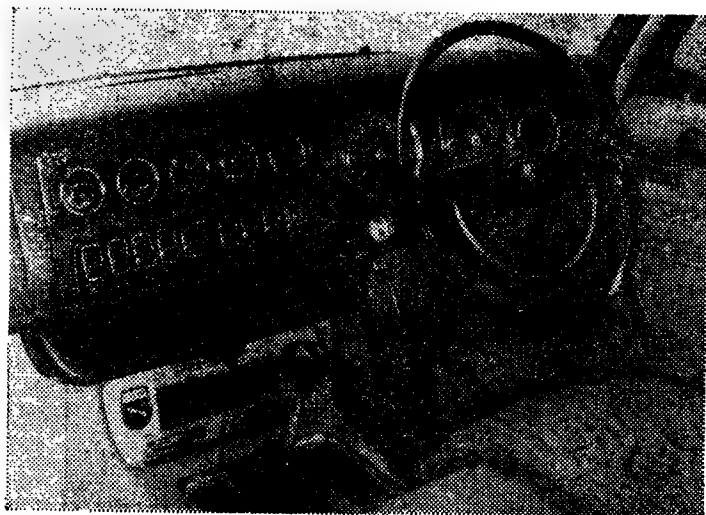
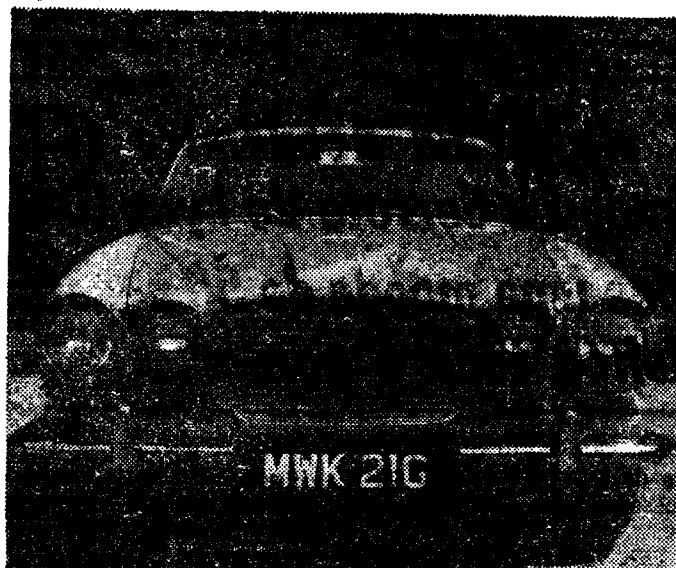
Entre depois no carro. Sob os seus pés uma tapete espessa que assenta numa grossa camada de feltro. Os ruídos da estrada, já consideravelmente amortecidos por uma concepção técnica cuidada, foram completamente absorvidos.

O assento sobre o qual toma lugar, foi calculado de forma a não o incomodar. Regule-o, e ajuste também as costas que são completamente reclináveis. Regule igualmente a coluna da direcção. Regule ainda os comandos da temperatura interior com o novo sistema de ventilação.

O seu conforto será total. Olhe agora em volta. A visibilidade em todas as direcções é praticamente ilimitada.

Ligue a ignição e olhe para o conta-rotações, é a maneira mais segura de saber se o motor está ou não a trabalhar. Como a carroceria foi insonorizada de ponta a ponta, e os dois tubos de escape munidos de silenciosos duplos, dificilmente se ouve o ruído do motor. Além disso, como o motor se encontra duplamente isolado, em razão da sua montagem sobre blocos de borracha sobre uma das travessas da suspensão, que por sua vez, também é ligada por apoios de borracha à carroceria, não lhe será possível sentir o trabalhar do motor.

Com dois ou três pedais? O XJ6 oferece-lhe a escolha: caixa de 4 velocidades totalmente sincronizadas (com overdrive se o desejar) ou caixa inteiramente automática. Os travões de disco às quatro rodas são servo-assistidos.



Verifique, conforme vai andando, como a direcção é suave e precisa. Aparece um obstáculo pela frente? Trave a fundo e descubra uma das características que maior confiança lhe darão no XJ6. A paragem é rápida, mas o carro não baixa a frente sob o esforço da travagem. Deve-se este facto, à geometria da suspensão dianteira, especialmente estudada para contrariar o efeito de abaixamento sob travagem, o que assegura uma estabilidade extrema.

Ande à vontade numa estrada que conheça bem. As subidas parecem menos pronunciadas, as curvas menos apertadas, o pavimento melhor... e o caminho mais curto. O XJ6 reduziu-lhes a escala, e isso por diversas razões: a potência dum motor de 6 cilindros, de dupla árvore de cames à cabeça, criado para competição e que alia à flexibilidade e rendimento, uma estabilidade conseguida pela largura da via e suspensão totalmente independente. Pelos pneumáticos, especialmente estudados pela DUNLOP para resolver os problemas inerentes às possibilidades de tomar curvas muito apertadas com uma margem de segurança sem precedentes, sobretudo devido à largura do seu piso.

A precisão da direcção por carreto e cremalheira, elimina as curvas da estrada. A suspensão totalmente independente torna-a mais suave. Estabilidade, travagem, aceleração, viragem, pneumáticos e conforto, são as características que contribuem globalmente a elevar o índice de segurança a um nível jamais atingido. Uma última pergunta: O que se passará em caso de acidente?

Esta pergunta não pode ser iludida e a Jaguar abordou-a sob todos os aspectos. No interior: botões, fechos das portas, e interruptores são todos embutidos, as palas contra o sol são flexíveis, o quadro dos instrumentos tem uma cercadura acolchoada para absorver qualquer pancada, as fechaduras não abrem com choques, a coluna da direcção é articulada e telescópica, à prova de choque. Na carroceria, os depósitos de combustível estão alojados em compartimentos separados. Se o motor recuar por força duma colisão frontal, a sua trajectória afasta-o do compartimento dos passageiros.

As secções dianteiras e traseiras do carro são extremamente resistentes, mas não tanto como a parte onde se transportam os passageiros, de forma que, em caso de colisão, as extremidades absorvem a energia do choque esmagando-se, antes da secção central ser atingida.

Mas as palavras não chegam se quisermos verdadeiramente prestar homenagem aos trabalhos realizados durante quatro anos, e um exame detalhado do XJ6 impõe-se. Esperamos a visita de V. Ex.ª e teremos o maior prazer em o receber.

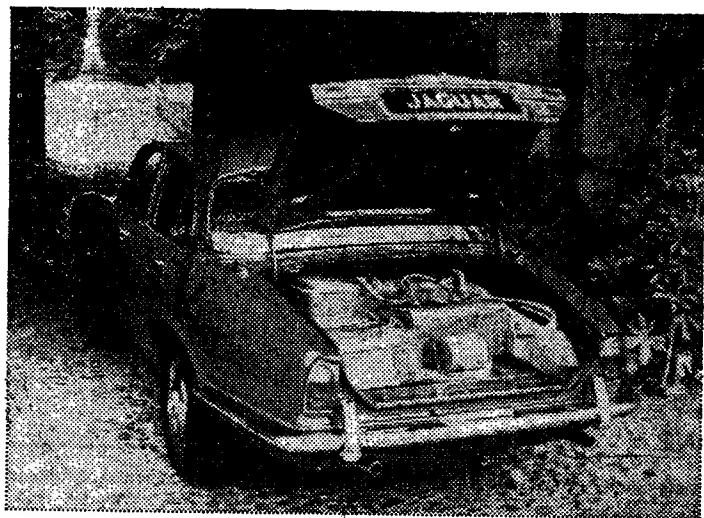
JAGUAR XJ6

Em exposição até às 24 horas nos

Distribuidores Gerais: A. MARTINS E ALMEIDA, LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 23 — Lisboa

e nos

Sub-Agentes no Norte: VECAR, LDA.
Rua da Constituição, 345 — Porto



DESPORTO

A ACADÉMICA... ELIMINADA POR SORTEIO

É TÃO FEIO JOGAR A DINHEIRO...

— A moeda foi esta...

O senhor Bueno, um espanhol de quase dois metros de altura, árbitro do empolgante Académica-Lyon ontem disputado em Coimbra estendeu a manopla em que reluzia uma moeda nova de cinquenta pesetas. Não, não estávamos a falar de numismática. Simplesmente com o voltar caprichoso de uma moeda também já se ganhava e perdiam jogos de bola. E ontem, ao cabo de três horas e meia de aceso despiques, foi uma moeda que venceu a Académica, uma

campo para prolongamento. Os franceses voltam a pedir «caras». Outra vez o escudo

MÁRIO ZAMBUJAL
comenta

colado à relva ficando à vista a face do Generalíssimo. Terceiro decisivo e emo-

mo saco a velocidade ambiciosa e o futebol sereno, hábil e inteligente feito de passes medidos, de desmarcações oportunas, de pequenos requintes de execução.

Nos outros capítulos do jogo avultou o esforço. Também nesse aspecto os futebolistas da Académica mostraram nada ter a aprender com os jogadores do Lyon.

O duelo não teve tréguas. A equipa francesa, forte na interpretação de um futebol de bom «association» e atléticamente possante, também ameaçou algumas vezes a baliza dos portugueses. Mas o prolongamento a segunda parte do prolongamento, quando tudo indicava que os rapazes da Académica iam tomar vencidos pelo seu próprio esforço, foram os franceses que se viram encurralados no seu meio-campo a defender com desespero... a «chance» de um apuramento por sorteio.

Viu, depois que tinham razão. O que não haviam conseguido os seus

(Continua na página seguinte)



Quatro jogadores do Lyon barram a fugaz tentativa de Manuel António

Inauguração das instalações de diversas Federações desportivas

O subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, dr. Elmano Alves, preside esta tarde, às 18 e 30 horas, ao acto inaugural das

instalações onde vão funcionar as Federações de Andebol, Basquetebol, Hóquei em Campo, Rúgbi e Voleibol, na Rua Sociedade Farmacêutica, 56, 2.º.

A vitória da Académica (1-0) anulou a derrota de Lyon (0-1). Mas uma moeda de 50 pesetas deitou tudo a perder...

moeda que abriu ao Olimpy-que de Lyon o caminho para prosseguir na Taça das Feiras

Três vezes, aliás, a moeda nova de cinquenta pesetas foi lançada em veredicto da fortuna.

Primeira vez: escolha de campos. Os franceses pediram «caras». Lá ficou, voltada, para cima, a face do Generalíssimo Franco.

Segunda vez: escolha de

BÉLGICA E SUÉCIA VENCERAM JOGOS PARA O «MUNDIAL»

Começa a desenvolver-se o Campeonato Mundial de Futebol, que, nas suas fases iniciais, qualifica para o México, onde, em 1970, se vão desenrolar os jogos decisivos.

Ontem, em Waregen, a Bélgica venceu a Finlândia, por 6-1. Por seu lado, em Estocolmo, a Suécia «cilindrou» a Noruega com cinco tentos sem resposta.

TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

Sanjoanense-Braga	1
Leixões-Belenenses	1
Varzim-Benfica	X
Atlético-Porto	X
Sporting-Académica	1
Guimarães-CUF	X
Famalicão-Boavista	X
Beira Mar-A. Viseu	1
Penafiel-Espinho	1
Tramagal-Tirsense	1
Lusitano-Peniche	X
Montijo-Portimonense	X
Oriental-Sintrense	1

Leia a Revista PALPITE e aumente as probabilidades de ser totalista no Totobola.

cionante lançamento da moeda: para conhecer o «vencedor» da eliminatória. Os franceses insistem em «caras». o Generalíssimo insiste em ficar voltado para cima.

O Lyon tinha ganho a eliminatória.

A Académica terminara a sua participação na prova europeia.

Entretanto, a bola, o instrumento do futebol estava para ali abandonada e inútil. Era como se as duas equipas já não estivessem no Estádio. Tinham passado para o Casino...

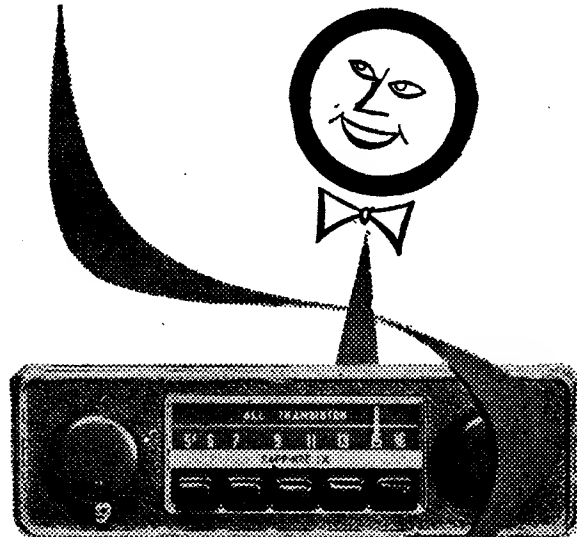
Foi um belo espectáculo de futebol, tão bom, tão bom, que não merecia este anedótico mas regulamentar episódio. Durante duas horas o duelo empolgou a multidão que enchia as bancadas do «Municipal» de Coimbra, vivendo intensamente esse choque de ambições levado à superação dos limites da resistência. E durante essas duas horas a equipa da Académica, notoriamente menos dotada no capítulo atlético, terá surpreendido até os seus adeptos pelo milagrezinho de suportar um ritmo de jogo alucinante quando já era evidente o desgaste físico dos robustos jogadores gauleses.

Nem sempre, esclareça-se, essa generosa aplicação foi servida pela melhor esplanada de futebol. Nem o podia ser. Verdadeiramente só na primeira meia hora e, depois, em breves espaçados períodos, os estudantes lograram meter no mes-

O MOMENTO DO SPORTING

PORTO, 10 — Na sua edição de hoje «Norte Desportivo» aprecia o problema da equipa do Sporting inserindo um artigo de Vasco Resende e uma declaração do dr. Pereira da Silva, além de outro noticiário sobre a crise da equipa «leonesa».

Bendix



auto-rádios

especialmente concebidos para os modelos VOLKSWAGEN

A mais moderna técnica em auto-rádios ao serviço da alta qualidade BENDIX



SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.

FILIAIS, AGENTES E OFICINAS AUTORIZADAS EM: AMADORA, ANGRA DO HEROISMO, ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BOMBARRAL, BRAGA, CALDAS DA RAINHA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, CÔVA DA PIEDADE, COVILHA, ELVAS, ESTREMOZ, ÉVORA, FARO, FUNCHAL, GUARDA, GUIMARAES, HORTA, LEIRIA, LISBOA (AVENIDA PADRE MANUEL DA NÓBREGA — RUA ESCOLA POLITÉCNICA), MIRANDELA, MOURA, PONTA DELGADA, PONTE DE SOR, PORTALEGRE, PORTIMÃO, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SANTO TIRSO, SÃO TOMÉ, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU.

DESPORTO

TAÇA DAS CIDADES COM FEIRA — EM BELFAST: LINFIELD, 1-V. SETÚBAL, 3

A «DERROTA» DA ACADÉMICA

Um VITÓRIA brilhantíssimo pulverizou o tímido LINFIELD

BELFAST, 10 — Foi extraordinária, verdadeiramente empolgante, a actuação do clube português Vitória de Setúbal que esta noite, sem apelo nem agravo, derrotou (novamente) o Linfield para a «Taça das Cidades com Feira». Em Lisboa: 3-0. Em Belfast: 3-1. Passagem concludente a nova «ronda» do importante torneio europeu.

A partida desta segunda «mão» disputou-se em Windsor Park, sob arbitragem do inglês Burtenshaw. As equipas alinharam do modo como indicamos:

LINFIELD — McGonigal; Gilliland, Hatton, Bower e Patterson; Andrews, Scott e Hamilton; Coulter (depois Ferguson), Pavis e Cathcart.

V. SETÚBAL — Vital; Conceição, Cardoso, Herculano e Carrico; Vítor Baptista, José Maria e Wagner (depois Tomé); Arcanjo, Figueiredo e Jacinto João.

Logo aos dois minutos, o Vitória abriu o activo. A bola veio da extrema-direita, passou por entre um «cacho» de jogadores e foi pontapeada, á meia-volta, por FIGUEIREDO.

Com esta vantagem, os portugueses ficaram absolutamente senhores da situação. O Linfield remeteu-se a um conformismo que apenas tinha maior vivacidade em esporádicos contra-ata-

ques conduzidos por Scott ou Hamilton, que esbarravam na bem organizada defesa do Setúbal.

Ainda antes da meia hora o marcador funcionou por mais duas vezes, a primeira por intermédio de VITOR BAPTISTA e, pouco depois, em remate certo do azougado SCOTT. O tento de

Comentário de LESLIE MANNION

Baptista foi logrado na sequência de um arranque de Wagner: o médio-direito setubalense aplicou-se com tal generosidade ao lance que ficou «tocado». Por seu lado, o golo de Scott derivou, exactamente, do sábio aproveitamento de um contra-ataque. O guarda-redes do grupo português (Vital) saiu do seu reduto e ainda tocou a bola mas sem conseguir afastá-la do rumo da baliza.

Exactamente quando o ponteiro marcava meia hora de jogo, o negrinho da extrema-esquerda setubalense espalhou o pânico na grande-área do Linfield. A oposição de Andrews foi feita em falta, «cobrada» exactamente pelo mesmo dianteiro (Jacinto João). A bola chegaria às mãos de McGonigal se não fora uma fulgurante entrada de cabeça do

pequeno e buliçoso ARCANJO, que colou o esférico ao fundo das malhas. Estava feito o resultado final: Linfield, 1-Vitória de Setúbal, 3.

Triunfo sem reticências

O êxito do grupo português podia ser mais amplo, uma vez que Wagner não conseguiu converter um «penalty», por derrube de Andrews ao «diabólico» Jacinto João. Mas a expressão final do marcador elucida bem quanto à capacidade técnica do Vitória setubalense. Indiscutivelmente uma das melhores equipas que até hoje se exibiram em Windsor Park. Pois se os portugueses ainda viram remates do possante Figueiredo e do técnico Tomé embaterem fragorosamente na madeira da baliza de McGonigal...

Foi quase absoluto o domínio dos portugueses, que somente tiveram um breve período de desmorte (ou de repouso) quando principiou a segunda parte desta excelente jornada de futebol.

O Vitória ganhou o jogo a meio-campo: uma linha harmónica (que incluía Vítor Baptista, José Maria e Wagner) tão depressa surgiu a apoiar a defesa como a imiscuir-se no sinal atacante. Nota, sobretudo de todo o realce para Wagner, simplesmente portento no toque de bola e no endosso, na finta como na imaginativa.

Outro grande elemento do Vitória: Arcanjo. «Esteve» nos três golos da sua turma e foi sempre um perigo directo para a rede do Linfield. O mesmo se pode acrescentar em relação a Figueiredo e Jacinto João: o primeiro é um dianteiro poderoso, que não desiste com facilidade do «objectivo golo»; o negro da extrema-esquerda é desconfiante, valendo-se do seu espantoso poder de «drible» para desbaratar a enérgica defesa de Belfast.

A equipa irlandesa jogou aquilo que o adversário consentiu. Aqui e ali, ainda que sem propósito de molestar, foi um pouco «dura»: era como que a revelação de impotência para resistir ao assédio de um grupo com técnica superior.

Pode também acrescentar-se que a arbitragem foi superior. Inexcedível. Sem quebrar para o lado do clamor público, que, especialmente no período inicial da partida, apoiava incessantemente um Linfield ainda a imaginar uma reviravolta. Que nunca chegaria.

Continuação da página anterior: bons jogadores, oferecia-se-lhes subitamente, graças à «preferência» de uma moeda de cinquenta pesetas. De «caras»...

Quando tudo aquilo acabou — o jogo de futebol e o seu decisivo suplemento (porque a moeda e não a «suca» ou ao «sete e meio»?) — quando tudo acabou, dizíamos, vários foram os jogadores da Académica que não se contiveram e choraram convulsivamente. Compreendamos o seu desespero pela forma insólita como viram anulado todo o imenso esforço, cujo único fruto foi a inútil e esquecida demonstração de que eram eles quem formavam a melhor das duas equipas em luta.

De mistura com esse desalento, expressavam no entanto os jogadores escolares uma bem legítima satisfação pela maneira extremamente digna e brava como se bateram e porque, ao fim e ao cabo, deixam a prova devido a uma fantasia regulamentar que nada tem a ver com o futebol.

Iguais no espírito combativo, os jogadores de Coimbra tiveram entre eles, porém, figuras de especial relevo. Caso dos irmãos Campos: Vítor foi o grande impulsionador da equipa para a sua bela exibição na meia hora inicial; Mário, que entrou por volta da meia hora da segunda parte (saído Belo e passando Gervásio para defesa directa) foi o sangue novo que transmitiu à equipa uma nova vivacidade. Belo, um ensaio a defesa lateral mostrou que pode continuar em cena, também neste ponto. Curado também esteve bem no flanco contrário.

Rocha que jogou quase sempre como extremo «à antiga» muito junto à linha, teve jogadas de grande mérito e uma duração que talvez não se esperasse em jogo tão longo e disputado. Vieira Nunes, «senhora» da grande área foi bem acompanhada por Rui Rodrigues, embora este sem a autoridade e a presença dominadora dos seus melhores períodos.

O guarda-redes Viegas teve um «serão» relativamente descansado, em contraste com o seu émulo francês, o excelente Chaveau. E essa larguíssima diferença na actividade dos defensores das balizas marca claramente a supremacia portuguesa, que bem justificava o triunfo na eliminatória. Por golo...

Dos outros jogadores da Académica, refira-se que Peres terá ficado um pouco aquém do nível apontado às suas últimas actuações, mas a verdade é que sobre ele recaiu constante e apertada vigilância dos galeses. Artur Jorge e Manuel António bateram-se estoicamente na zona mais povoada da defensiva contrária: um «polícia» para cada um e depois, ainda, um atlético e eficiente «liberto».

Há sorteios que dão automóveis.

outros que atribuem viagens, outros ainda que conferem «talusias» de lotaria. Este, no «Municipal» de Coimbra contentou o beneficiado com um triunfo na primeira eliminatória da Taça das Feiras. Triunfos como este, aliás, já não são novidade para a afortunada equipa do Lyon.

Tomando por base a partida de ontem cremos evidente que o prémio não tocou ao grupo que o merecia, aliás sem necessidade deste episódio de quermesse. Na verdade, porém, o Lyon é uma boa equipa de futebol possuidora de um estilo dinâmico que não exclui a boa capacidade técnica, particularmente notória em Maison, Perrin, Guy e Rambert. O grande jogador da equipa francesa foi o guarda-redes Chaveau, de uma segurança e elasticidade verdadeiramente invulgar.

Como quase todas as formações do actual futebol francês o Lyon adoptou o «cattenaccio» que na primeira parte desempenhou com ligeireza e eficiência para no segundo tempo cair numa fixidez posicional muito próxima do velho «ferrolho» de Rappan.

O jogo foi duro, ao habitual figurino das competições europeias. Ainda ameaçou aquecer excessivamente mas o receio não se confirmou e, no final, houve abraços entre portugueses e franceses. Antes assim...

Além, o árbitro espanhol mostrou-se inteiramente de acordo com o estilo atlético do jogo, num critério usado nas provas internacionais. O senhor Bueno mostrou saber do ofício. Mas bueno, bueno... não foi: para além de outros lapsos de menor expressão ficou por marcar uma grande penalidade contra o Lyon, quando Chaveau se lançou deliberadamente sobre as pernas de Artur Jorge, que perseguia a bola.

Enfim, a Académica foi a segunda equipa portuguesa eliminada nas provas europeias que decorrem. Depois do Leixões, afastado por uma alínea do regulamento (os golos fora que valem a dobrar) foi a vez dos esturianos, que saem da competição porque não pediram «caras».

Paciência — é o regulamento. O que não parece é que regule muito bem.

Jogo no Estádio Municipal de Coimbra. Árbitro: Adolfo Bueno (Espanha). Equipas:

ACADÉMICA — Viegas; Belo, Rui Rodrigues, Vieira Nunes e Curado; Gervásio e Vítor Campos; Rocha («capitão»), Manuel António, Artur Jorge e Peres.

LYON — Chauveau; Gliński, Desgorges, Flohing, Noucarret e Perrin; Maison e Felix; Lekkar, Guy e Rambert.

Ao intervalo: 0-0.

Aos 14 minutos Felix foi substituído por Lhomme e aos 27 minutos Belo saiu, ocupando Gervásio a sua posição, e entrando Mário Campos para o meio-campo.

Aos 76 minutos Manuel António obteve o único golo da partida.

Mais resultados da «Taça das Feiras»

A «Taça das Cidades com Feira» teve ontem uma jornada de particular interesse, com jogos em diversos estádios europeus.

Para além dos resultados registados em Belfast e Coimbra, verificaram-se mais os seguintes epílogos:

Panathinaikos, 2-Daring, 0
Odense, 0-Hannover, 1
München, 2-Legia, 3
Juventus, 2-Lausana, 0

Transitaram para a eliminatória imediata, Juventus, Panathinaikos, Hannover e o Legia (de Varsóvia).

PEIXE

CONSELHOS SOBRE O PEIXE CONGELADO

Acabam de chegar dos mares da África do Sul grandes quantidades de pescada congelada que são vendidas ao publico, em todas as mercearias e peixarias do País, aos seguintes preços:

	Preço por kg
Até 500 g	12\$00
De 500 a 800 g	14\$00
De 800 a 1,5 kg	16\$00
De 1,5 a 2,4 kg	16\$50
Postas	16\$00

OS COMERCIANTES INTERESSADOS NA VENDA AO PÚBLICO DESTES PEIXES CONGELADOS DEVEM DIRIGIR OS SEUS PEDIDOS AO

EM LISBOA:
Travessa da Saúde, N.º 2
Tel. 613301 (10 linhas)

EM MATOSINHOS:
Rua Heróis de França — Tel. 932045



SERVIÇO DE ABASTECIMENTO DE PEIXE AO PAÍS



Uma moeda desbaratou três horas e meia de esforço...

LICEU — ADM. INSTITUTOS — SECÇÃO PREPARATÓRIA
Cursos: BÁSICO, NORMAL, ACELERADO
ABERTAS AS INSCRIÇÕES — INÍCIO DOS CURSOS — OUTUBRO

EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUIMÉDES
Rua Marques da Silva, 99, 2.º — Tel. 532702

EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS
R. Conde Redondo, 56, 1.º-Esq. — Tel. 536380

CURSOS INTENSIVOS, NOVAS TÉCNICAS DE ENSINO, PROFESSORES ESPECIALIZADOS, LIVROS PRÓPRIOS

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

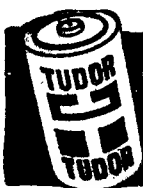
PROGRAMA DA TV

As 19: Curso de Orientação de Monitores da Televisão; 19 e 30: Telejornal; 9 e 50: Lanterna Mágica; 20 e 5: Vozes da Manhã; 20 e 25: TV Mundo — «Depressa, Mais Depressa...», programa realizado com a participação dos atletas Roger Bonister, Emile Zatopek, Ron Clark, John Hines, Dan Schallender e Edy Otloz; 21 e 0: Vozes da Manhã no Taboleiro; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Noite de Cinema — «O Último Hurra», com Spencer Tracy, Jeffrey Hunter, Dianne Foster, Pat O'Brien e Basil Rathbone; 23 e 55: Atualidade Desportiva — «Toga das Cidades com Fera»; «Acadêmica-Lyon»; 0 e 0: Telejornal Meditação e Fecho

TELEVISORES

GRUNDIG

AMANHÃ — As 19: Abertura — Curso de Orientação de Monitores da Televisão; 19 e 30: Telejornal — 1.ª edição; 19 e 50: Quarto dos Brinquedos; 20 e 20: Um filme infantil e vamos dormir; 20 e 30: Programa feminino; 20 e 40: Tempo de Poesia — «Mensagens», de Fernando Pessoa; 20 e 55: Cortaz TV — Os programas da próxima semana apresentados por Jorge Alves; 21 e 30: Telejornal — 2.ª edição; 21 e 55: Série do Oeste — «High Chaparral»; 22 e 55: Eurovisão — Concerto Promenade; 23 e 45: Telejornal — 3.ª edição; 23 e 50: Meditação e Fecho.



TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Programa da Rádio

EMISSIONA — 1.ª Programa — 451 m — 665 — As 16: Notícias; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 05: Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da Mulher, por Maria Emilia Canele de Abreu de Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 10: Rádio Universidade; 9 e 50: A Orquestra Herbert Rehbein; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas Ligeiros; 20 e 39: 29.ª edição do folhetim «Dois Caminhos»; 21: Jornal de Atualidades; 21 e 30: O clarineta Claude Luter; 21 e 40: Festiva 68; 22 e 30: Evocação de Coimbra, por Luís Gomes; 22 e 51: Música ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

2.ª Programa — 397 m — 755 kc/s

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO

Consolidado 3 1/4%	525\$00	—	525\$00
Consolidado 3%	545\$00	—	545\$00
Consolidado 3 1/2%	—	—	650\$00
Centenários 4%	1.480\$00	—	1.480\$00
Obrigações Tesouro 5%	1.012\$00	1.011\$00	1.012\$00
Externo 1.ª Série	775\$00	800\$00	800\$00
Externo 1.ª Série c.	845\$00	845\$00	850\$00
Externo 2.ª Série	—	820\$00	—
Externo 3.ª Série	—	860\$00	890\$00
Cautela 3.ª Série	—	—	—

OBRIGAÇÕES

Águas Lisboa 5%	—	—	490\$00
A.P. 1 5% 58	—	—	—
A.P. 1 5% 58	930\$00	930\$00	—
C.P. 4 1/2% 65	910\$00	905\$00	—
C.P. 5 1/2% 67	1.014\$00	1.013\$00	1.015\$00
C.U.F. 6%	—	—	—
C.U.F. 6% 68	1.000\$00	—	1.000\$00
Gás Elect 4% 48	—	850\$00	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	885\$00	—
Gás Elect 5% 52	—	900\$00	—
Gás Elect 5% 58	905\$00	880\$00	—
Gás Elect 5% 59	—	880\$00	—
Gás Elect 5% 62	—	910\$00	—
Gás Elect 5% 63	—	910\$00	—
Gás Elect 5% 65	—	900\$00	—
Gás Elect 5% 67	1.015\$00	1.010\$00	1.015\$00
H.E. A. Alentejo 5%	—	830\$00	840\$00
H.E. Cávado 5%	840\$00	840\$00	860\$00
H.E. Cávado 6%	—	998\$00	1.000\$00
H.E. Douro 5%	840\$00	850\$00	850\$00
H.E. Douro 6%	1.000\$00	998\$00	1.000\$00
H.E. Norte Port 5%	—	—	—
H.E. S. Estrela 6%	—	—	—
H.E. Zêzere 5% 55	—	—	—
H.E. Zêzere 5% 57	—	840\$00	—
Lisnave 6%	1.002\$00	1.001\$00	1.003\$00
Metropolitano 4%	904\$00	900\$00	904\$00
Metropolitano 5 3/4%	1.003\$00	1.003\$00	1.005\$00
Mozambique 5%	—	750\$00	—
Nac. Electr 5%	—	836\$00	845\$00
Nitratos 5%	—	—	850\$00
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	860\$00	—
Port Celu 5%	—	—	—
Sacar 5% 54	—	925\$00	—
Sacar 5% 50	—	865\$00	—
Siderurgia 5% 2.ª	815\$00	810\$00	820\$00
Siderurgia 5% 3.ª	—	835\$00	850\$00
Siderurgia 5% 4.ª	830\$00	826\$00	840\$00
Sonefe 5%	—	800\$00	—
T.A. 4%	—	910\$00	—
Termoelect Port 5%	—	—	835\$00
U.E.P. 3 3/4%	—	—	—
U.E.P. 4%	—	82\$00	—
U.E.P. 4 1/2%	—	83\$00	—
U.E.P. 5%	—	—	—
U.E.P. 5% 60	—	—	—
U.E.P. 5% 63	—	—	—

ACCÕES

Agricultura	—	945\$00	955\$00
Alentejo	608\$00	608\$00	610\$00
Angola	1.465\$00	1.465\$00	1.469\$00
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	1.860\$00	1.850\$00	1.870\$00
E. Santo	13.500\$00	13.400\$00	13.550\$00
E. Santo n.	—	—	—
Fonseca S.p.	—	—	—
L. & Açores p.	—	—	—
L. & Açores n.	—	—	—

ACCÕES

Bancos

P. Atlântico p.	—	—	2.270\$00
Portugal n.	2.240\$00	2.230\$00	2.270\$00
Portugal p.	—	—	2.500\$00
Totta Allança	—	4.250\$00	4.350\$00
Ultramarino n.	1.327\$00	1.325\$00	1.335\$00
Ultramarino p.	1.550\$00	1.540\$00	1.555\$00

Seguros

Alentejo	—	75\$00	80\$00
Douro	—	800\$00	—
Mundial	—	365\$00	375\$00
Sagres	—	—	1.190\$00
Tranquilidade	—	40.000\$00	45.000\$00
Ultramarino	—	8.500\$00	—

Ultramarinas

Agência de Angola	—	695\$00	720\$00
Ag. Cascaes	525\$00	520\$00	530\$00
Ag. Incomat	—	1.150\$00	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	110\$00	125\$00
Buzi	—	60\$00	61\$00
Calbada	—	91\$00	93\$00
Diamante Angola	1.125\$00	1.121\$00	1.130\$00
H. E. Revus	—	600\$00	—
Ilha do Príncipe	—	500\$00	—
Mozambique	50\$00	50\$00	52\$00
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	—	257\$00	267\$00
Zambézia	—	42\$00	—

C. Diversas

Cidra	—	7.150\$00	7.300\$00
Cim. Leiria	—	1.720\$00	1.800\$00
Cim. Tejo	—	2.400\$00	2.450\$00
Col. Navegação	—	—	620\$00
C. U. F.	—	995\$00	1.000\$00
Ind. Alcança	—	—	—
Nac. Navegação	—	—	3.000\$00
Petroquímica	—	—	1.305\$00
Port. e Colónias	1.300\$00	1.300\$00	1.310\$00
Port. Celulosa	—	3.050\$00	—
Port. Pesca	—	620\$00	—
Port. Tabacos	450\$00	450\$00	452\$00
Sacar	4.750\$00	4.730\$00	—
Siderurgia Nac.	1.075\$00	—	1.080\$00
Socel	2.130\$00	2.120\$00	2.140\$00
Tabacos de Portugal	—	850\$00	880\$00
Tabaqueira	—	7.000\$00	—
U. F. Azoto	—	690\$00	705\$00

Águas, Electricidade e Gás

Águas Lisboa p.	390\$00	390\$00	390\$00
Águas Lisboa 34	—	—	395\$00
Águas Lisboa 36	—	—	395\$00
Eléct. Beiras	1.500\$00	1.495\$00	1.505\$00
Gás Electr.	379\$00	378\$00	379\$00
H. E. Alto Alentejo	158\$50	158\$00	159\$00
H. E. Cávado	—	—	1.255\$00
H. E. Douro	1.207\$00	1.207\$00	1.208\$00
H. E. Norte Portugal	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	1.750\$00
H. E. Zêzere	1.315\$00	1.311\$00	1.320\$00
Nac. Electricidade	—	1.318\$00	1.330\$00
Termoelect Port.	1.340\$00	1.340\$00	1.342\$00
U. E. P.	184\$50	184\$50	185\$00

F. DE INVESTIMENTOS

F. I. Atlântico	—	145\$80	151\$20
F. I. D. E. S.	—	101\$90	103\$90

As 6 e 07: Música de bailado; 6 e 30: A ópera em três actos «A Arlesiana»; 8 e 05: Música do século XX; 19: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore português — Música regional da Beira Alta recolhida por Artur Santos; 9 e 45: O pianista Walter Gieseking; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música instrumental; 20 e 30: Stabat Mater op. 53 (Szimanowski); 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Camara, sob a direcção do maestro Silva Pereira; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Sonata em e menor (Liszt); 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A voz do Oodente; e 5: Fecho

3. Programa (cultural em MF 2) — 94,3 mc/s — As 23: Música de piano; 23 e 30: Música francesa; 0: Música sinfónica; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 16 e 30: Ela e o seu mundo; 8 e 5: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 9 e 5: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádiojornal; 20 e 15: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Diapósio; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 03: Grande roda; 0 e 02: P. B. X.; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Clube das donas de casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa da Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; e 03: Banda Sonora; 2: FM-67; 4: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 16: Depois do chá; 8 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 7: Ela; 9 e 30: Robôliac; 9 e 45: Crônica feminina; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Sô-Rádio; 21 e 30: Lettura; 22 e 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiorama; 8: fim de tarde com melodias; 8 e 20: Boletim religioso; 18 e 30: Tempo e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página; 20 e 40: Os nossos artistas; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados de Coimbra; 21 e 45: Ritmos em selecção; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Clássicos da canção; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Radiorama; 8: Uma orquestra; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 2 e 30: Chamadas musicais; 22: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 88 m — 594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30: Rádio Voz de Lisboa — Das 0 às 4 e das 7 e 30 às 22: Clube Radiofónico de Portugal — Das 8 às 0 e das 22 às 2: Rádio Graça — Das 14 e 30 às 9 e 30

Telefones
AGUA, GAS E ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 361353 e Companhia Reunidas, 537011 e Gazcilda 538821 e Gazcilda idom e telados, 382069
BOMBEIROS — Sapadores 32222 e Voluntários 538524
TRANSPORTES — Aeroporto 121101 e Caminhos de ferro (C. P.), 869029 e Caminhos de ferro (Estoril), 361121 e Estação Fluvial (T. Paço), 325345 e Estação Marítima de Alcântara 663195 e Estação Marítima da Rocha 672445 e Estação Fluvial (Belem), 638531

Farmácias de serviço
Em Lisboa — Turno 1
AJUDA — Lidia Almeida, Ladeira do Ajuda, 10 (6373 8)
ALCANTARA — Proibida, R. Alcântara, 5-A-8 (638589)
ALFAMA — Anunciada, R. da Vigã, 14 (866360)
ANJOS — Guerra, R. Andrade, 32 36 (845513)
AREIRO — Central do Areiro, Av. Paris, 4 e 2-A (720920) e Belo — Av. de Roma, 53-A (7763 4)
ALTO DO PINA — Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (84 912)
ALVALADE — Alentejo, Av. Igreja, 28-B (7 2682) e Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 51-B (76262) e Estados Unidos, Av. Estados Unidos do América, 6-B (725859)

ARROIOS — Aliança Av. Amante, 45-B-C (50487)
AVENIDA DA LIBERDADE — Galénico, R. das Pretas, 2-14 (322588)
AVENIDAS NOVAS — Cardote, Lda, Av. Visconde Valmor, 28-A-B-C (11229 1) e Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (43938) e Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 1-A (423 2)
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascense, R. 21 4 (3 4 6)
BAIXA — Internacional, Rua de Jure, 28 (32201-30403)
BELEM — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Pedrouços) (610741)
BENFICA — Marques Est. de Benfca 648 (100096) e Vitez Est. Benfca 373-B (780548) e S. João Estrada do Luz, 12-A (783 19)
CAMPO DE OURIQUE — Almeida, Av. do Lavradio, 36 (68 1261) e Condes, R. 666200 e C. de R. do Rocha (651721)
CAMPOLIDE — Imparcial, R. General da Póncia 28 (68093) e Rualto, Lda, Rua do Alto de Carvalhac, 1-A-C (651721)
CAMPO GRANDE — Santa Maria, Av. do Outubro, 283-A (1630 6)
CHARNECA — São Bartolomeu, Via para Jorge, 1 — Galinheiras (180979)
CONDE DE REDONDO — Contemporânea, R. Conde de Redondo, 26-30 (45048)
ESTRELA — Aurélio Rego, C. de Estrela, 39 (66 758)
GRAÇA — Progressiva, R. de S. Maria, 18 (8536 9) e Alves de Carve, Rua do Vale de Santa Antónia, 1-9 (840125)
JANELAS VERDES — Infante Santo, Olival, 290 (661003)
LUMIAR — Patuleia, Merdelas, R. de Lumar, 122-124 (190332)

MARQUES DE POMBAL — Vieira Borges, Alexandre Merciano 28 (40536)
OLIVAIS — Simão, Av. de Berlim, Rua 3, 6-A (3 058 1)
PALHAVA — Curie, Av. Madame Curie, 5-A (118439)
PENHA DE FRANÇA — Dimar, R. Conde de Monsaraz 1-B (842533)
PICHELEIRA — Mariz, C. de Picheleira, 40-B-C (720703 e 128395)
PRINCÍPE REAL — Oliveira, R. O. Pez, 23-25 (327880)
REGO — Prates 6 Mata R. Benetencêda, 113128
SANTO AMARO — Santo Amaro, R. R. Amaro, 29-A-B (637070)
S. BENTO — Valentim, R. do Poço das Veiros, 88-90 (679453)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Grilã, R. 350 43

MOSCAVIDE — Banha, Av. Moscavide, 45 85 81
Linha de Cascais
ALGES — Combatentes — Av. Comb. G. Guerra, 66 Te. 3953
CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Te. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto 86 — (Te. 243204)
OEIRAS — Godinho — R. Candido dos Reis 98 (Te. 2430094)
PAREDE — Grincho — Av. da República, 81-A (Te. 241 204)
MONTE ESTORIL — Costa — Av. S. João, 29-B (Te. 260085)
CASCAIS — Cordeiro — Av. Combatentes G. Guerra, 40 (Te. 280 70-28 419) e Nova — Estrada de Alvide — Fontainhas (Te. 28 044)

Linha de Sintra
AMADORA — Jardim — Av. Conde de Oe. os, 101 X-1 — Reboloira (Tel. 938424) e Melo — P. D. João I, lote 46 — Bairro Janeiro (Tel. 938551); Central — Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 9322 0); Igreja — P. da Igreja, lote 2 (Tel. 937740)
DAMAIA — Confianga — Estrada Militar Lote 3 — (Tel. 971023)
QUELUZ — Correia — L. do Mercado, 3 (Te. 950905) e Zeller — R. da República 83 (Tel. 950045)
CACEM — Central R. Elias Garcia 55 — (Te. 940034)
MEM MARTINS — Química, Est. Mem Martins, 285 — (Te. 29 0012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (Te. 980456)
SINTRA — Misericórdia, L. dr. Gregório de Almeida, 2 — (Tel. 980391)
COLARES — Colares — Abreia (Tel. 299088)

Outra Banda
ALCOCHETE — Gameiro — Lg. António dos Santos Jorge 5 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis 30 (Tel. 242020)
ALMADA — Magalhães — R. Capitão Leitão 0 (Te. 270242)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — E. Naçona 14 — (Tel. 224302)
BARREIRO — Central — Av. Alfredo da Silva 48 (Te. 2273207)
COVA DA PIEDADE — Império — R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel. 274356)
MOITA — Silva Rocha — P. da República, 6 (Te. 239029)
MONTIJO — Montepio, R. Almirante Reis 93 — (Tel. 230035)
SESIMBRA — Lopes — R. Candido dos Reis, 67 (Te. 229028)
SETUBAL — Normal do Sul — P. do Bocado — (Tel. 22216)
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Te. 22 8580)
MOSCAVIDE — Banha, Av. Moscavide, 22 (2518518)

CENTRO ENFERMAGEM DE URGENCIA SANTA MARTA

INJECCOES TRATAMENTOS E VELAS. OXIGENIO SOROS E CAMAS ARTICULADAS
Rua Conde Redondo, 56, 2.
Telef. 43738

INDICE BORGES & IRMAO

COTACÃO DAS ACCOES (Base: Dez. 65=100)

	3/10/68	9/10/68	10/10/68
GERAL	103,4	103,2	103,1
METROPOLITANAS	102,8	102,7	102,6
ULTRAMARINAS	107,8	107,2	106,9

CARTAZ DOS CINEMAS

IMPERIO As 15.15 e 21.30
(Adultos)
Panavision
Technicolor
Tel. 555134
Dois grandes talentos: Jack Lemmon
e Walter Matthau em

**MAL POR MAL
ANTES COM ELAS**
(The Odd Couple)
SENSACIONAL!!!!

estudio 444 As 15.30, 18.30
e 21.45
(Adultos)
Um filme de
Tel. 55 51 24 Francis Coppola,
com Elizabeth Hartman, Geraldine
Page e Peter Kastner

A NOITE É PERVERSA

CONDES As 15.15, 18.15
e 21.30
(M. 17 anos)
Tel. 32 25 23 e 32 67 10

**ONDE ESTAVAS TU QUANDO
AS LUZES SE APAGARAM?**
com Doris Day e Terry Thomas
PANAVISION — METROCOLOR

estudio 444 As 15.30, 18.30
e 21.45 (Adultos)
3.ª SEMANA
A excepcional, ca-
lização de Valério
Zurim premiada no
Festival de Cannes

A RAPARIGA DA MALA
com Claudia Cardinale e Jacques
Perrin

AVIS As 15.30 e 21.45
(Adultos)
2.ª SEMANA
Uma sombra de
mulher desliza so-
bre os telhados de
Paris

A LOBA SOLITARIA
com Danielle Gaubert e Michele
Duchaussoy
EASTMANCOLOR

EUROPA As 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)
Colorido
Tel. 66 10 16 9.ª SEMANA

Um filme inesquecível de Stanley
Kramer — 2 Oscars
**ADIVINHA QUEM VEM
JANTAR?**
Sidney Poitier, K. Hepburn
Spencer Tracy

IMPERIAL As 15 e 21 h
(Adultos)
O CIRCO DO TERROR
A BEIRA DA VERGONHA

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU — As 21 e 30: Grande Compa-
nhia Internacional (12 anos).

TEATROS
VILLARET — As 21 e 23: «Oh, que
delícia de coisa» (17 anos).
MONUMENTAL — As 20 e 45 e 23:
«Lisboa é sempre mulher» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e 23:
«Grande poeta é o Zé» (17 anos).
VARIEDADES — As 21: «Na terra como
no céu» (17 anos).

CINEMAS
CINEARTE — As 21: «Na terra como no
céu» (17 anos).
PARIS — As 21: «Quanto mais quente
melhor» (17 anos).
ARCO IRIS — As 21: «O solitário de Ne-
vada» (12 anos).
JARDIM — As 21: «Os olhos da noite»
CINE-MOSCAVIDE — As 21: «Como sal-
var um casamento e arruinar-se»
(17 anos).
SALA LISBOA — As 21: «Roubaram
meu coração» (12 anos).
CINEMA ORIENTE — As 21: «Gringo não
perdoa» (12 anos).
OLÍMPIA — As 19: «Os libertadores»
(12 anos).
PROMOTORA — As 21: «Norman jorna-
lista» (12 anos).
ROYAL — As 21: «O comissário Maigret
em Pigalle».
SPORT LISBOA E BENFICA — As 21 e 15:
«O terror dos sete mares» (12 anos).
BOMBEIROS V. LOURES — As 21 e 30:
«353 Passaporte para o Inferno»
(12 anos).
CINE-ENCARNAÇÃO — As 21: «Todas as
noites das nove» (17 anos).
UNIVERSAL — As 21: «Mata Hari —
Agente H 21» (17 anos).

VARANDA — DO — CHANCELER

RESTAURANTE
AMANHÃ — A NOITE
SALA RESERVADA

FIVOLI As 3 e 6.15 da tar-
de (p. r.) e 9.30
da noite
Anthony Quinn num
filme eterno
Tel. 50595
ZORBA, O GREGO
com Alan Bates e Irene Papas

ODEON As 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30
EM 3.ª SEMANA
O triunfal filme
português
Tel. 32 42 83
Um caso de infidelidade que arrasta
três vidas para uma situação de
culpa sem perdão...
ESTRADA DA VIDA
com Paulo Renato e Laura Soveral
(Maiores 17 anos)

ALVALADE As 15.45 e 21.45
(Adultos)
O primeiro grande
filme de amor da
nova época
Tel. 76 30 40
COLUMBIACOLOR
INTERLUDIO DE AMOR
com Oskar Werner e Barbara Ferris

SAO JORGE As 15.15, 18.15
e 21.30
(M. 17 anos)
2.ª SEMANA
Tel. 54154

O melhor filme do ano — 5 «Oscars»
NO CALOR DA NOITE
com Rod Steiger — Sidney Poitier

MUNDIAL As 15, 18.30 e 21.30
(Adultos)
2.ª SEMANA
DE EXITO!
Anthony Quinn,
Anjanette Comer
e Charles Bronson
Tel. 53 87 43
no vibrante e espectacular filme

**OS CANHÕES
DE SAN SEBASTIAN**
Portmanteau realização de Henry Verneuil
TELA DE 70 m/m
METROCOLOR

ROMA As 15.30 e 21.45
(Adultos)
Inauguração
da temporada
Tel. 72 77 78

**ONDE ESTAVAS TU QUANDO
AS LUZES SE APAGARAM?**
com Doris Day, Terry Thomas e Ro-
bert Morse
METROCOLOR

TERRASSE As 15 e 21
Tel. 32 09 17 (M. 17 anos)
A ESTRADA DE CORINTO
UM GATUNO SEDUTOR

CLUBE As 15 e 21 h
(Adultos)
BONNIE E CLYDE
COM MINHA MULHER NÃO

EDEN As 15.15, 18.30
e 21.45
(M. 12 anos)
Uma onda de fres-
cura, alegria e ritmo
Tel. 32 07 55
FELHNICOLOR

O MAIS FELIZ MILIONARIO
c/ Greer Garson, Geraldine Page,
Fred MacMurray, Tomy Steele

SAO LUIZ As 15.15, 18.15
e 21.30
O primeiro grande
filme de amor da
nova época
Tel. 32 71 77
Adultos — Columbiacolor
INTERLUDIO DE AMOR
Oskar Werner e Barbara Ferris

MONUMENTAL As 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA
Super Panavision
70 m/m
Ecran Gigante
2001: ODISSEIA NO ESPAÇO
Uma prodigiosa realização de
Stanley Kubrick

POLITEAMA HOJE, A NOITE,
AS 21.30
EM 2.ª SEMANA
A ARREBATA-
DORA SUPER-
PRODUÇÃO
Tel. 32 63 05

Grandiosa odisséia de um homem
que ninguém sabia se era patriota,
rebelde ou bandido
**OS CANHÕES
DE SAN SEBASTIAN**
com Anthony Quinn numa sensacio-
nal criação realista
Panavision-Col (Adultos)

HOJE, às 18.30 — Sessão Clássica
(Maiores 12 anos)

RESTELO As 21.30
(M. 12 anos)
Em Eastmancolor
Tel. 61 03 75

O extraordinário filme de espiona-
gem e aventuras
**O SEGREDO DA CAIXA
PRETA**
com Graig Hill, Teresa Gimpera
e Luís Marin

CASINO ESTORIL As 17 e 21.30
(M. 17 anos)
Tel. 26 07 29

CAMINHO PARA DOIS
(Two for the Road)
PANAVISION — COR DE LUXE
c/ Audrey Hepburn e Albert Finney
CINE-TEATRO As 21.30
(M. 17 anos)

LIDO MONTGOMERY
WOOD
Tel. 93 75 93
AMADORA num inferno
de acção

**OS LONGOS DIAS
DE VINGANÇA**

CINEMA IDEAL Tel. 32 41 04
(M. 17 anos)

**A FORÇA PARA UM INOCENTE
SETE DIAS DE FESTA**

MONUMENTAL

HOJE — 2 SESSOES 1 555133
20.45 e 23 h (Adultos)

VASCO MORGADO apresenta
UMA FABULOSA REVISTA
com
CAMILO - FLORBELA - NICOLAU
M.ª ADELINA ■ OCTAVIO DE MA-
TOS ■ YOLA ■ LINDA SILVA
CELIA DE SOUSA

19.ª e as atrações
M.ª TERESA QUINTA
VUM-VUM ■ UM BALLET
SEMANA INTERNACIONAL
DOMINGO, A TARDE, AS 16 h



Depois do espectáculo frequente «O CONVES» e o «PORÃO DA NAU»



NO TEATRO T 32 60 37
VARIEDADES
HOJE

(Adultos) ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

**LAURA ALVES em
A FLOR DO CACTO**

com PAULO RENATO, CARLOS J. TEIXEIRA
ALINA VAZ, ANGELA RIBEIRO, ALEXANDRE
VIEIRA, ALDA PINTO, NORBERTO DE SOUSA
encenação de SANTOS CARVALHO
Um espectáculo de VASCO MORGADO
DUAS HORAS DE RISO TOTAL E FELIZ

65.ª SEMANA

AR CONDICIONADO
**TEATRO
VILLARET**
a mais moderna e confortável de Lisboa

VASCO MORGADO apresenta — Adultos
Hoje, 2 sessões: às 21 e às 23 horas
5.ª MES ■ Mais de 200 representações
Bilhetes desde 15\$00 — Ar refrigerado



Oh, que delícia de coisa

Disparate cómico de Gila, encenado
por Carlos Avilez, com
RAUL SOLNADO

ANA PAULA ★ BARROSO
★ BORSATTI ★ HENRI-
QUETA ★ LUIS TITO ★
CARLOS QUEIROZ e ainda
FIALHO GOUVEIA

NO ADULTOS

MARIA VITÓRIA
A REVISTA
DA GARGALHADA

GRANDE POETA É O ZÉ!
O triunfo de um notável elenco, com
SALVADOR ★ VIANA ★ MARIEMA
MAX ★ ANITA ★ DORA
★ VITOR MENDES
e a formosa atracção
BRIGITTE ST. JOHN

TODAS AS NOITES, AS 21.45 e 23 h.
● DOMINGO (MATINÉES) AS 16 HORAS ●

José Viana
no «Catedrático
do fado»

bom apetite



**Restaurante
CASTANHEIRA**
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - Tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

TARANTELA
RESTAURANTE ■ SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Tel. 53 52 03

ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

**RESTAURANTE
DA TRINDADE**
R. Nova da Trindade, 10
Tel. 323356
O Seu Restaurante
Amãhã: Bacalhau à Trindade
Todos os dias pratos variados,
com cozinha portuguesa
Óptimas salas para banquetes

**RESTAURANTE
XANGAI**
Av. Duque de Loulé, 20-B / T. 57378
frente à Embaixada Americana
AMANHÃ EXPERIMENTE
GALINHA C/ ANANAS
E FICARÁ CLIENTE

ESPECIALIDADE
COZINHA PORTUGUESA
MESA REDONDA — 50\$00



AMANHÃ
Bacalhau
recheado
à trans-
montana
Isca de
porco na
frigideira
à por-
tuguesa
LAGO
RESTAURANTE
LARGO DA BIBLIOTECA
TEL 362123 LISBOA
ABERTO ATE AS 3.30 h

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144—Tel. 790211
(2.ª Circular ao Campo Grande)
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 5 anos)

ramborin
Restaurante - Snack-Bar - Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA
e COZINHA Guesa
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana) — Tel. 46247

Parreirinha do Rato
Restaurante snack-bar cervejaria,
mariscos
Ambiente acolhedor
todas as dias pratos diferentes
Especialidades de churrasco de frum-
go, porco, porco e cabrito
Largo do Rato, 11
Entrada pelo arco — Tel. 685908
arquit. para automóveis

Apareceu o corpo de uma mulher num lago do Porto

PORTO, 10 — Depois das 10 h. de hoje, o jardineiro sr. José da Silva verificou que, na rede que ladeia o lago do Jardim do Campo

O estado de saúde do Presidente Salazar

É do seguinte teor a informação médica sobre o estado de saúde do Presidente Salazar hoje divulgada às 12 horas:

«Pulso — 60. Pressão arterial — máxima, 11; mínima, 7. Temperatura — 36,5. Respiração assistida. Situação clínica sobreponível à que apresentava ontem. Prognóstico grave.»

de 24 de Agosto, se encontrava um casaco e uns sapatos de mulher. Estranhando o caso, debruçou-se, e viu no fundo, um corpo. Imediatamente chamou uma mulher do posto de venda de fruta, e ambos pensaram ser um manequim, que, por brincadeira, ali teriam colocado. O facto foi posto de parte por improvável, e o referido jardineiro dirigiu-se a um agente da P. S. P. que ali passava.

Juntou-se gente, e os bombeiros, apenas são alertados cerca das 11 e 30. Ali comparando, então, os Sapadores e os Voluntários do Porto que retiraram o corpo da mulher, que transportaram ao Hospital de Santo António.

Após a chegada dos bombeiros e, depois de a Polícia Judiciária, verificou-se o conteúdo dos bolsos do casaco abandonado onde se encontrava um bilhete de identidade que se verificou pertencer à vítima. Trata-se de Virgínia Mendes Fernandes, de 43 anos, solteira.

O que acontecera? Quêda? Pouco provável, pois a altura da água tinha menos de um metro. Suicídio? Dado o aspecto geral, parece verossímil. Crime? Parece não estar também posta de lado essa hipótese. Caberá, agora, às autoridades averiguar.



Os bombeiros voluntários ao retirarem do lago o corpo de D. Virgínia Mendes Fernandes

de VEZ em quando

Até onde poderemos ir e até quando resistiremos? O ritmo de vida tornou-se quase insuportável. Caminhámos aceleradamente para extremos, cada vez mais depressa, cada vez para mais longe. O que ontem era dez é hoje cem, com tendência para aumentar ainda antes de chegar o amanhã. Quando nascemos já havia aviões rápidos. Hoje são ultra-rápidos. Os explosivos, de destruidores passaram a ultra-destruidores. Até os próprios órgãos, que nossos avós tinham rijos e são, são agora ultra-sensíveis, causando-nos compreensíveis preocupações. Começamos a ficar cansados, e pior será se não nos escudarmos convenientemente do perigo que advém dos ultras. Viver sim, mas mais devagar.

V. D.

SANTARÉM FEIRA DA PIEDADE

Domingo, 13 de Outubro às 16 horas



CAVALEIROS

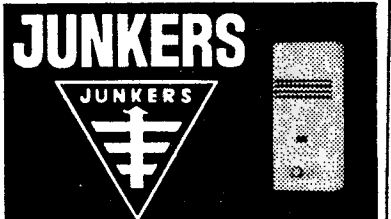
MESTRE BAPTISTA LUIS MIGUEL DA VEIGA

ESPADAS PAQUIRRI J. FALCÃO

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM comandados por Rhodes Sérgio

8 Toiros de JOÃO GREGÓRIO 8

BILHETES À VENDA EM LISBOA nos Restauradores, 7. telef. 30769 e 321712, e em SANTARÉM, na rua Guilherme de Azevedo, 15. tel. 485 e no dia da corrida, nas bilheteiras da praça



LUBRIPOR — LUBRIFICANTES E COMBUSTÍVEIS DE PORTALEGRE, LDA.

Largo António José Loureiro, 1 Telf. 313 PORTALEGRE

AS COMEMORAÇÕES DO 50.º ANIVERSÁRIO DAS OFICINAS GERAIS DE MATERIAL AERONÁUTICO

O Chefe do Estado preside, hoje, em Alverca, à cerimónia comemorativa do cinquentenário das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, onde descerrará uma lápida alusiva ao acto, inaugurando, em seguida, uma exposição de fotografias e desenhos.

Depois de uma visita de inspecção ao avião «Caudron G-3», falará o director das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, seguindo-se a

distribuição de medalhas aos servidores com mais de 40 anos de casa, um discurso do Secretário de Estado da Aeronáutica e uma visita ao «Triton». O sr. almirante Américo Thomaz é acompanhado, na sua visita, por outros membros do Governo e pelo cardeal-patriarca de Lisboa.

AS GRANDES CAPITALS

MADRID	5 Dias	1.200\$00
PARIS	7 »	3.400\$00
LONDRES	7 »	4.000\$00
BRUXELAS	7 »	4.750\$00
AMSTERDÃO	7 »	4.900\$00
BERLIM	7 »	5.500\$00
COPENHAGUE	7 »	7.050\$00
ROMA	7 »	5.200\$00
VIENA	7 »	6.250\$00
ESTOCOLMO	7 »	8.100\$00

CONSULTE-NOS HOJE MESMO

LISBOA: Av. Sidónio Pais, 4-A — Telf. 539871

LISBOA: Praça dos Restauradores, 14 — Telf. 362501

LISBOA: Rua do Alecrim, 10 — Telf. 369503

e ainda: ESTORIL - PORTO - FARO - FUNCHAL - LUANDA

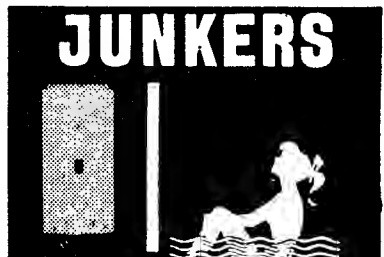
UTILIZE O CREDI-STAR



LIVROS ESPANHÓIS

7.000 LIVROS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS CEM EDITORES REPRESENTADOS

LIVRARIA TORRENS RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A



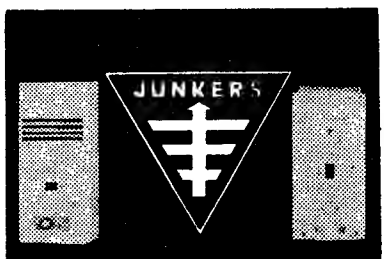
MATEUS DA SILVA GREGÓRIO

Praça da República, 40 Telf. 269 PORTIMÃO



ACABA DE RECEBER AS NOVAS COLEÇÕES DE OUTONO / INVERNO

MODELOS EXCLUSIVOS R. Serpa Pinto, 14, 1.º — T. 320843 R. Nova S. Mamede, 38 — T. 673077

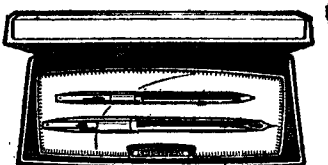


ELECTRIX — PEREIRA & SANTOS, LDA.

Rua Cândido dos Reis, 12 Telf. 24666 EVORA

Um presente inesquecível

Só a Sheaffer poderia fabricar uma caneta de tão superior qualidade. O aparo em ouro de 14 quilates é embutido a fim de aumentar a sua beleza e resistência. A tampa hermeticamente fechada conserva o aparo molhado, pronto a escrever imediatamente. O clip, munido de uma mola interior, evita que a caneta se perca, pois ajusta-se com firmeza a qualquer tecido. A primeira vez que fizer a sua assinatura com uma caneta Sheaffer, ficará convencido da sua inigualável superioridade.



AGENTES EXCLUSIVOS AZEVEDO & DUARTE, LDA. RUA DO CRUCIFIXO, 76-1.º — LISBOA-2 DEPOSITÁRIO NO PORTO: ÉLIO AMORIM

INSTITUTO SUPERIOR DE LÍNGUAS E ADMINISTRAÇÃO

TRADUTORES INTERPRETES SECRETARIADO TURISMO DIRIGENTES DE EMPRESAS LÍNGUAS

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

R. do Sacramento à Lapa, 16 Telef. 676395-673766 Av. da República, 25-1.º Dto. Telef. 539641 Av. Duque de Loulé, 126-1.º

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA FAP

SUPLEMENTO

Diário de Lisboa

LITERÁRIO

Alexandre O'Neill
Alexandre Pinheiro Torres
Eduardo Prado Coelho
Liberto Cruz
Rocha de Sousa
Urbano Tavares Rodrigues
Victor Silva Tavares

N.º 532/10 DE OUTUBRO DE 1968

O segredo da «Abelha»

—por Victor Silva Tavares

em conversa com
Fernando Lopes

um dos maiores
romances da literatura
portuguesa contemporânea
entra no cinema
através de um dos nossos
mais válidos realizadores

QUANDO da estreia do *Belarmino* escrevi uma prosa que terminava assim: «Fernando Lopes: estou à espera de ti!»

É que eu entendia (e entendo) o *Belarmino* como ensaio, exercício de escrita, experimentação estética e humana para um outro Fernando Lopes — talvez este mesmo que realiza agora *Uma Abelha na Chuva*.

Aqui está o Fernando Lopes: um rosto destruído e um entusiasmo novo, olheiras de noites brancas e um riso de repente juvenil — os 33 anos de um homem apostado no cinema. E aqui estou eu, que trago para a entrevista o gravador e a curiosidade. Vamos a ver se consigo penetrar no segredo da abelha.

«ADAPTAR», EIS A QUESTÃO

F. L. — O primeiro ponto de vista que interessará focar é o da criação de um certo universo filmico.

Evidentemente que se levanta o problema da existência de um universo anterior, que é o do romance — aliás susceptível de várias leituras. A D. Maria dos Prazeres, por exemplo, para mim é uma coisa e para os dez mil leitores (para aí...) que teve *Uma Abelha na Chuva* pode e vai ter variadíssimas facetas.

D. L. — Como é, para ti, a D. Maria dos Prazeres?

F. L. — Para mim, de certa maneira, é um fantasma — coisa que eu só relativamente tarde descobri. Creio que foi até uma das descobertas mais importantes para a adaptação que acabei por fazer do livro. Posso dizer que à partida e desde sempre eu pensei que uma adaptação da *Abelha* seria de qualquer modo uma adaptação aberta — não portanto literal (que esteve sempre fora de causa) nem o embarcar facilmente nalgumas ideias feitas que o leitor tem sobre certos livros, a *Abelha* como o último livro do Cardoso Pires. É normal as pessoas dizerem «isto dava um filme»: ora aqui, parece-me, há uma primeira falácia, que é a de se confundir um método literário com um método cinematográfico. Se a maneira como um escritor narra um romance se assemelha às vezes com o cinema, isso não quer dizer que possa ser transcrita (assim) para o filme, quer dizer que o escritor utilizou determinados processos narrativos de que o cinema se serve mas que a partir do momento em que são utilizados na literatura adquirem um outro valor, um outro significado. A transferência *tout court* seria ou primária ou pelo menos mecânica.

D. L. — Em relação à *Abelha*...

F. L. — Em relação à *Abelha* punha-se o mesmo problema. Muita gente dizia que o livro era extremamente cinematográfico. Por exemplo, pela maneira como nele se jogava com o tempo — um dos pontos de interesse literário do livro é uma experiência que o Carlos de Oliveira fez na literatura portuguesa há já bastantes

anos. Foi por esse lado que eu peguei na *Abelha*. Não logo de início mas à medida que o ia *possuindo*. Ora uma adaptação é de certo modo uma *posse* — e aqui começa normalmente o primeiro ponto de polémica (chamemos-lhe assim) entre o autor do filme e o autor do livro. Porque ninguém gosta de se ver possuído...

D. L. — Houve qualquer tipo de polémica entre ti e o Carlos de Oliveira?

F. L. — Não. Pelo contrário, o Carlos de Oliveira levantou desde o início um problema exactamente igual ao que eu estou a levantar: «Não nos enganemos, isto efectivamente tem alguma coisa a ver com o cinema. Não é uma influência directa mas as coisas estão no

tinuava igual ao livro. De modo que deixámos aquilo de lado. Fizemos a crítica e o próprio Carlos acabou por dizer: «Não há nada a fazer, o melhor é V. trabalhar sozinho; porque se eu estou ao pé de si, V. acaba por sentir-se relativamente *compungido* para não fazer determinadas alterações — pode achar que essas alterações vão contra mim». E possivelmente — ou — e certamente as minhas alterações até irão muitas vezes contra o Carlos. Porque, em última análise, acabará por ser o meu ponto de vista sobre aquele livro, sobre aqueles personagens...

D. L. — Um dos meus enigmas, ao ler o livro e ao saber que tu ias adaptá-lo ao cinema, foi o seguinte: para além da intriga romanesca há no livro todo um universo introspectivo, os sonhos, os terrores, as frustrações, os conflitos interiores de determinados personagens — universo esse que acaba por se tornar extremamente dramático, angustiante, e que se impõe ao esquema da anedota. Como é que tu o podes captar nos termos do filme?

F. L. — O que te posso dizer

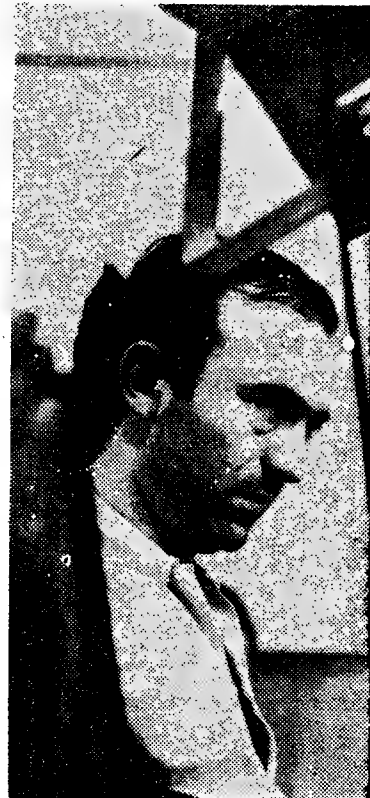
a fazer a rábula do mistério...

D. L. — Não estamos no reino das bruxas...

F. L. — Pois. Mas que há bruxas há, como dizia o outro. O que é que acontece? Eu por princípio sou uma pessoa incapaz de trabalhar com uma planificação perfeitamente férrea...

D. L. — És o anti-Henrique de Campos...

F. L. — Absolutamente. Eu normalmente trabalho com uma folhinha de papel que tem um mínimo de indicações das cenas que vou filmar. Neste caso, e como é uma fita com actores, há a própria existência deles, que na medida em que vão criando um personagem vão tendo a sua interpretação e o seu próprio peso pessoal; eu quero aproveitar-me disso e portanto, durante a rodagem, vou fazendo alterações — o que até cria vários problemas do ponto de vista técnico. Cria, por exemplo, um problema ao chefe operador: «Mas finalmente como é que vais fazer a cena? Agora mesmo dizias que ele (o actor) vai fazer isto assim assim, vai passar por aqui, beber um copo



Fernando Lopes

pois, na montagem, a sua nova reorganização.

Na *Abelha* é assim exactamente que as coisas se passam. Ai, volto a jogar com aquilo que disse ao princípio: *dei-me conta* que a D. Maria dos Prazeres era um fantasma, digamos que era um fantasma dum Madame Bovary, um personagem de qualquer forma anacrónico. Para mim, ela não anda: *desliza*... Como, de resto, todos os outros personagens são relativamente fantasmas e de certa maneira tudo aquilo se passa num universo sem tempo, sem espaço... Ai está o *côté* fantasmagórico que existe no livro e pelo qual eu puxei na adaptação.

D. L. — Mais do que, por exemplo, as diferenciações de classe que existem entre a D. Maria dos Prazeres e o Alvaro Silvestre?

F. L. — Sim, mais. Se bem que eu suponho que essas diferenciações acabarão por vir ao de cima. Não de uma maneira gritada mas de uma maneira subterrânea e muito mais corrosiva, suspeito eu. Vamos ver...

D. L. — No livro do Carlos de Oliveira transparece uma linguagem muito clara, muito despida, muito directa. Conseguiu tu para o filme, e nesse aspecto, um paralelismo?

F. L. — É aí que eu acho que entra a única fidelidade que vale a pena. Até por ser de meu temperamento, o filme é extremamente austero, muitíssimo mais austero que o *Belarmino*. E isso eu acho que corresponde não só ao livro do Carlos de Oliveira mas à *escrita poética* do Carlos de Oliveira.

D. L. — Estás a referir-te a Sobre o Lado Esquerdo, que até era um livro de cinema?

F. L. — Sim. De certa maneira a *Abelha* anda muito à volta daquele universo, daqueles *travellings* pelas paredes. É um filme em que há cenas de três minutos sem qualquer corte. E em três minutos sem corte



Laura Soveral em filmagem. Na câmara Costa e Silva

ar, nós vivemos no tal aquário de imagens e portanto é natural que o cinema tenha vindo a criar em mim um certo número de estímulos — do ponto de vista literário, também. Mas eu acho que V. tem razão, que não se pode agarrar num livro e pura e simplesmente transferir para a criação de um filme certos processos narrativos que nele existem.

Na primeira fase do trabalho fizemos os dois uma tentativa de passagem para o papel de um esquema do filme. Depois fomos ler a história e tanto eu como ele achámos que ela con-

é que o filme é muito mais feito sobre essa parte do que sobre a outra — resultado não só da minha leitura do livro mas de um grande convívio com o Carlos e de um grande convívio com o Carlos em todos os sentidos, inclusivamente com a poesia do Carlos de Oliveira. Digamos que não vou fazer um filme sobre o livro *Uma Abelha na Chuva* mas sobre um certo universo que é familiar ao Carlos de Oliveira.

D. L. — Insisto, ainda, na adaptação...

F. L. — Há um lado inexplicável. Atenção: não estou aqui

e dizer depois não sei o quê e agora de repente já não vai fazer isso e nem sequer dizer a frase». Porque, efectivamente, durante o ensaio nós podemos descobrir que há um gesto, que há um pequeno movimento de corpo que é extremamente mais significativo do que tudo quanto eu pudesse dizer. O que é preciso então é pôr-lhe a câmara em frente e deixá-lo dez minutos a falar...

Enfim, coisas deste género... Portanto, trata-se do jogo que existe entre uma certa estrutura prévia, a sua *desorganização* durante a rodagem e de-

(Continua na 7.ª página)

Urbano Tavares Rodrigues: Pontos altos da novelística brasileira

Se as narrativas de Samuel Rawet afloram por vezes o problema da solidariedade (e até em páginas muito belas, que transpiram a ânsia de libertação moral e social), a verdade é que ora negam, ora afirmam a possibilidade da solidariedade humana. É a solidão que dá à obra de Samuel Rawet a sua tonalidade profundamente original. Solidão que esbraceja, que se debate, que divide e aponta os ridículos, solidão para além da catarse. Solidão de uma consciência que permanece sempre crítica. Entre a margem das revoluções totais e o mistério das fracções de segundo sem sentido, Samuel Rawet explora remotas existências. Explora-se na rua comezinha, descobre no vizinho do bar ou de restaurante a raça antiga do vagabundo.

Este autor de figurino metafísico levanta todavia problemas (e extremamente complexos), que concernem aos dramas da sociedade semi-industrial. As duas faces do Brasil — a zona atlântica em vias de desenvolvimento, a zona interior com um atraso secular — nos aparecem, através de uma fina análise da transformação das relações humanas e consequentemente das transformações da língua, deixando pressentir até que ponto o culto da eficácia, com uma multiplicidade de consequências na vida pública e privada dos homens, pode provocar casos de isolacionismo e associativismo como alguns que tão impressionantemente consegue gravar a pena incisiva de Samuel Rawet. Chegamos, não raro, a pensar no LSD e noutros alucinogénios, na sua acção catártica, na libertação de uma parte do corpo em relação a alguns membros, inquietantes, actualíssimas histórias de um dos mais originais autores brasileiros contemporâneos. Dir-se-ia que um vento de renovação sopra da América do Sul. Ao lado de Jorge Luis Borges, de Julio Cortázar, de Alejo Carpentier, vem inscrever-se o nome deste jovem ficcionista. Desde os

apontamentos em que satiriza o belo orador, o burocrata egoístico, o filósofo frio, aqueles em que nos coloca frente a frente com o explorador do onírico, Samuel Rawet está sempre beirando a sombra de uma realidade maior, que na cadeia dos sonhos lhe foi anunciada.

A extraordinária novela do livro, aquela que podemos considerar verdadeira obra-prima, é a «Crónica de um Vagabundo», com a extensão de um pequeno romance. Nela temos como figura central o *outsider*, emigrado da vida quotidiana normal, homem sem amanhã, cujo hoje escorre numa torrente de sensações entre os dejectos do passado e o zero de um futuro que ele resolveu anular. Este anti-herói, que gasta os últimos dinheiros, vende o próprio relógio, deixa-se vigiar com ironia indiferença, mas luta pela vida, ante o brilho de uma face, na noite dos instintos primitivos; que, pisando a fita incolor do vago, do impreciso, na margem dos sentimentos indefinidos, deambula por uma cidade concreta, onde lhe sucedem coisas extraordinárias como ser pago por um desconhecido para dar banho a uma velha quase paralítica ou abordado por um jovem e triste sodomita, a

cuja instância não cede mas do qual se compadece e confraterniza, dar todo o seu dinheiro (mas sem piedade, sem descortinar sequer a que móbil profundo obedece), a uma prostituta envelhecida, esse anti-herói, novo Ulisses de um pesadelo quase paranóico, faz o périplo da cidade dos nocturnos temores, dos gritos que ecoam noutros gritos, cidade onde todas as vozes se fundem num só rumor indistinto...

O pitoresco convizinha com o mistério profundo, com o horror e com o lirismo nestas páginas apaixonadamente geladas. Por vezes, o nome de um grande escritor português actual nos acode à lembrança, ao lermos certas passagens de Samuel Rawet. Refiro-me a Vergílio Ferreira. Eis um exemplo porventura representativo: «Não tinha sono, não tinha fome, não tinha sonhos, e o mistério das coisas já não o interessava, naquele momento, nem as coisas. Era um homem mergulhado nos factos, ou que procurava mergulhar nesses, tão mergulhado que estava quase identificado com eles, anulado por eles, tão imbricado que eles se desvaneciam e o que permanecia era quase uma abstracção. De que é feito um homem? De actos? De intenções? De um passado? Ou de uma ficção criada pelos outros, volúvel como uma sombra de animal a se deslocar em imprevistos? Ousou um dia pensar numa indiferença total, que seria uma espécie de comportamento sem limites, aceites todas as consequências, uma indiferença a princípio como arma contra a estupidez e depois como um modo mais largo e calmo de aceitar as coisas, uma indiferença como a do objecto que se afirma com a única qualidade fundamental do objecto, uma indiferença como o único recurso para sobreviver sem temores infantis. Mas eram esses temores que trespassavam sua couraça e o envolviam no redemoinho de fantasias e horrores, e eram esses temores, quase o afirmava, o sal de uma actividade, de uma coerência apenas vislumbrada, de um recuo diante da muralha cinzenta e espessa do nada. Apenas esses temores vinham de outra infância, mais remota, desligada de lembranças mais ou menos desagradáveis que possam premoldar um futuro. Eram temores de uma infinidade de infâncias adultas coexistindo na própria formulação de seus temores, em aparência sem justificativa, porque não tinha sono, não tinha fome, não tinha problemas, e caminhava por um dos recantos mais belos do mundo. Da infância mesmo, infância, o que recuperar? Que valor tem a coragem de uma afirmativa no qual transborda um ódio irrecuperável e só muito depois tornado consciente? Que

dizer de um homem murado em sua cela quando lhe perguntam por que insiste em permanecer ali e a sua resposta é a pergunta: «haverá outra coisa além disso que vocês chamam cela?»

O homem, nas novelas de Samuel Rawet, não escolhe a sua responsabilidade, herança de um condicionamento imposto. Não chega propriamente a haver exaspero contra a sociedade neste ataque sistemático ao mundo visto pelos olhos bem pensantes; há, sim, uma espécie de indiferença ante a pena castigo, uma exaltação — mas exaltação crivada de perguntas, fecundada pelos poderes irracionais do ser. Há eventos que não passam de equívocos. Centelhas de luz fulguram no vazio de um mundo que troca o essencial pela minudência e do qual a personagem foge, buscando, se não a salvação, pelo menos aquela indiferença rebelde, na satisfação de necessidades elementares. Quando todos os rumos são absurdos, quando qualquer meta é a morte, quando a noite ameaça tornar-se um feixe, uma labareda de lamentos e furores, restam as criaturas do desencanto. «...Mas se quiser ficar eu poderei falar do incógnito da solidão. Algum dia já lhe falei nisto? Tenho a impressão de que não, é uma coisa ainda não estabelecida, existe de um modo imane em todos nós, alguns o desenvolvem bem, mas não creio que alguém lhe tenha dado a forma concreta, que alguém tenha estabelecido, aliás não é bem estabelecer, mas captar as normas existentes e implícitas, se se quer continuar; devo-lhe dizer que não tenho o mínimo interesse em ser compreendida. A primeira norma é: por favor, não me ajude! (...) Ainda não formulei o Código inteiramente, há uma quarta norma que ainda não cheguei a precisar, refere-se à palavra e ao silêncio. Se fosse possível eliminar a palavra, a mentada e a falada! Seríamos objectos, viveríamos

num mundo apenas de acontecimentos, e todos estritamente necessários. Reduziríamos a nossa inteligência ao fazer, e ao raciocínio destituído de vocábulos, que estaria implicitamente ligado à acção.»

Outro livro de novelas brasileiro que ultimamente me impressionou, sendo bem diverso do de Samuel Rawet, é a colectânea «Duas Vezes Perdida» de Josué Montello. O autor de «A décima noite» e de «Labirinto de espelhos», do qual Manuel Bandeira diz que a sua escrita parece, como a de Machado de Assis, passada a limpo, sem um excesso, sem um desleixo, atinge na novela que dá o nome ao volume, «Duas vezes perdida», uma naturalidade, um poder de evocação ao mesmo tempo realista e elegiaca, uma sobriedade de processos narrativos, uma capacidade introspectiva, e, com tudo isso, um poder de caricatura incisiva e leve, que envolve e prende o tempo e o local, e de tal maneira consegue levar-nos embebidos na leitura, no desenrolar dos acontecimentos romanescos, que nos reconciliamos com as técnicas tradicionais da ficção. Segredo de simplicidade, de ironia, de pureza estilística. Aqui deixo associadas duas obras que têm de comum a qualidade literária, embora se situem aparentemente em pólos opostos da construção e da perspectiva narrativa. Digo aparentemente porque, na verdade, Josué Montello tem na sua técnica clássica o saber do ensaísta, do intelectual advertido que conhece os perigos do já dito, que, ao escolher a clareza da evocação nostálgica e aguda de vidas falhadas, de tardes provincianas, de velhos colégios bafios, de sanatórios onde despontam, na solidão da doença, renovações líricas, e um pouco cedidos, do coração e da carne, tem a noção precisa e moderna daquilo que permanece e permanecerá na arte de contar. Dois pólos da moderna ficção brasileira, duas afirmações de singular altura.



SUPLEMENTO Diário de Lisboa LITERÁRIO

LETRAS PORTUGUESAS:

O Picaro em Aquilino, por Alexandre Pinheiro Torres

LETRAS ESTRANGEIRAS:

Pontos Altos da Novelística Brasileira, por Urbano Tavares Rodrigues

A Ponte Alemã, por Sheppard de Moracs

CRÍTICA:

Ainda Jorge de Sena, por Eduardo Prado Coelho

ARTES PLÁSTICAS:

A Arte Junto do Público, por Rocha de Sousa

CRÓNICA:

O Cidadino Pipote, por Alexandre O'Neill

Madame Kabal, por Liberto Cruz

CINEMA:

«Uma Abelha na Chuva», por Victor Silva Tavares

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVINCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 1-2 • TELEF. 869364

Sociedade «ESTORIL»
VENDA DE SÉRIES
DE 20 BILHETES SEM DATA

Viaja menos apertado a partir das 11 horas.

Evite a bilheteira comprando o seu bilhete durante a semana ou em séries de 20 viagens.

CARTÃO DIPLOMATA

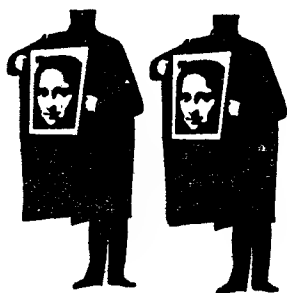
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de ouro ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

Arte junto do público

por Rocha de Sousa



OBSERVANDO o movimento que se esboça na preparação da época artística que vai começar, e de acordo com a disciplina dos nossos hábitos urbanos, é possível prever para 1968-69 uma acção de novo centralizada nas galerias, já que estas se constituíram, nos últimos anos, o aparelho mais vivo na promoção deste ramo da cultura.

sublinham para uma hierarquização dos valores.

AS RELATIVIDADES ESQUECIDAS

A despeito das relatividades negativas da nossa produção (com base na ausência de estruturas socio-económicas adequadas, na falta de correntes de informação capazes de consequências decisivas, na reduzida consciência do artista sobre os direitos e deveres da sua função social integrada ou contestativa, e, ainda, por desfasamento completo dos sistemas de promoção e das fontes consumidoras) insiste-se num trabalho de caracterização a nível europeu, no apontamento doutrinário de uma crítica alheia dos objectos e dos homens — em busca de coordenadas linguísticas exteriores às coordenadas técnicas do meio. Não preconizamos, em vez disso, o conformismo da visão crítica a estruturas que encerram o homem português no centro dos seus próprios defeitos ou dos aspectos inutilizados da sua tradição; mas anotamos que o aparelho das segregações valorativas se comporta, em geral, desfasado do verdadeiro enquadramento do artista nas fronteiras do nosso horizonte. E nos limites assim apontados é possível enunciar previamente a carência de uma cobertura cultural múltipla, adequada aos diferentes sectores da criação artística e da sua absorção pela rede de consumo. Noutro sentido, esta rede não se encontra suficientemente escalonada em ordem aos seus pontos de solicitação, de acordo com as especialidades que a devem servir, tendo o artista de conformar-se no âmbito de

profissões marginais e reservando a sua produção para um circuito abstracto onde se dissolve amadoristicamente, perdidos o carácter social da sua pesquisa, o sentido da sua revolta ou o papel activo da sua contestação.

Num colóquio há tempo desenvolvido na Sociedade Nacional de Belas-Artes, e a propósito de certas tendências da arte americana actual, alguém procurou esclarecer o auditório sobre a verdadeira grandeza física das peças ali produzidas, mostrando como os artistas portugueses apenas se dedicavam ordeiramente a copiar as reproduções dessas obras a uma escala mais-reduzida, descharacterizada, produzindo por isso objectos de grau expressivo inadequadamente oposto.

Este exemplo pode servir para ilustrar alguns aspectos do problema atrás focado. Porque, com efeito, no exercício da crítica aos artistas portugueses não foram introduzidas as condições em que estes trabalham, em oficinas cujo espaço é limitado e num desamparo económico quase sempre sufocante. A crítica desenvolvida também não estabeleceu nenhum parágrafo onde coubesse a deliberação consciente dos nossos artistas num sentido pessoal, ou seja o da transposição de um critério monumentalista, de um gigantismo fora da sua escala humana, social e técnica, para o formato de outro tipo de convivência e de intimidade. Aqui não encaramos o problema da mutilação da fonte inspiradora no sentido negativo, mas antes admitimos que as diferentes formas de assimilação de uma tendência podem

incluir desvios daquela natureza, logo inscritos na verdade temperamental e cultural de quem os pratica.

Mas para invertemos honestamente o exemplo, o que também é possível em muitos casos, teremos de admitir que a prática dos nossos pintores se fundamenta por vezes naquele tipo de apropriação superficial dos elementos informativos, assim realizando um comportamento criativo repleto de absurdas concessões à frivolidade das maneiras e alheio à estrutura dos modos. Naturalmente que esse facto não fica a dever-se em exclusivo à sua impertinência, à fragilidade do seu critério ético, mas decorre sobretudo do seu dramático isolamento.

INAUGURAÇÃO DA CONVIVÊNCIA

É de este isolamento que importa falar na hora em que a actividade das galerias recomença, na hora em que as escolas oficiais e particulares reabrem as suas salas, na hora em que os diferentes organismos ligados às artes decidem novos programas de acção. Em boa verdade, mais importante do que o número de exposições a realizar é a prática de reconhecer o artista ao lugar dignificante que lhe pertence. É isso mais importante, com efeito, do que a promoção *intransigente* de um critério selectivo, de uma imposição de valores, do que a promoção circunstancial de um grupo de artistas afinal isolados. Isolados mesmo quando aplaudidos pela crítica, ou subsidiados pela suficiência provisória de um mecenas, ou garantidos pela utilização temporária de um empreendimento volumoso. As galerias, que desempenham entre nós uma função significativa no campo desta actividade, têm já possi-

bilidades de atravessar as fronteiras do seu recinto doméstico para promover uma acção pública mais vasta em certos sectores da vida nacional, onde se estuda e onde se trabalha. Podem, por isso, em íntima ligação e para além dos seus esquemas característicos de trabalho interno, tentar a estruturação de um papel social mais amplo, procurando garantir ao artista um sistema de mercados mais efectivos. Na mesma base, e se atendermos ao facto de que as galerias mais importantes funcionam em livrarias, é estimável pensar-se que o apelo da informação gráfica pode igualmente desenvolver-se com outra intensidade. Os programas de acção, que em geral parecem traduzir a suficiência das galerias ou dos artistas e se dirigem sobretudo a um público abstracto, devem ser revistos no sentido de um mais largo debate sobre a condição social dos operadores que produzem objectos de arte, sobre a sua responsabilidade e os seus direitos, sobre a incidência do seu trabalho na vida dos outros homens e o significado da sua proposta no quadro das profissões correspondentes. Não basta incendiar os artistas a fim de que revolucionem o seu compromisso público, inovando o que permanece, destruindo o que é excedente, contestando o que se institui. É preciso que se estabeleça um sistema de trabalho capaz de dar sentido a essa constante redescoberta de posições. É preciso que o artista não se baste, no isolamento, a produzir objectos de espectáculo que desenquadradamente expõe, que esporadicamente coloca. É preciso, em suma, que o artista conquiste a consciência do sentido colectivo do seu trabalho, procurando misturar-se definitivamente com os outros homens.

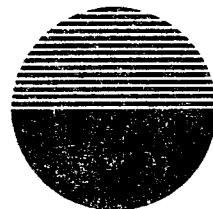
Uma iniciativa de real importância

Três individualidades ligadas ao quadro da nossa vida artística, Rui Mário Gonçalves, Fernando Pernes e Artur Rosa, assinam um texto introdutório às exposições permanentes recentemente inauguradas no «foyer» do 1.º Balcão do Cinema Império. A tendência desta iniciativa original entre nós envolve necessariamente uma resposta directa às habituais reservas de comunicação entre o público e o artista. Apesar de se poder sublinhar de um modo negativo a escolha, em primeiro lugar, de um local onde é maior a capacidade de consumo e menor a urgência de esclarecimento, registamos com o devido apreço a importância do precedente.

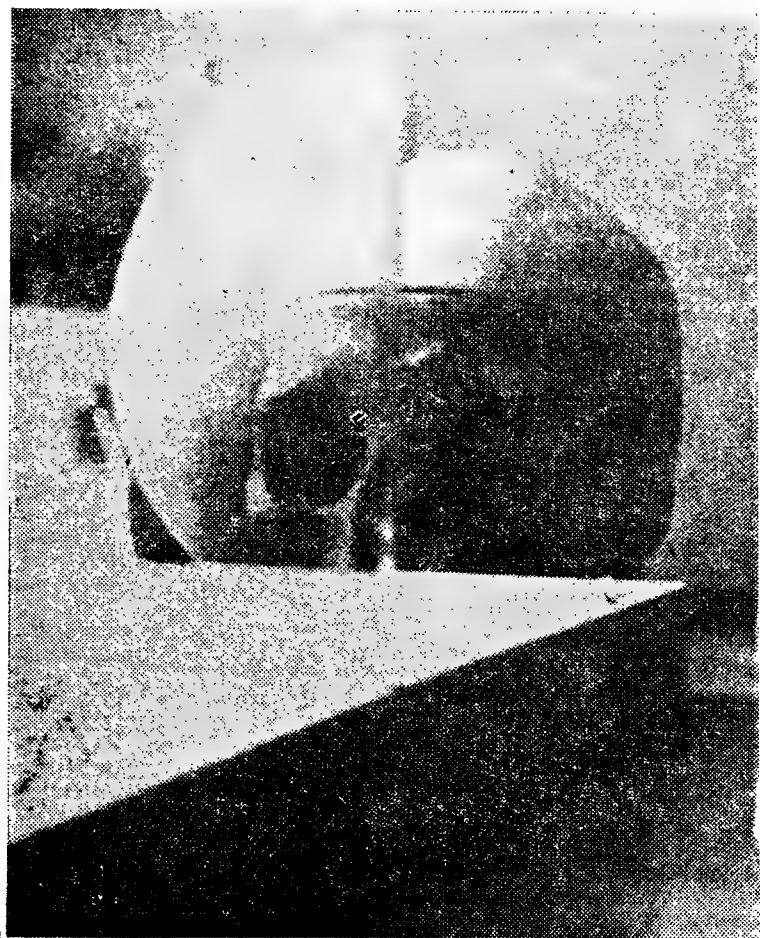
As obras expostas, «cedidas» pelas Galerias Buchholz e Quadrante, deverão ilustrar, na sua sucedaneidade, várias das mais significativas ten-

dências do panorama estético nacional, incluindo representações dos diferentes expositores das referidas Galerias. Pretende-se assim criar laços mais íntimos entre as artes plásticas e um público que, sendo apreciador do bom cinema, se nos oferece como particularmente predisposto à receptividade de outras expressões estéticas onde, análogamente, mas em linguagens diferentes, se articulam os valores morais e espirituais numa modernidade comum aos autênticos artistas como aos autênticos criadores da sétima arte. E a observância e análise crítica dos pontos de convergência entre as várias linguagens da arte contemporânea, considerada na sua totalidade, impõe-se na evidência de imperativo dominante sobre a própria consciência sociológica dos nossos dias. Com menor ambição, aqui e agora, vi-

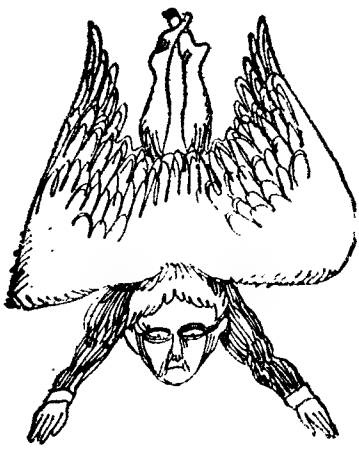
sa-se algo de mais modesto quanto de imediatamente necessário. Trata-se de proporcionar uma primeira possibilidade informativa da actualidade artística decorrente em Lisboa, pela qual se admite contribuir para posterior capacidade formativa do público no referente à problemática das artes plásticas».



O artista seleccionado para esta primeira proposta foi Noronha da Costa, com uma renovada dimensão plástica em objectos que apresentará brevemente na Galeria Buchholz.



Noronha da Costa: Aparência e Realidade



«O CITADINO PIPOTE» OU «UMA PERSONAGEM PARA JOÃO ABEL MANTA»

por Alexandre O'Neill

AINDA bem que Pipote não é judoca. Pipote não passa de Suspensório Lilás. Pipote judoca seria o fim. Pipote entra nos eléctricos a ombro. Diz com licença depois de ter passado. Cheira a cebola e a camisa de anteontem. Fala curto. Assim tem mais tempo para chupar os dentes. Pipote usa elástico de câmara-de-ar a envolver a carteira. Traz negócios de ferro-velho, traz o filho nos estudos, traz uma viúva debaixo de olho. Agora que os móveis (quinanês, principalmente) estão a dar, Pipote vai comprar fragoneta. Já o vejo agarrado ao volante com medo que a fragoneta desalvore. Já o topo a fazer mudanças no joelho da viúva.

Contam-se muitas de Pipote. Parvenu, parvo nu, Pipote não é pior nem melhor, escusam de se estar a rir, que vocês. Pipote começou difícil. Vocês tiveram colégio, manteiguinha no pão, Bucha & Estica nas matinés de quinta-feira. Pipote teve cachações e casqueiro ao mata-bicho. Veio a pulso, Pipote — e com muita honra!

Das que se contam de Pipote, não sei ainda se conte a que me apete contar. É que não é nada típica, sabem? Remonta aos 14 anos de Pipote, quando Pipote, quer dizer, ainda não era Pipote. Era a cédula Joaquim Serrano Deusdado — Quincarcoveiro para os inimigos.

Não me faço mais rogado. Subtítulo:

DE COMO JOAQUIM SERRANO DEUSDADO, ALIAS QUINCARVOEIRO, ALIAS PIPOTE, DEIXOU APODRECER OS DENTES TODOS MENOS UM

As 6 horas da manhã, chutaram Quincarcoveiro para a consulta externa de Todos-os-Martírios. Questão dum obcesso bochechado a aguardente e a raiz de alveja com desinflamação subseqüente e recidivas de ganir. Bochecha infla, bochecha desinfla, a cara do pobre já era como um cartucho e o miséria estava por tudo. A quatro de frente, de cara amarrada, a bicha para os Serviços de Odontologia consumia-se e refazia-se ao longo das horas e dum corredor conventual. Quando chegou à porta da sala dos alicates, Quincarcoveiro compreendeu, num ápice, a utilidade das bichas: terem cauda. Um menino que saía da sala segurava os queixos com a manita, vexado de todo, e dava pontapés de desespero na estúpida mãe carinhosa.

Uma cigana (sedentária) apiedou-se do chavalito probecito e começou a desenrolar uma lamúria meio rezada entrecortada de cuspinhadela raivosa para o lado. Um digno velho remendado e limpo reprovava mudamente tudo, não escondendo, na sua sobrançaria, que só o mau destino fora responsável por ele se encontrar ali, misturado com a gentilha.

«Trezentos e quinze», disse uma voz entreportas que parecia mesmo a voz do creosote. Era a senha de Quincarcoveiro. Este deu um passo ao lado e uma grande coragem de fugir pôs-lhe as pernas em movimento. Pisgou-se para a cauda da bicha, a tomar tempo e balanço.

Ainda hoje o cidadão Pipote fala com um dentinho de orgulho desse caso da sua vida de rapazinho. Aliás, é sempre com orgulho que Pipote se revê em Quincarcoveiro, seu querido filho na perspectiva do tempo. Espero que a vossa credulidade chegue onde chegou a minha, quando ouvi esta história da infeliz boca de Pipote: três ou quatro vezes Quincarcoveiro foi atacado pela coragem de fugir, três ou quatro vezes se atrasou para a cauda da bicha, a tomar tempo e balanço. Ao meio-dia, na derradeira repescagem de senhas não respondidas, a bicha era Quincarcoveiro. Até um dentista, alicate em punho, se avantajou nos umbrais.

Foi apanhado.

Já na cadeia, já de boca ocupada por ferros, dedos, espihinho, o cédula Joaquim Serrano Deusdado tentou articular uma queixa, soprar uma indicação, subtrair-se o mais que podia à mordedura metálica dos alicates, que andavam, por ali, a planar de mão em mão. Os odontologistas trabalhavam rápida, firme, irrevogavelmente. Se os deixassem entregues à sua própria inércia, desdentariam o mundo mal o apanhassem a bocejar de tédio. Três dores agudas, fininhas. Uma patada no estribo da cadeia. Um compasso de espera com ferros a retinir, torneiras a trepidar, desconhecidos cheiros violentos a subirem-lhe ao nariz. Depois, um rispiço «abre a boca!». Abriu a boca. Não abriu os olhos. O alicate veio, entrou. Sentiu o choque no alto da cabeça, por dentro. O alicate mordeu. Queriam virar-lhe a caixa dos pirolitos do avesso?

Descomandou-se. Gritou. Mas já, triunfante, o diabo-dentista lhe mostrava o dente, que o alicate continuava a morder.

E Pipote, hoje, comenta, num sorriso de aqueduto em ruínas:

— Sôr Anibal (eu já lhe disse que não era Anibal, que era O'Neill...), Sôr Anibal, a vida é assim: o dente que me tiraram estava bom; o estragado cá ficou. Já passaram pra cima de trinta anos e nunca mais voltei a esses diabos! Cá me vou governando com os dentes que tenho. Mas diga-se a verdade: o dente que me tiraram foi o único dente bom que eu tive...

E o aqueduto sorri, enquanto Pipote o vai chupando paulatinamente.

SHEPPARD DE MORAES:



O romance *A Ponte* («Die Brücke»), que revelou o nome de Manfred Gregor ao público da Europa e da América, é a interpretação de uma juventude alemã — de uma certa juventude, diga-se antes — da experiência do nazismo. Melancolicamente, a geração traidora revê o caos nessas duas centenas e meia de páginas mas a atitude que assume está longe de ser combativa, isto é, de transmitir ao leitor toda a responsabilidade que uma parte da juventude fanatizada teve de facto na ascensão e queda do III Reich.

«É preciso libertarmo-nos dos complexos de culpa», disse há anos o dr. Spiller, dirigindo-se aos jovens de Frankfurt. Essa determinação (que tem servido a muitas conveniências) paira levemente sobre *A Ponte*. Gregor com inegável mestria descreve um episódio de guerra a que consegue dar uma transfiguração simbólica: a ponte entre a morte e a vida, entre o

passado e o futuro, é um aviso que permanece de pé. «Quem me dera morrer aqui», comenta um soldado de Hitler; «Quem me dera viver aqui», responde outro — «e ambos queriam dizer a mesma coisa», conclui dez anos depois o romancista.

O filme extraído desta novela foi há anos recebido pelo nosso público com alguma controvérsia. Realizado por Bernard Wicki, jovem director fulgurantemente lançado à celebridade (como aconteceu com o próprio Manfred Gregor), o texto cinematográfico acentuou de modo concludente, por um lado, o salutar e decidido ódio à guerra e o terrível peso do esforço malgrado que o romance põe em foco e, por outro lado, uma quase passividade que se esboça por parte das gerações do futuro relativamente a essa experiência das gerações anteriores. «A juventude não é boa nem má! É fruto da época em que vive!» — diz no fim do livro, um jovem sobre a Ponte.

A ponte

E um velho ali ao pé, observando com a autoridade da sensatês: «O senhor é ainda muito novo para sentenças dessas!»

Que quer isto dizer? Um aviso ao futuro contra uma nova fanatização colectiva? Um pedido de compreensão mais tolerante dos erros do passado? Eis um tom realmente característico do livro de Manfred Gregor que como protesto contra o passado é literariamente válido mas que não enfrenta com a veemência desejável os problemas decorrentes de uma carnificina naquilo em que os herdeiros dessa derrocada são o reflexo mais empenhado. E todavia nem tudo é esquecimento ou passividade: no santuário do milagre alemão, Hans Magnum Enzensberger e o grupo de novos escritores demonstram-no à evidência, Dutschke e os jovens da Alemanha Ocidental, sem olvidarem o passado, intervêm no presente. *A Ponte* não é um memorial que se visita para meditar nos desastres da guerra. Cresceu, ganhou amplitude e novo significado. É uma extensa passagem que, dia a dia, vai sendo percorrida por gerações sucessivas e que serve de testemunha a novas lutas e a novas ameaças.

Para o chanceler do III Reich a Luftwaffe foi a ponte dos milagres. Com o poderio fulminante dos bombardeiros lançou-se sobre a Inglaterra e quando tudo estava prestes a socobrar era ainda num sortilégio das elites da força aérea

O pícaro em Aquilino

por Alexandre Pinheiro Torres

ESCREVEU Benedetto Croce que o verdadeiro Herói da célebre novela picaresca *Lazarillo de Tormes* é a Fome.

Já se sabe que em relação à literatura portuguesa tem de se empregar o adjectivo picaresco com muita reserva, com a reserva que diz respeito à legitimidade de se poder usar de tal qualificativo em relação a determinadas obras nas quais se tem querido rastrear elementos característicos que o justifiquem, e, só para citarmos um exemplo, recordamos a análise da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, da autoria de António José Saraiva.

Sem nos adiantarmos mais sobre este complexo problema recordo apenas que vários críticos usaram o termo para qualificar situações e personagens de romances de Aquilino Ribeiro.

Pegando no tópico fome, promovido a Herói por Benedetto Croce, mas certamente diagnosticado como motor inicial por quem quer que analise a novela picaresca, há com efeito, argumentos dentro da obra aquilina que justificam, até certo ponto, a utilização do qualificativo. É que, pela primeira vez na ficção portuguesa contemporânea, surge não a fome mas o pavor da fome, que na obra romanesca do autor do *Malhada* desperta uma reacção em cadeia que vai até à avaria explicada não pela avidez

da contemplação do ouro — como o faria o Grandet de Balzac — mas pelo medo de uma terrível necessidade futura que o «pé-de-meia» afugenta para um futuro o mais remoto possível.

Se uma personagem como o padre Claro guarda avaramente 4000 reis na carteira será apenas com receio que o filho lhe roube o dinheiro? É certo que o filho Isaac lho roubou e chegou ao ponto de o confessar com todo o desprazo. Mas a reacção do pai é excessiva. Em consequência de uma breve luta com o filho morre



de apoplexia, e este perante o drama que desencadeou, suicidase-se.

O tio Aleixo da *Via Sinuosa* tem o seu farto «pé-de-meia»,

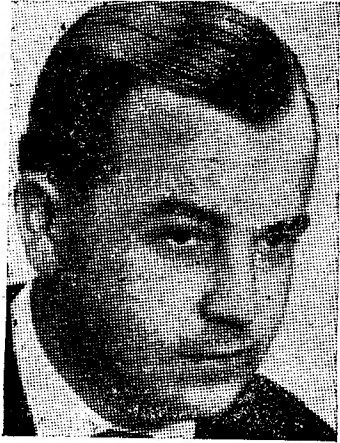
mas protesta sofrer da mais negra das misérias. O povo chama-lhe o «Fome-Negra». Quando o Padre Ambrósio o procura a fim de lhe pedir auxílio financeiro para o sobrinho que, ao desamparo, ele não protege quando o poderia fazer, como não pode negar ao padre (sempre é o representante da religião de que se diz crente) que dispõe de meios, grita que precisa do «rico dinheirinho» para, depois de morto, lhe rezarem muitas missas pela alma, ao que o Padre Ambrósio responde:

«A alma cuida-se em vida, praticando boas obras». Podemos talvez dizer que toda a primeira parte das *Terras do Demo* é (ainda dentro do tópico da «fome») um exemplo talvez significativo de situações possivelmente picarescas. Essa primeira parte trata — como se sabe — da luta surda entre a velha Rosa Gaudência, que tem quarenta libras escondidas no casebre e o genro que lhe quer roubar. É curioso notar que a velha passa fome para não passar a tal fome que ela quer evitar no futuro. Tocar no «rico dinheirinho», isso nunca! Passam anos durante os quais o genro tenta descobrir onde a velha tem as libras. Não serão elas afinal um mito? Mas, um belo dia, no mais imprevisto dos lugares, as libras vêm parar às mãos do genro. Não é menos curioso o que este drama desencadeia: a morte, pois a velha Gaudência, descoberto o

alemã (ontem e hoje)

que residia a derradeira hipótese de salvamento. Com efeito o mito salvador das bombas V e dos foguetões esboçava os primeiros passos por iniciativa de Luftwaffe e já, muito antes de eclodir o conflito — 1936 — Von Braun ensaiava a propulsão por jacto.

Cajus Bekker ao traçar a *Ascensão e Queda da Arma Aérea Alemã na Segunda Guer-*



Manfred Gregor: a ponte suspensa

ra Mundial serve-se de uma exaustiva documentação que se traduz, a muitos passos, em assombrosas revelações. Em seis anos a Luftwaffe pôs em movimento mais de 113 mil aparelhos de todos os tipos e cerca de 150 mil homens desta arma perderam a vida em combate. Alguns deles realizaram proezas lendárias, como o comandante Erich Hartman que

derrubou 352 aviões inimigos; outros foram ingloriamente abatidos em missões desesperadas nos últimos dias de Berlim.

De qualquer modo, o que Cajus Bekker demonstra, em última análise, é que na guerra moderna o avanço do poderio bélico não é um trunfo definitivo. Cada nova arma de ataque traz no seio dela própria a defesa correspondente e quando se lê *A História da Luftwaffe* e se assiste à assombrosa mobilização de cérebros e de capitais que ela envolveu, compreende-se efectivamente que a sorte das armas depende, mais do que tudo, do aviso dos políticos e da consciência dos guerreiros.

Depois de *A Batalha de Leninegrado*, de Dimitri Pavlov, a «Coleção Vida e Aventura» (ed. Livros do Brasil, Lda.) lança a reportagem de John Tolland *A Batalha das Ardenas* «a maior batalha formal em que os Estados Unidos tiveram participação», como sublinha o autor, «a única luta de importância travada por aquele país em pleno inverno».

Tolland em páginas vivas e bem documentadas reconstituiu o cenário histórico e humano desse episódio de guerra que envolveu da parte aliada mais de um milhão de homens e que, ao contrário de qualquer outra campanha da Segunda Guerra Mundial, foi inteiramente orientada por Adolfo Hitler. «Durante mais de dois anos andei na pista da Batalha das Ardenas, o que exigiu entrevistas com mais de mil pes-

A PONTE

romance de

Manfred Gregor

trad. Ana de Freitas

Publicações Europa-América, 1968

A HISTÓRIA DA LUFTWAFFE

por Cajus Bekker

trad. José Dinis Zambrão

A BATALHA DAS ARDENAS

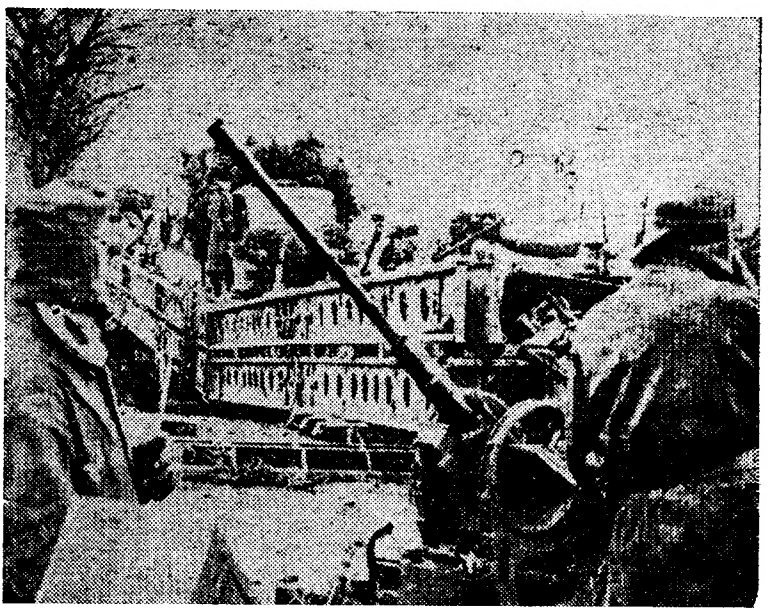
por John Tolland

trad. Jorge Rosa

ed. Livros do Brasil, 1968

soas em dez países diferentes» — escreveu o autor, que desse modo, e através de arquivos e do apoio dos departamentos militares, levantou o véu de uma das principais derrotas de Hitler.

Analisando com entusiasmo o papel humano do G. I., o simples e desprevenido soldado russo americano que viera para a guerra sem espírito de missão mas que nas Ardenas aprendeu a combater, John Tolland aborda, à margem do livro, algumas questões clássicas do desencontro entre o aparelho militar norte-americano e as desinteligências da Administração. Figuras históricas como Eisenhower, Bruce Clarke, Maxwell Taylor e James Gavin aparecem na luta das Ardenas sob uma perspectiva nova e complexa. Eles estão perante uma guerra que escapa aos manuais e havia a agravar a situação uma lamentável carência de informações porque o sistema americano neste sector era «algo primitivo e in-



A ponte militar: nas Ardenas construída pelas tropas alemãs

gênuo, baseado em grande parte nos processos utilizados pelos Pinkertons na guerra civil».

Malmédy foi, na Batalha das Ardenas, o lugar dos suplicios. As violências cometidas pelas tropas alemãs naquele sector são em muitos casos comparáveis às que levaram a cabo na frente russa e constituem um «dossier» tristemente célebre. Dos responsáveis ao mais alto grau pelo comportamento das tropas, alguns sofreram a pena dos tribunais outros, como Model, preferiram o suicídio. Von Rundsted terminou os seus dias num recolhimento de pessoas idosas em Wienenhausen, Peiper e Dietrich — implicados directamente nos acontecimentos de Malmédy — foram julgados em Dachau e condenados a pena perpétua. Skorzeny «vive em Madrid ao abrigo de um passaporte Nansen». Engenheiro próspero, acalenta o sonho de ir para os Estados Unidos ensinar as tácticas de comandos que o tornaram famoso. Man-

teuffel dedica-se à política. É um dos dirigentes do Deutsche Partei e foi membro do Senado de Bonn até às eleições de 1957».

Mas o julgamento de Dachau — observa Tolland — pecou por parcialidade. Encabeçada pelo senador Joseph McCarthy procedeu-se a um revisão do processo da qual resultou que Dietrich e Peiper fossem postos em liberdade — e esse é um outro ponto negativo no saldo compensador da acção militar americana nas Ardenas. Na reconstituição dos acontecimentos históricos John Tolland assume uma posição tipicamente liberal.

Com tudo isto a ponte alemã sobre a Europa ficou interrompida e sofreu uma das suas mais rudes brechas. Como Manfred Gregor e como Cajus Bekker, John Tolland vem, noutra plano, relembrar a tragédia de um povo que se encontra perigosamente entre o esquecimento e o futuro, entre a aventura e a prosperidade.

roubo, e não chegando a trocar qualquer palavra com o genro a tal respeito, vai direitinho deitar-se a afogar.

Estas reacções primitivas não seriam certamente possíveis no mundo de hoje. Elas estão localizadas, com efeito, nas primeiras décadas do século. Mas quando chega a segunda Grande Guerra, o que ouvimos dizer a Maria Aires do romance *Volfrâmio*?

«A serra está no osso, esbur-gadinha até mais não poder. O que se encontra à farta por essas famílias é fome e lén-deas... A Serra, se não se acode, está a dar o cadilho».

E então verifica-se que o ideal do «pé-de-mela», ligado ao pavor da fome, corresponde àquilo a que o povo — recriado nos romances de Aquilino — chama «dar um pontapé na mofina» ou «dar um pontapé na macaca». O objectivo a atingir é dar este pontapé sem o qual não há futuro. Por isso o Padre Claro morre de apoplexia? Por isso a velha Gaudência se suicida?

Para este objectivo ser atingido todos os meios são bons, como na boa tradição picaresca. Cambais, pai de Teodora, namorada do Augusto Aires, repudia o pretendente da filha dizendo-lhe isto:

«Dinheirinho, menino! ganho não importa de que maneira, mesmo de trabuco na quadriha do Olho-Vivos».

Este «pé-de-mela» estabelece rígidos abismos sociais en-

tre os camponeses. Quando qualquer deles consegue umas leiras e uns cobres a mais do que os estritamente necessários para não morrer de fome — quando, portanto, conseguiu «dar o pontapé na macaca» — considera-se um ser privilegiado e tem pruridos de classe. É o que acontece a Augusto Penalva de *Batalha Sem Fim* a quem José Algodres vai pedir a mão da filha Filomena. Diz-lhe o homem-que-já-deu-o-pontapé-na-macaca ao homem-que-ainda-o-não-deu:

«Quando tiveres vinha para dez pipas, chá para três geiras e casa de soalho vem-me ver».

O que interessa, portanto, é amacalhar de qualquer maneira. Como nos descreve Aquilino o Gadunhas de *Volfrâmio*? Deste modo: «A sua casa era feita disto: de trabalhar à bruta e afeirrolhar. Tudo lhe parecia pouco para o dia de amanhã. O dia de hoje para ele não entrava em linha de conta no tocante a dar à vida o que requer da maior parte dos homens na satisfação dos apetites ou gozo dos bens granjeados. Chama a v. m. no Gadunhas, porque tudo no crispamento da sua mão se resumia em «venha a nós» e em deitar para o saco».

A fome acaba por desencadear a alienação mental. Não que ela surja (nos romances de Aquilino) como consequência da fome sofrida pelas personagens. Surge antes dos actos em que se envolvem por

quererem dar um pontapé na mofina.

É o que vemos no último livro que citamos. Pedro Algodres estava convencido que no Pinhal do Urso, para os lados da Praia de Vieira, os Cruzios haviam enterrado, no tempo das invasões francesas, 800 000 cruzados. Durante anos e anos vai para lá cavar, na esperança de o descobrir. Morre desiludido. O filho, José Algodres, herda-lhe a «tarântula». Um dia resolve fazer escavações em larga escala e associa-se para o efeito com um lavrador de Ervedeira, Eudócio Bixolim. São precisos largos capitais e Algodres compromete na sociedade a armação de pesca que herdara do pai. A duna começa a ser escavada. A volta, um autêntico arraial cigano. Trabalhadores e famílias em tendas «colmadas com velhos oleados e ramos». Tudo fica possesso com a febre do tesouro. Passa um mês e nada. Começam a chegar mirões para gozar o espectáculo. Mas uma das condições exigidas pela lenda para que os 800 000 cruzados pudessem ser encontrados era que o «achador» fosse alguém «sem eira nem beira nem ramos de oliveira». Ora Algodres ainda possuía um casebre onde vive com a velha tia. Pois, para estar dentro das condições impostas pela lenda, não hesita em pegar-lhe fogo. Será escusado dizer que os cruzados nunca aparecem.

Comenta um mirão citadino no fim da narrativa:



«Drama arqueológico, com seres arqueológicos».

E Aquilino acrescenta: «A duna era como a Nau Catrineta; deitavam solas de molho na esperança sempre viva de se porem a salvo da macaca».

Há, ou parece haver, na verdade um determinado tipo de aventureirismo em situações e personagens aquilianas que ligadas ao tópico da fome justificam, em certa medida, o emprego do qualificativo de picarescas para as classificarmos. Que o adjectivo não tem sido para desprezar por escritores mais recentes verifica-

-se pela circunstância de um autor como Joaquim Pacheco Neves não ter hesitado em dar por título a um dos seus livros o seguinte: «Histórias Picarescas», onde a principal personagem é aquele tipo de anti-herói que largamente o picaresco por definição pressupõe. Mas será isto suficiente para a legitimação da hipótese de haver um capitulo de «picarescas» na nossa novela? Por muito boa vontade que se tenha, penso que a resposta terá de ser negativa.

University of Cardiff
November, 1966



as leituras a margem

Itália: hora das consagrações

UM CARTAZ DE PROECÇÃO

DENTRO DE SEMANAS será comunicado o nome do triunfador do prémio de narrativa «Brancatti Zafferana» (2 milhões de liras) a atribuir ao melhor volume de novelas ou romance publicado em Itália entre 30 de Setembro de 1967 e 1 de Agosto de 1968.

Galardão de grande prestígio europeu, o «Brancatti Ferrara» é encabeçado por um júri altamente representativo no qual figuram entre outros: Rafael Alberti, Eugénio Montale, Alberto Moravia, Pier Paolo Pasolini e Leonardo Sciasci. Dos 17 elementos que compõem a comissão, cada um apresen-

tará uma obra a concurso, escolhida em toda a produção literária do ano, e será do conjunto desses títulos concorrentes que se elegerá a obra premiada.

PRÉMIO DE JORNALISMO

Igualmente para breve, está anunciada a decisão do júri do «Trofeo Dama Bianca» destinado a recompensar o melhor artigo publicado na imprensa italiana ou transmitido pela Rádio ou pela Televisão. O prémio, patrocinado pelo Sindicato da Imprensa em colaboração com a Azienda de Turismo de Trieste é representado por uma escultura em prata e por

várias compensações monetárias, além da oferta de circuitos turísticos para duas pessoas.

PROMOÇÃO DA CRIANÇA

Aberto a arquitectos, designers e educadores, acaba de instituir-se em Itália o Prémio para Novos Produtos destinados à Infância. A importância a atribuir é de 7 milhões de liras e a ele podem concorrer os autores de trabalhos que nos mais variados domínios de produção — desde instalações infantis ao livro e ao brinquedo — revelem contribuições verdadeiramente inovadoras para o bem-estar da criança.

«Esquire»: trinta e cinco anos

O número (especial) de Outubro de *Esquire* aparece vistosamente consignado (diz a nota da Redacção) ao tema «Salvemos o Século». Três americanos em fundo de cemitério (os irmãos Kennedy e Luther King) abrem simbolicamente esta edição comemorativa do 35.º aniversário do conhecido magazine *yankee*. F. Scott Fitzgerald, William Styron, Frank Conroy e Jacob Brackman contribuem com depoimentos sobre «o que significa — para quatro gerações sucessivas — ter nascido nos Estados Unidos» a que se seguem intervenções de Barry Goldwater, Mickey Rooney, David Rockefeller, Mae West, Billy Graham, etc.

William F. Buckley Jr., figura de eleição no naipe conservantista da *intelligentsia* norte-americana e colaborador directo de *Esquire*, expõe, uma vez mais, e com a costumada agressividade e algumas metáforas, as suas teses sobre a crise do homem do nosso tempo repetindo algumas asser-

ções produzidas noutras ocasiões e, em particular, nas polémicas que travou com o romancista Norman Mailer. Truman Capote fala de «Crime e Castigo», relatando as opiniões de oito condenados à morte e pondo em causa o sistema penal dos Estados Unidos. William Humphrey e Jess Stuart preenchem a parte da ficção deste número que, na linha tradicional de uma tendência «republicana», é indiscutivelmente bem elaborado. Três vozes discordantes — as de Gore Vidal, Linus Pauling Stokely Carmichael.

Depois de ter analisado o campus americano e a juventude universitária (número de Setembro 68), *Esquire* retoma agora os seus argumentos de cepticismo, desta vez com elevado nível de colaboração. Tradicionalista como o *New Yorker*, mas de espírito menos local, esta publicação mensal representa uma das tendências dos chamados (abusivamente) *magazines for men* de que *Playboy* é indiscutivelmente

te o melhor (e mais exigente) exemplo. Ambos se opõem na qualidade dos textos e no sentido de actualidade que postulam; ambos preenchem largas zonas de público intelectual não obstante as aparências sensacionalistas de que se revestem. Após 35 anos de publicação ininterrupta, *Esquire* continua fiel a um programa em que o perfil do *homo americanus* se define numa base convencional e no retorno às tradições.

«Seara Nova»: Renovação

O número 1476 (Outubro 68) de *Seara Nova* vem, uma vez mais, com variada colaboração de que se destacam *O Desenvolvimento do Comércio Medieval na Sociedade Portuguesa* (1.ª parte) de Armando de Castro, *Cultura, Informação e Meios Audiovisuais*, de Alberto Pedrosa e *Os Pequenos Vadios de Bogotá* de Edith Muharay. Fernando Correia, em *Das Concepções do Desporto em Conflito*, analisa, com clareza e oportunidade, o panorama social em que vão localizar-se os Jogos Olímpicos do México; José Vaz Pereira sob a rubrica *A Porta Fechada* refere-se às linhas mestras da política alemã de leste; David Ferreira publica uma contribuição ao estudo da I República Portuguesa — *Eleição de Deputados à Assembleia Nacional Constituinte de 1911*.

Na interpretação literária, além das notas críticas de José Saramago — *Quem gosta deste mundo?* (de José Cardoso Pires), a propósito do romance *O Delfim*, e *Uma Nova Geração de Maravilhas*, dedicado a *O Despojo dos Insensatos*, de Mário Ventura — assinala-se o breve ensaio sobre *O Conto* —

Via para a *Renovação da Actual Literatura Brasileira*, da prof.ª Maria Lucia Lepecki, em que se foca a personalidade notável de Rubem Fonseca, um escritor que na sua reduzida obra publicada é (basta ter lido *A Coleira do Cão*) um dos casos mais originais das letras brasileiras dos últimos anos. Contribuição valiosíssima a este número da *Seara Nova* é a de Augusto Costa Dias (*O Velho, o Rapaz e o Burro*) em que se levantam alguns problemas sugeridos pela publicação de *O Rapto das Sabinas*, de Garrett. Respondendo a algumas objecções de João Gaspar Simões, Augusto da Costa Dias argumenta que a importância fundamental do poema em causa está no testemunho que ele constitui da formação filosófica e doutrinária do jovem Garrett.

Completam este número um artigo sobre a Evolução da Economia Espanhola, por Eduardo Guerra, uma reportagem de Mário Ventura — *Terças e Gentes do Alentejo* — e uma crónica de J. S. sobre os E. U. A.



ESCAPARATE

Autores portugueses	Editora — Portugal Editora — Lisboa
Título — Poesias Completas 1956-1967	Colecção — «Contemporânea» — n.º 106
Autor — António Gedeão	Número de páginas — 311
Editora — Portugal Editora — Lisboa	Preço — 45\$00
Título — «Poetas de Hoje» — n.º 17	Título — O Rachdingue — Romance
Número de páginas — 311	Autor — Henri-François Rey
Preço — 70\$00	Tradutor — Vera Pedrosa
Título — A Salvação do Mundo — Tragicomédia em três actos	Editora — Livraria Bertrand — Lisboa
Autor — José Régio	Colecção — «Autores Universais»
Editora — Portugal Editora — Lisboa	Número de páginas — 275
Colecção — «Teatro» — II	Preço — 40\$00
Número de páginas — 248	Título — Um Negro que Quis Viver
Preço — 45\$00	Autor — Richard Wright
Título — Almanaque Bertrand 1969	Tradutora — Luisa Sampaio
Editora — Livraria Bertrand — Lisboa	Editora — Ulisseia — Lisboa
Número de páginas — 270	Colecção — «Série Literária», n.º 86
Preço — 30\$00	Número de páginas — 417
Autores estrangeiros	Preço — 50\$00
Título — Como foi Salvo um Milhão de Judeus	Título — Quando os Aliados Abriam as Portas — Último acto da Tragédia da Deportação
Autor — André Biss	Autora — Olga Wormser-Migot
Tradutor — Raul Rego	Tradutor — António Barahona da Fonseca
Editora — Livros do Brasil — Lisboa	Editora — Livraria Bertrand — Lisboa
Colecção — «Vida e Aventura» — n.º 17	Colecção — «Documentos de Todos os Tempos»
Número de páginas — 391	Número de páginas — 392
Preço — 70\$00	Preço — 70\$00
Título — Para onde foi o Amor — Romance	Título — A História da Luftwaffe
Autor — Harold Robbins	Autor — Cajus Bekker
Tradutor — Jorge Vidal Pessoa	Tradutor — José Dinis Zambujo
Editora — Editorial Ibis — Venda Nova	Editora — Editorial Ibis — Venda Nova
Número de páginas — 311	Colecção — «Círculo Azul»
Preço — 50\$00	Número de páginas — 489
Título — A Casa de Nossa Mãe — Romance	Título — Ave Marciana
Autor — Julian Gloag	Autor — Edmund Cooper
Tradutor — A. Pereira de Figueiredo	Tradutor — Eurico Fonseca
	Colecção — «Argonauta»
	Número de páginas — 210
	Preço — 15\$00

OFERTA EXCEPCIONAL

10 VOLUMES ENCADERNADOS À ESCOLHA

PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 35\$00

ENTREGA DAS OBRAS CONTRA O PRIMEIRO PAGAMENTO

Obras encadernadas em balacuir de

ALEXANDRE HERCULANO
AQUILINO RIBEIRO
CAMILO CASTELO BRANCO
CHARLES DICKENS
FERNANDO NAMORA
JULIO DINIS
STEFAN ZWEIG
WALTER SCOTT
E OUTROS

180 autores de várias nacionalidades, sendo: 260 volumes originais de autores portugueses e brasileiros — 260 volumes, traduções portuguesas, mencionados numa lista que remetemos, grátis e sem qualquer compromisso, a quem a solicitar. Todas as obras têm o formato mínimo de 0,19x0,12 m. O número de exemplares disponíveis para esta oferta é limitada. Solicite imediatamente a lista à LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - PORTO — Telef. 22286, ou à sua Filial em Lisboa — Avenida Almirante Reis, 102 - r/c-Dt.º - LISBOA 1 — Telef. 58796 e 58798.

Remeter este cupão à
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

R. Alberto Aires de Gouveia, 27 — Porto

(O.E.D.L.) Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, a lista das obras da OFERTA EXCEPCIONAL e um impresso-proposta para a sua aquisição

Nome

Morada

A entrevista com Fernando Lopes

(Continuação da 1.ª página)

é muito difícil fazer o truque, fazer o golpe, é muito difícil enganar. Porque não há nada a fazer: é o centro da praça e é o touro a investir. Ou aguentas ou não aguentas... Isto corresponde bastante à própria posição moral do Carlos de Oliveira — moral no sentido do corpo a corpo dele com as palavras. Neste sentido, acho que a *Abelha* tenta acompanhá-lo.

D. L. — *Falaste em cenas de três minutos...*

F. L. — ...que acabam por parecer uma eternidade — e são-no. Isso é que é fabuloso, no cinema. E aqui voltamos a um certo lado quase mágico, que eu estou a tentar meter no filme. Não te admires muito se a *Abelha* vier a parecer-se com um filme mudo. Até no tom da fotografia. Neste aspecto, posso dizer que é até um filme contra a corrente — o que também está certo com o meu feito.

A EPOPEIA DA PRODUÇÃO

D. L. — *Seria interessante focarmos agora a epopeia da produção...*

F. L. — A fita esteve para ser feita variadíssimas vezes, foi recusada por muita gente — alguns distribuidores que achavam que era uma história muito pessimista, muito fechada, excessivamente pantanosa e onde ninguém se salvava. Claro, resta perguntar o que é que eles entendem por salvação...

D. L. — *Salvação é o Calvário casar com a Madalena...*

F. L. — Passado aquele período inicial que foi aí de 60 a 63 — vá lá, até 64 — incluindo a fita do Paulo *Mudar de Vida*, verificámos que o chamado novo cinema português não se tinha conseguido impor do ponto de vista comercial. Que além disso, ou pior que isso, havia mais pessoas que também queriam fazer filmes e que não encontravam maneira de os fazer, havia projectos antigos (como era o caso da *Abelha*) que não tinham qualquer chance de vir a concretizar-se — tudo isto porque havia (também) uma certa desorganização de nós próprios. Quer dizer, nós próprios estávamos cada um para seu lado. Ora a única maneira de corri-

gir isso (e verificámo-lo nas discussões que houve no Porto) era a de se tentar realmente uma organização das forças que apesar de tudo já tínhamos — porque já tínhamos, digamos, um certo nome feito, ninguém nos acusava de sermos mais incompetentes ou menos competentes que os anteriores cineastas portugueses. Restava apenas saber se acreditávamos suficientemente em nós e no cinema que queríamos fazer, se estávamos dispostos a correr os riscos.

UMA HISTÓRIA DE COMPROMISSOS

(E aqui, Fernando Lopes nega as soluções de compromisso. Vem à baila o filme *Sete Balas para Selma*, do António de Macedo. Eu provoco. Fernando Lopes sempre diz que as *Sete Balas* é um compromisso relativamente especial, que não pode dizer que o filme seja como a *Operação Dinamite*, que é «mais qualquer coisa do que isso», mas que «apesar de tudo, para mim, é menos qualquer coisa do que eu posso esperar do Macedo». Com a minha fígada, puxo a linha).

D. L. — *De qualquer modo, acho que poderemos dizer que as Sete Balas é um compromisso em relação a uma determinada engrenagem...*

F. L. — Até me vou servir das *Sete Balas* como paralelo. Eu acho que o Macedo aceita

vigentes a um determinado nível. Sabemos os perigos que isso comporta, igualmente, e sabemos muito bem que nós nos estamos a servir delas mas que elas se estão igualmente a servir de nós. É normal, é natural, aceitemos o jogo. Vamos tentar, portanto, utilizar um certo tipo de meios que essas mesmas estruturas exigem para fazer determinado tipo de filmes — quer publicitários, quer de prestígio ou não sei quê — para os poder utilizar depois nos filmes que nós estamos interessados em fazer e que, de algum modo, são a contradição daquilo que fazemos na curta metragem. Uma contradição que é interessante em si e que até pode ser estimulante no ponto de vista criador. Resta agora, dentro desta espécie de cadeia, dentro deste círculo, tirar ou não partido. Económicamente — e em relação a *Abelha* — até funcionou. Ao fim de dois anos estávamos em condições de fazer o filme.

D. L. — *Sem recurso a distribuidores ou exibidores?*

F. L. — Absolutamente. Utilizámos equipas de gente nova que trabalhavam connosco, utilizámos o mínimo de dinheiro que podíamos arranjar entre nós, utilizámos todo o material técnico que já tínhamos. E, inclusivamente, há uma coisa que começa a acontecer no cinema, como de resto acontece já nas artes plásticas: uma certa quantidade de pessoas que

Uma coisa começa a acontecer em Portugal:

certos grupos de pessoas estão realmente interessados

em participar monetariamente

em determinado tipo de filmes nacionais.

(Fernando Lopes)

um determinado princípio e um determinado jogo que são os de umas certas estruturas que existem aqui. Há o distribuidor e há o exibidor, que desejam um determinado produto. O Macedo, colocado perante a situação (a de um realizador português que quer continuar a exercer a sua actividade, inclusivamente para poder evoluir), põe o problema, defensável até certo ponto, de que «sim senhor, eu faço esse produto porque posso meter nele as minhas ideias, as minhas obsessões, os meus gostos». Ora eu desconfio que isto não é possível aqui em Portugal. E desconfio porque os resultados, lá fora, nem sempre são brilhantes. O que acontece, portanto, é que o Macedo não lhes dá (às estruturas vigentes) o que elas querem e por outro lado também não faz a fita que quereria. A mim, ao propor a *Abelha*, os dois distribuidores que contactei disseram-me: «não estamos interessados nesse tipo de filme».

D. L. — *Que distribuidores?*

F. L. — A Doperfilme e os Castelo Lopes. «Não estamos interessados nesse tipo de filmes porque estamos convencidos que vamos perder dinheiro. O que nós pensamos que pode dar dinheiro no cinema português não está você interessado em fazer.» Forçado a esta situação, tive que inventar. Aqui nasce a ideia de nos juntarmos — três, quatro ou cinco cineastas — numa casa e servirmo-nos das estruturas

estão dispostas a interferir na medida em que estão dispostas a participar monetariamente na existência de um determinado tipo de filmes. Isso aconteceu-me na *Abelha*.

D. L. — *Essas pessoas tinham qualquer intuito lucrativo?*

F. L. — Não. Não estão interessadas em lucros, não põem prazos para a devolução do dinheiro. São para aí umas dez pessoas, de profissões muito variadas: desde uma hospedeira de bordo a um sociólogo. É estranho — mas acontece neste país.

Logo, parece-me importante que o filme pudesse ter sido feito sem qualquer interferência de exibidores ou de distribuidores. É um filme que nós controlamos absolutamente. É (para aí) o primeiro filme do cinema novo português que é totalmente controlado pelos seus autores, pelas pessoas (e não me estou a pôr como autor único) que o fizeram. Por outro lado, é quase certo que isto não será um fenómeno isolado. O Manuel de Oliveira, por exemplo, quer fazer um filme — e é possível que várias pessoas colaborem com ele. É o caso do Matos Silva, do António Pedro, do Seixas Santos, do Tropa, que vão fazer filmes próximamente — talvez dentro de dois anos, ou menos ainda... Há um projecto de um filme de *sketches*, com quase todos os novos que ainda não fizeram um filme de fundo...

D. L. — *Uma Abelha na Chuva terá aquele mínimo de*

aceitação para que não constitua um fracasso económico?

F. L. — Estou convencido que o filme tem bastante mais defesas que o *Belarmino*. Até porque estamos a fazer muitos esforços nesse sentido. Temos umas possibilidades de defender o filme mesmo fora do país.

D. L. — *Ou principalmente fora do país...*

F. L. — Ou principalmente até fora do país.

D. L. — *E não é um sonho?*

F. L. — Não. Há já uma série de contactos. Até por troca com filmes de outros. A *Abelha* poderá ser trocada com outro filme do mesmo tipo.

D. L. — *...Que serão vocês a distribuir?*

F. L. — Ou a distribuir ou a dar à distribuição, ficando nós a controlar. Isso dá-nos a possibilidade de, em vez de trazer para aqui um Joselito, ir a Espanha e trazer de lá um filme do meu amigo Carlos Saura — que tem dois ou três filmes muito bons, que ninguém consegue trazer cá porque ninguém está disposto a dar mil dólares sequer por um filme dele.

É muito possível que eu troque a *Abelha* com *A Caça*, do Carlos Saura. E quem diz o Saura diz também um realizador novo do cinema francês ou inglês que esteja disposto a fazer esse tipo de troca — embora com os realizadores de Nova Iorque seja mais fácil conseguir isso.

DO QUE INTERESSA (E DO QUE SE DEVE) FALAR

(Da troca de filmes com um mínimo de exigências estéticas passamos naturalmente aos lugares onde eles podem ser exi-



João Guedes em filmagem: na pele do remorso, a coragem

bidos — e à inexistência de um circuito de cinemas de arte e ensaio em Portugal. Lopes diz que a *Abelha* «não é um filme para passar no Coliseu» e que, a haver um circuito de salas especializadas, o *Mudar de Vida* teria tido, possivelmente, outros resultados. Mas a conversa vai longa e eu quero, por último, arrancar ao Fernando Lopes o ponto no i. Que surge enfim. E fim).

F. L. — Ao fazer *Uma Abelha na Chuva* a minha intenção básica, e principal, foi de contribuir para — de ajudar a — preencher aquilo que tem faltado no cinema português: uma paisagem humana. Que é muito variada, que pode ir de *Belarmino* ao *Mudar de Vida*, do *Domingo à Tarde* aos *Verdes Anos* e à *Abelha na Chuva*. Há vários mundos sobre os quais nós devemos falar. Este, o da *Abelha*, é um dos que me interessa.

VICTOR SILVA TAVARES

Madame Kabal

(Continuação da 8.ª página)

presentado por actores, intitulado «Goto».

Esperemos. Quantos anos? Não interessa. Borowczyk está a filmar. Está a criar e sabe que o tempo nada vale e a obra de arte fica. Tem de ficar.

Querem saber o que diz Ado Kyrou no *Positif*?

Apenas isto: «Ela (Madame Kabal) é tão indispensável como Borowczyk o é para o cinema moderno.»

É natural que muita gente considere levemente este polaco como um misógono. A esses lembro as suas palavras a propósito de Madame Kabal:

«Das personagens do meu filme, tenho uma preferência por Madame Kabal, pela simples razão de que gosto das mulheres: Théâtre de Monsieur et Madame Kabal é uma homenagem à mulher».

SETUBAL NINFA DO SADO
DE SANTOS CRAVINA

PREÇO 30\$00



Eduardo Prado Coelho:

Ainda Jorge de Sena

Em artigo anterior, procurei definir a especificidade de *Arte de Música* (*) na obra de Sena. Na verdade, enquanto metamorfose corresponde a um tipo de poesia englobante, implicando um modelo de sujeito dilatado para realidade toda que absorve (isto, pelo menos, ao nível das aparências), em *Arte de Música*, a realidade contrai-se na concentração de um puro virtual, onde o sujeito se apossa e simultaneamente se nega. Há portanto uma metamorfose do estatuto da subjectividade (mas a leitura deste novo livro pode vir alterar os esquemas de leitura do anterior, e assim anular o efeito de metamorfose).

Se voltarmos agora ao inquérito que *O Tempo e o Modo* (*) lançou sobre a obra de Sena, encontraremos aí um texto exemplar desse admirável leitor de poesia que é Fernando Guimarães. Diz-nos ele que há em Sena uma recusa do «circuito definido apenas pela subjectividade», e que isso constitui a base original, e nem sempre como tal percebida, duma poética. Porque é fácil apontar em Sena um discursivismo desenfreado e estonteante de inteligência, e supor que ele é a explosão de um eu excessivo e incontrolável. O que é difícil é conciliar isso com uma facta irrecusável: o facto de esta poesia, no seu desenvolvimento aparentemente linear de discurso subjectivo, possuir uma estruturalidade, uma harmonia, uma arquitectura interna que inevitavelmente pressupõe uma relação primordial a um movimento de estruturação pre-subjectivo. É isso um pouco o que Ramos Rosa também aponta quando aproxima esta poesia da técnica fenomenológica. Mas Fernando Guimarães vai talvez mais longe ao dizer que a poesia de Sena é inesperadamente um exemplo privilegiado de que «entre o eu enquanto sujeito e eu do discurso há um intermediário; e esse intermediário pressupõe várias mediações: o eu desdobrado, o tu, o outro ou os outros. As nossas palavras são o suporte desta alteridade». E assim: «a poesia é, afinal, um diálogo de que os verdadeiros interlocutores se afastam cada vez mais para dar lugar à linguagem».

E talvez assim possamos compreender como esta poesia torrencial nos aparece distinta dum discurso inspirado. Não há inspiração mas, como diz ainda Fernando Guimarães, «algo de homólogo, talvez um automatismo em que o inconsciente se converte no lugar que marca a alteridade possível da linguagem». E Fernando Guimarães cita ainda estes dois versos lapidários:

*«De mim a ti, de ti a mim,
quem de tão longe alguma vez re-
[gressa?]*

ORA é na medida em que a música é o puro desenvolvimento duma estrutura que ela se aproxima da poesia — que é relação com a estrutura da linguagem como alteridade. Daí duas consequências. Em primeiro lugar, o processo é irreversível: «não há regresso após tanta invenção». Tudo é constante metamorfose: «Nem a música, nem nós, somos os mesmos já». Em segundo lugar, se a estrutura é a experiência dum vazio organizado, da invisibilidade percussiva duma escrita, do abismo anterior ao espaço da noite e ao espaço do dia, ela é a suspensão da realidade, conjugação premente do virtual e da evidência das coisas.

*«Será que alguma vez, senão aqui
aconteceu tamanha suspensão da
[realidade a ponto
de real e virtual serem idênticos,
[e de nós
não sermos mais o quem que ouve,
[mas quem é? A ponto de
nós termos sido música somente?]*

O que é um aspecto importante: aqui, onde a arte atinge a sua expressão máxima, aqui o sujeito se dissolve para serenamente se incluir no fluir inicial do que apenas é estrutura, movimento — ou música. Aqui é ainda o sujeito que morre — amortecida a sua queda numa rede de sons. Mas, nesse processo de conversão que já conhecemos, a sua morte acontece, existe, é concreta, e é portanto um momento da vida, nela se integra ainda, e ainda como a música; «o fluir da música nascida / de não fluir mais nada que não seja a vida».

E o mesmo sucede no acto de ouvir essa música. Seria um erro reduzi-la às dimensões da nossa emoção subjectiva: ela não é

«vida minha, mas humana vida / de que sou parte apenas porque escuto».

E, no entanto, se tudo é vida (com a morte e o nada nela incluídos como momentos do que ela é), esse ser que a vida é na irredutibilidade do seu ser existe contornado de mistério, feito enigma no seu emergir da noite que o precede. A arte é o modo mais firme de conter o anel de vazio que nos oprime: «O vida feita uma detida morte!». E contudo, se a arte a detém, é porque dela se aproxima e corajosamente a afronta para nos dizer a nudez longínqua dos seus olhos vazados.

Não é o nada, porque o nada ainda é: é o facto de ser — ser nada. Aquel é algo de mais terrível, algo de mais sinistro, é o indizível que se exige e se impõe, é o incontornável que se ergue, é a pura ausência, tão viva na sua vibração, duma palavra que o diga sem nela o negar no aviltamento do dito.

*«Música do vazio, do vazio, do inútil
[do insensível, do sem vida,
mas, mais terrível que isso, não do
[nada,
já que o nada, a negação, seria
ainda um pouco de consolo dúbio,
um pouco de ternura e de ilusão].*

CONTUDO, esse puro exterior que sempre se subtrai à luz que apenas ilumina o que dele é vazio, esse puro exterior é inevitavelmente o inominável, essa «inevocabilidade divina», esse «seu existir tão fora do discurso com que nos visamos chamando-lhe Deus» de que fala Eduardo Lourenço. E o discurso, esse, por um gesto de traição que o faz humano, nomeia.

Donde, a queda é inevitável. Se a música, introduzindo-nos na «experiência que é a solidão da morte sem palavras», aborda a face do indizível, ela está condenada a dizer-se quanto mais não seja a dizer de si mesma que é música e música é.

Daí a complicitade entre Deus e o Demónio que Eduardo Lourenço indica. Se Deus é o infigurável, toda a arte que o significa é ainda a sua figuração possível. E se o demoníaco tem como essência o nomear das coisas, dizer o infigurável é já nomeá-lo, é já conjugar o Demónio e o Deus no novelo indestrutível da sua aliança.

A arte é o mistério e a luz que como mistério o determina. A arte é o interrogar e a justificação do que nesse interrogar é já sentido, é já liberdade apropriada, é já espaço e tempo combinados, é já «raiz profunda / daquilo que será provável ou possível / como consciência, quando houver palavras / ou quando puramente inúteis forem».

Mas se a arte é apenas o rastro que ficou duma impossível aventura, ela é a experiência do que na impossibilidade nos é humano e possível — apesar de toda a imensa e tão sórdida ausência que nos cega e amordaça. Ela é

*desejo ansioso de que um Agnus Dei
se interponha (ao contrário da morte)
[te] mediador e humano
entre um nada feito música
e outro possivelmente Deus.
E a esperança desesperada de que seja
uma grandeza nossa quanto fique.
de pé, no intervalo entre ambos.*



(*) Jorge de Sena *Arte de Música*, Livr. Moraes, Lisboa, 1968.

Revista *O Tempo e o Modo* — número dedicado a Jorge de Sena — n.º 59 — Abril de 1968.

POESIAS COMPLETAS

edição Poetas de Hoje

Portugal

MADAME KABAL

por Liberto Cruz

Ainda não tem a popularidade da Rosa do Adro, não é tão discutida como a Madame Bovary nem tão pouco é admirada como qualquer Fifi Pirova cujos gorjeios são um autêntico calvário para o contribuinte em dia. Não, não é. Mas podem ter a certeza que o seu nome há-de ultrapassar fronteiras, galgar muros e quintais, percorrer continentes e transformar-se num exemplo cómodo e barato para todos os frustrados do matrimónio. Atenção pois, gente da cultura!

Permitam-me que a apresente:

Madama Kabal (Alice Kabal) é alta, feia, usa postigos, tem pernas de alicate, uma boca enorme e a celebríssima penca do Cirano de Bergerac era um amorzinho de nariz comparado com o desta respeitável senhora. Alice (chamemos-lhe assim porque a gente conhece-a bem) é implacável, destruidora, tirana, deliciosamente cruel até ao requinte, mas desde que aparece no écran, com a cara que ela própria escolheu (as caras fazem-se a si próprias, como diria o filósofo Luca Giovanni...) o espectador sente-se atraído e dominado (também) por essa mulher fatal. E num louco e obsessivo ritmo assistirá durante uma hora e vinte minutos às aventuras do quotidiano vividas por Madame Kabal e seu pequeno, triste e definido mas altamente erótico cara-metade. Como um rafeiro que teme os pontapés do dono, o senhor Kabal adivinha-lhe os pensamentos, corre célere a levar-lhe o que ela necessita, sempre tristemente forçado a interromper os lúbricos e gulosos olhares que, mercê dum binóculo de longo alcance, lança para a mulher do próximo ou não. Compreensivo e amigalhão o realizador substitui a bonecada por figuras de mulheres, a cores e tudo.

Terminado o espectáculo, Madame Kabal acompanha-nos, obriga-nos a olhar à nossa volta, a descobrirmos que aquele mundo alucinante onde penetrámos durante oitenta minutos não está, no fim de contas, muito longe do nosso tristonho e diabólico cosmos.

Sátira impiedosa ao matriarcado, o autor desta longa metragem de desenhos animados, que a elástica (por vezes) censura francesa proíbe aos menores de 18 anos, chama-se Borowczyk. Melhor: Walertan Borowczyk. Nascido na Polónia, em Kwiez, há 45 anos, realizou até agora uma boa dúzia de curtas metragens. Estudou pintura em Cracóvia e interessou-se pela litografia. Na Polónia fez: *Era uma vez* (1957); *A Escola* (1958). Em França: *Os Astronautas* (1959); *O concerto* (1962); *Holy Smoke*, *Enciclopédia da Avó*, *Renascença* (-963); *Brincadeiras dos Anjos* (1964); *O Dicionário de Joaquim* (1965); *Rosália* (1966).

Chegado à Pátria dos Irmãos Lumière em 1959, Borowczyk tem trabalhado exaustivamente com uma meticulosidade, um escrúpulo e um profissionalismo dignos da maior consideração. Aliás a atribuição do Prémio Max Ernst em 1967 pelo conjunto da sua obra não surgiu por mero acaso nem pelas razões que há tempos neste jornal apontava Constantino Esteves. *O Théâtre de Monsieur et Madame Kabal* (é este o nome completo da fita) ocupou-o durante dois anos. Daí resultou este incisivo estudo, este panorama atento e



Mme. Kabal. «Não tão popular como Mme. de Bovary...»

lúcido, dolorosamente cruel e ridículo sobre a nossa época.

Mas este teatro do Senhor e da Senhora Kabal está ainda recheado de monstros terríveis que não pertencem a nenhuma categoria dos animais domésticos mas os ultrapassam delirantemente. São monstros devoradores cheios de manhas e habilidades, de encanto e ferocidade. Imagens e música completam-se e ajustam-se perfeitamente dando origem a seres e coisas estranhíssimos. Coisas que o espectador tem e precisa de descobrir. É necessário estar atento, ter olho vivo, seguir com o mesmo cuidado tanto os passos mecânicos de Madame Kabal como a direcção dos binóculos do senhor Kabal. Ambos nos fornecem perspectivas inesperadas, o outro lado da realidade, o mistério tantas vezes oculto do comecinho. Em cada um se geram pesadelos, se arquitetam vinganças, se desenvolvem sonhos cor-de-rosa, se deslumbram laivos de loucura, de serena crueldade, de pacata criminalidade de fortuita esperança.

Assim não se devem estranhar os tiros súbitos e inexplicáveis que fazem cair pássaros, que põem em movimento novos seres e novas coisas, que fazem correr pequenos e grandes monstros, que nos arrastam até à casa medonha e fascinante deste simpático e atraente casal. Ai o *home, sweet home* onde tudo é possível, até o amor dum casinho de falcoes. Alcapões que se abrem, tampas que se fecham, postigos que rangem, chaminés que se deslocam canos que gemem, paredes que se queixam, o que é isso numa casa onde alguém reina beatamente?

Revestido duma aparente e real loucura, duma proposada e consciente desordem, duma firme monstruosidade, duma anárquica beleza, dum abominável mas salutar humor, esta fita de Walertan Borowczyk dá-nos pontapés nas canelas sem dó nem piedade. Servindo-se da imaginação e abusando do abstracto, acaba por nos fornecer um quadro eficaz, como ele próprio afirmou. Altamente eficaz acrescente-se.

A segurança com que trabalha, a certeza com que narra, a humildade com que envolve a fita, a paixão delirante com que filma levam-nos a concluir (parafraseando Almada Negreiros) que não sabe ser outra coisa se não pelo cinema. E não tenhamos medo de gritar que é um homem de talento.

Segundo os *Dossiers Art et Essai* (n.º 28 de 7/6/67) Borowczyk prepara uma nova longa metragem, onde abandona o animado por um cinema re-

(Continua na 7.ª página)